

REVISTA DA SEMANA

N.º 2

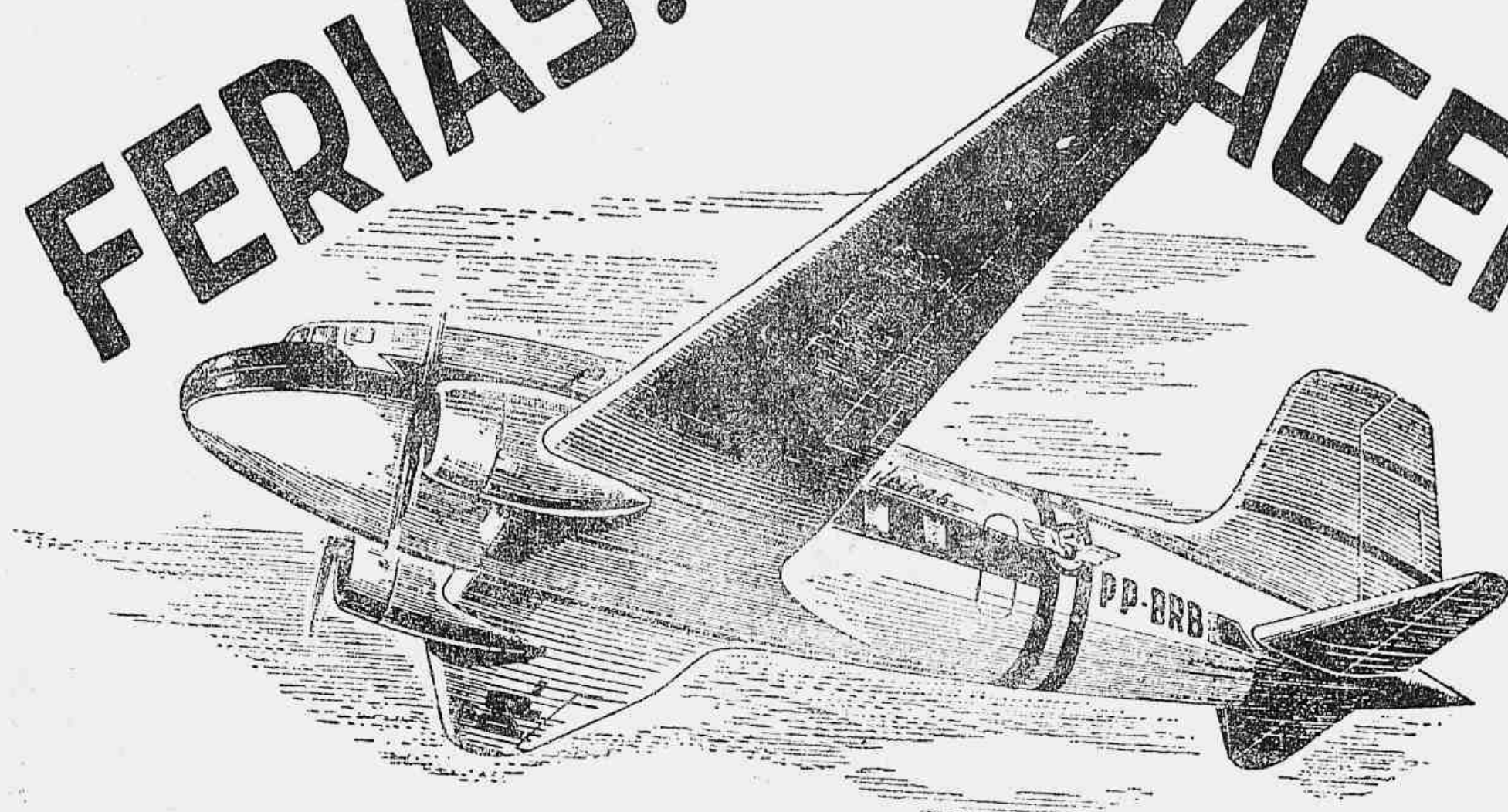
Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

8-1-49



FÉRIAS.

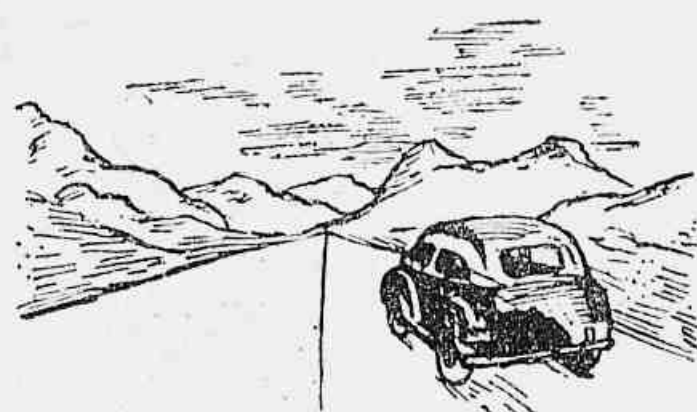
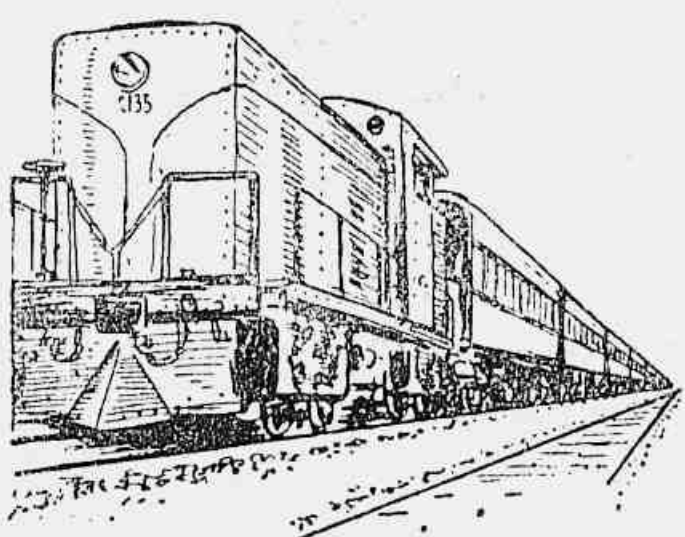
VIAJEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
—Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

COMO todas as vidas novas — criança ou tempo, árvore ou molusco — 1949 surge-nos embugado nas dobras do mistério. E' belo ou feio? Parece-se ao avô, ou tende mais para o pai?... Seus vagidos, perfeitamente iguais aos dos outros recém-nascidos, nada nos esclarecem a êsse respeito.

Vimos como o seu antecessor viveu rápida e tumultuosamente. Ainda o cuidávamos menino, e já estava homem maduro; mal nos habituáramos ao seu bigodinho preto, e já era ancião, de barbas alvas e perfil corcovado! Com esta trepidação estonteante da vida contemporânea, os anos parecem brotar de incubadeiras elétricas. Não é o tempo que os choca: são as forças mecânicas do século. Em breve os anos terão, apenas, oito ou seis meses, e êstes — dez a quinze dias... As horas correm como as águas das enchentes para o leito profundo dos rios. E, com elas, se nos vai a vida, tal como aquela flor da poesia de Vicente de Carvalho que a fonte ia levando, apesar dos protestos e lágrimas da infeliz...

Cada um de nós dá um balanço à sua vida e sente que o Ano Velho mais lhe roubou bens antigos do que lhe trouxe felicidades novas... Amigos mortos, esperanças desfeitas, novos e maiores desenganos, que sei eu? O passivo do ano findo pesa-nos como uma placa de chumbo sobre a nossa alma lacrimosa... O tempo vai-nos desfalcando, dia a dia, a faculdade de ter esperanças... Os moços, êstes sentem em tórno de si a mesma alegria cósmica que deslumbrou a alma de Adão ao sentir-se envolto na atmosfera cariciosa do Paraíso... Tudo é novo — e sobretudo é nova e encantadora a vida! O instinto torna-os aptos a fruir os mil prazeres pequeninos de cada hora. Ainda não lhes chegou o momento amargo de meditar sobre as ruínas dos seus sonhos desfeitos... Por isso, os jovens são ousados e empreendedores. Alexandre ao morrer com 34 anos tinha já conquistado a maior parte do mundo antigo. Bonaparte com quarenta e seis tivera sob a sua bota uma dúzia de reinos e impérios da Europa. A Providência poupou-lhes os monólogos frios da velhice. Morreram ou na mocidade plena ou na maturidade radiosa. As grandes vidas precisam de ser curtas para serem completas...

O tempo — eis o grande agente corrosivo, assim das coisas inertes como das pessoas sensíveis! Os impérios, as cidades, os monumentos e as casas, a tudo destrói, com maior ou menor rapidez. As pirâmides do Egito, que têm 4.000 anos, já não são as mesmas do tempo dos reis que as mandaram edificar, como símbolos da sua riqueza e desafio à Eternidade. Herculano e Pompéia são ruínas subterrâneas. A metade de Roma são praças desfeitas e pedras mutiladas. E que dizer de Atenas, cuja herança opulenta já teria submergido no pélagos dos séculos se não fôra o milagre do livro — que a mantém e preserva? Os mesmos cemitérios desgastam-se — o que mostra que nem a morte escapa à morte do tempo... "Atreve-se o tempo a monumentos de mármore, quanto mais a corações de cera!" — disse o maior dos pregadores da língua vernácula, o assombroso padre Antônio Vieira.

Êste — o coração — é a maior vítima dos anos. Muda e, com êle, mudam as vidas e mudam os destinos. O que era sol ardente, hoje é ocaso; o que era frescor, hoje é ruína; o que era sonho lindo, hoje é amargo despertar. As pessoas não se conhecem se se revêem no espelho do passado. As mesmas ruas mudam — e o símbolo da vida humana parece ser a mesma roda da fortuna, que incessantemente gira e regira.

A predestinação destas metamorfoses estava, já, na ordem primitiva do universo. A Terra anda; seu satélite gira; os mundos rodam, e, neste valsar de estrêlas e planetas, acaba-se a vida de uns e apaga-se a luz de todos. Se a Terra de hoje não é a mesma da época terciária ou quaternária; se o nosso corpo de agora não é o mesmo de há dez ou vinte anos; se a mesma luz que nos alumia não será a que verão os nossos netos — por que estranhar que tudo mude, ou se altere, ou se perca, ou se acabe?...

Eterna mudança de tudo, nisto está a ordem e harmonia das coisas! Se não mudássemos, morreríamos de tédio; e se vivêssemos sempre, em breve atulharíamos o planeta — que seria como uma Sapucaia coberta do lixo dos séculos!

Amigos, não maldigamos o tempo, e envelheçamos rindo, como aquelas boas árvores de Bilac, certos de que o tempo é o grande consumidor das coisas, consoante o sábio preceito latino

TEMPUS EDAX RERUM

BERILO NEVES

Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SEÇÕES PERMANENTES

1949 (Berilo Neves)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A Saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	48

REPORTAGENS

Saci Pererê no Teatro Municipal	4/7
Visita ao Museu da Marinha em Paris (Nelson Vainer)	15/17
Onde os chineses vivem em paz (Von Hoffman)	28/33
Seis homens alcançaram a glória (A. Migueis)	55/58

LITERATURA

Livros Novos (João Luso)	10
--------------------------------	----

CARICATURA

Bom humor	11
...e o verão chegou	50

CONTOS

Pequenina (Neyde Joppert)	12/13
O péso do tesouro (B. M. Gomes)	20
Clotilde (Alves Costa)	42

RÁDIO

Broadcast (A. Migueis)	14
------------------------------	----

BIOGRAFIA

A vida de Thackeray	18
---------------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	19
Que calor!	21
Beira-mar	22/23
Cabelos	24
Variações sobre um colar	24
Para o calor	25
Modêlo conversível	26
Mães e filhos (Anamaria Célia)	27
Blusas para o verão	27
Listras	34
Detalhes e novidades	36
Cabeças	37
Idéias práticas	37
Week-end na cozinha	38
Boa viagem	40/42

NOVELA

As surpresas de um professor (Barry Perowne)	44/45
--	-------

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	46
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max) ..	47
--------------------------------------	----

ARTES PLÁSTICAS

Manuel Madrugá	49
----------------------	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------------	-------

NOSSA CAPA

REVISTA DA SEMANA

E' da encantadora "estrêla" do cinema de Hollywood, Barbara Stanwyck, a capa da REVISTA desta edição. Seu último filme exibido no Rio foi "A rebelde" da Metro-Goldwyn-Mayer, com Van Heflin.





Saci Pererê, na interpretação graciosa de Nêa, medita, empoleirado num galho. Qual será a próxima travessura?



"Pequenina boneca de pixe, metida no traje alvíssimo que é o uniforme do bailado clássico nos palcos do mundo inteiro" — foi assim que Nêa conquistou o público carioca

SACÍ PERERÊ NO TEATRO MUNICIPAL

SURGIU, há bastante tempo, na sede da União das Operárias de Jesus, a menina Nêa Alves de Souza. Aquela lar carinhoso, onde se abrigam crianças pobres, recebeu-a e deixou-se conquistar pelos olhinhos expressivos, sempre arregalados, pelo sorriso exibindo dentes muito brancos.

Como na União das Operárias de Jesus não existe hierarquia, a não ser a que cada um estabelece, por si mesmo, pela habilidade, pela competência, pela dedicação, Nêa não podia ficar excluída de nenhum dos setores da atividade da instituição. Assim, suas mãozinhas logo se adestraram, nas aulas de bordado, enquanto aprendia as matérias habituais dos cursos adequados à sua idade e preparo, incluindo-se entre estas o inglês.

No ambiente de expansão e alegria, que reina na casa verdadeiramente cristã, onde vive, Nêa vai crescendo, e revela, na vocação espontaneamente manifestada e cuidadosamente cultivada pelas preceptoras, que a inteligência viva, a finura, a sensibilidade não constituem privilégio desta ou daquela raça. Não é a cor da pele, mas o talento bem aproveitado e conduzido, bem amparado e assistido, que dá acesso às culminâncias da arte.

"SE EU FOSSE MÃE"...

Nêa não procurou, logo, o "ballet".

COM DEZ ANOS DE IDADE, NÊA JÁ ESCREVEU UM DRAMA E DANÇOU NO TEATRO MUNICIPAL UM "PAS DE DEUX", DE TCHAIKOVSKY ★ BAILADO E CÔR ★ UMA TRAVESSURA E UMA REVELAÇÃO ★ ARMAZEM, QUITANDA E BORDADO

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Antes, ficou fascinada pelo teatro e chegou a escrever uma peça, representada pelas suas companheiras no teatrinho da União. Observe-se, no drama, onde ela aplicou os recursos de sua imaginação infantil, as idéias sadias que a União das Operárias de Jesus difunde e cultiva nas crianças que ali vivem.

A autora, vencida, em sua timidez, pelas nossas perguntas perseverantes, nos deu um resumo da peça, hoje esquecida, diante dos entusiasmos mais recentes despertados pelo contacto com o "ballet".

"Se Eu Fosse Mãe...", explicou-nos Nêa, é a "história de uma moça que era muito ruim. Ela tinha uma porção de filhos e eu representava uma das filhas e ela vivia brigando com a gente. O pai era bom e a mãe um dia fica doente e vai embora e não volta mais. Ela deixa

as filhas com o pai, mas na hora de ir, ela se arrepende das maldades e chora. As filhas também choram". "Todo o mundo chora", conta-nos Nêa.

— E depois, Nêa, que acontece?

— Ela vai embora; a gente — quer dizer — as filhas ficam muito tristes e o pai consola a gente, quer dizer, consola as filhas.

— Mas se a mãe era tão ruim, por que as filhas ficam tristes?

E Nêa, com simplicidade, afirma:

— Ela era ruim, mas era mãe delas!

UMA TRAVESSURA E UMA BAILARINA

Mas a literatura e o drama não prenderam muito tempo o espírito de Nêa. Ela começou, logo, a observar, de longe, as aulas de dança das colegas. Um dia, achando uma sapatilha de Orlanda, a

"estrelinha" do conjunto resolveu experimentar "umas pontas". Compenetrada, alçando-se nas pontas do pé, imitou, com aplicação e entusiasmo, as companheiras bailarinas. Vendo seu interesse, incluíram-na na aula de bailado.

Teve início, então, árduo período de estudo. Quem observa, encantado, a harmonia da composição plástica do bailado não pode calcular o esforço persistente, o adestramento constante, as aulas exaustivas que representa cada realização. Redobriam os aplausos se o público levasse em conta a luta do mestre para orientar a graça indisciplinada e travessa das pequenas discípulas, apelando para a imaginação e a fantasia das crianças, assim como se se considerasse as horas que, num espontâneo sacrifício à arte, elas ficam, no estúdio, estudando, praticando, trabalhando na marcação de novos bailados, ensaiando.

Tudo isso, porém, é compensado pela calorosa simpatia com que as acolhe o público. Quando Nêa pisou no palco do Municipal, pequenina boneca de pixe, metida no traje alvíssimo que é o uniforme do bailado clássico, quando, repetindo os passos de gerações de bailarinas de outras raças, mostrou que, na sua fragilidade, na sua graça de menina, trazia o argumento definitivo para derrubar a intriga dos preconceitos, as palmas soaram



Solidariedade e cooperação nos bastidores: Orlanda, a "estrelinha" do Corpo de Baile da União das Operárias de Jesus ajuda Nêa nos preparativos para a estréia no Municipal

e insistentes pedidos forçaram a concessão de um "bis" aplaudidíssimo.

ARMAZEM, QUITANDA E BORDADO

Mais tarde iríamos surpreender Nêa

entre as companheiras da União das Operárias de Jesus. Admirável é, sem dúvida, o espírito de solidariedade, a simplicidade que D. Clotilde soube desenvolver nas suas protegidas. Orlanda, a



"Chiquita", mascote da União das Operárias de Jesus, pausa, dócil, no dedinho da pequena bailarina. Nêa sorri, satisfeita

pequenina "estrêla", servia no balcão do pequeno Armazem Iellê, da União, os fregueses. Ali mesmo, fomos servidos por Nêa. Mais adiante, uma minúscula quitanda. Em tórno, salas de aula abertas,

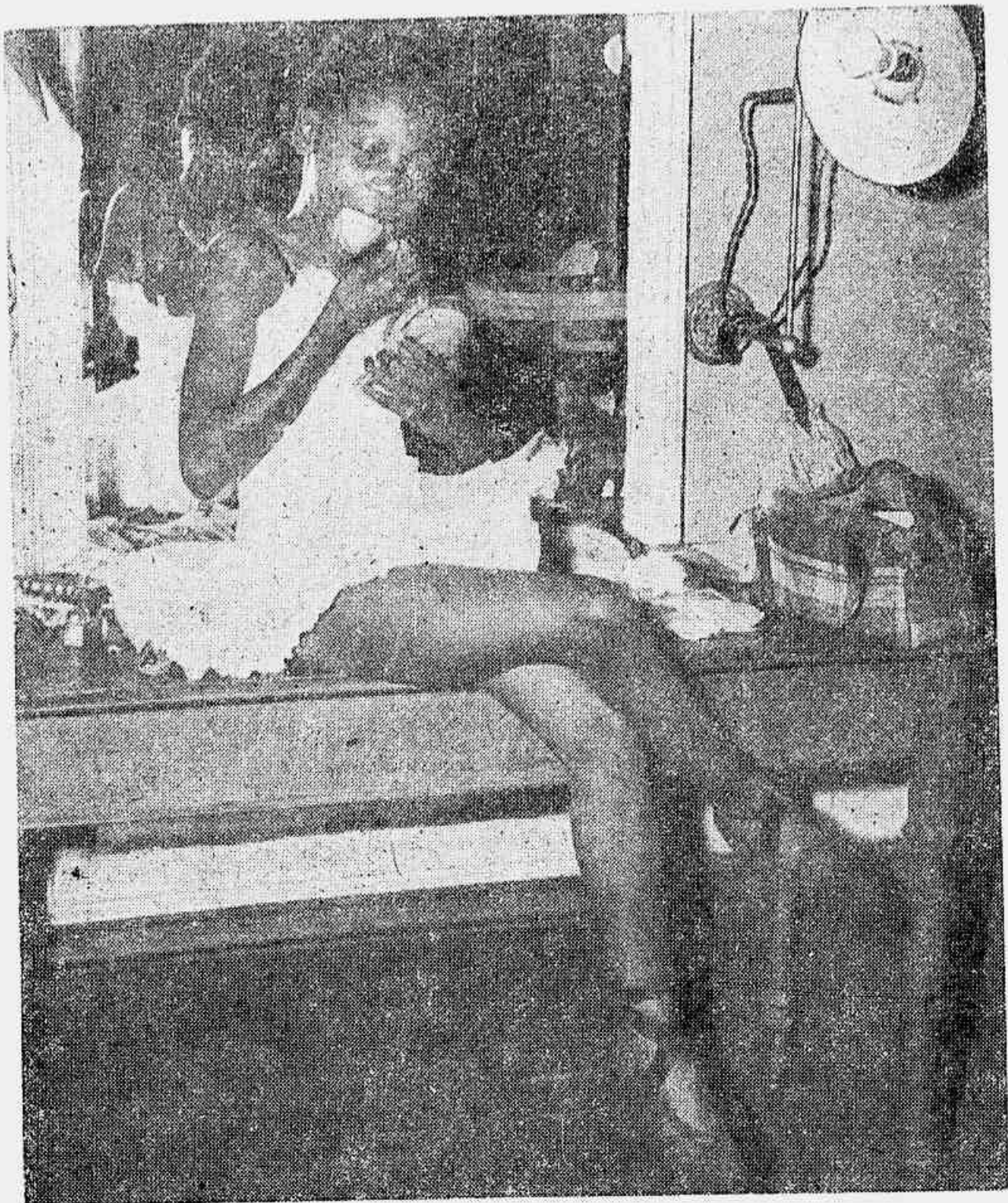
onde entra o sol e onde reina a alegria. A mesma efusão espontânea que tanto encantou os que viram dançar o Conjunto Coreográfico se encontra em tudo o que se faz na União das Operárias de



A União das Operárias de Jesus aboliu as barreiras dos preconceitos raciais: Nêa e um japonezinho confraternizam-se



Terezinha, outra pequena bailarina, mostra como Nêa se apresentará no palco do Municipal para dançar com Iellê, um "pas de deux"



Últimos retoques na "maquillage": facelra, Nêa não esquece o "baton"

Jesus. Ambiente de serena alegria, de paz reconfortante.

Na aula de bordado, além, divisava-se mais uma pequena bailarina, Amélia. Teresinha veio servir de cicerone à reportagem e mostrou o bazar de produtos do trabalho das oficinas da União, que serão vendidos para auxiliar as despesas.

Nêa brincava, alegre, no meio das companheiras. Nos seus olhos travessos brilhava a malícia de Saci Pererê, que Nêa interpretou no "ballet" Sesta. Uma professora contou-nos:

— E' muito travessa!

Nêa riu. "Chiquita", pássaro dengoso, empoleirara-se em seu dedo, e pedia que lhe coçassem a cabeça. Nêa não recusou.

Veltchek, coreógrafo, mestre das pequenas bailarinas, ia passando. Perguntamos sua opinião sobre o futuro de Nêa. E o professor, lançando um olhar paternal na direção da aluna, confirmou o nosso juízo: tem um futuro promissor à sua frente e, se cumprir tôdas as promessas de seu talento, poderá, realmente, realizar sua missão, que é mostrar ao mundo que ballado clássico não é privilégio de uma raça.



Na União das Operárias de Jesus, todos trabalham num ambiente alegre: Nêa serve o "repórter" no balcão do armazém Iellê. Ao fundo, Hilda, outra pequena bailarina, arruma uma prateleira





Nem sempre nos é dado o prazer de incluir nesta coluna o nome de uma personagem nacional ou internacional, em virtude de feitos que a inteligência inspira, ou de vitórias no mundo das ciências, das artes e das letras. Os fatos que convulsionam o mundo nos levam a escolher certos nomes que vêm para esta página, através da tragédia ou de um drama político.

E' justamente o que acaba de suceder com o primeiro ministro do Egito, Fahmy Nokrashy Pachá, assassinado por um estudante, a tiros de revólver, por motivos de natureza política internacional.

Com a renúncia do seu antecessor, o rei Farouk o convidou a assumir a chefia do governo de seu país, e Nokrashy, embora reconhecendo os tremendos perigos por que ia passar, não declinou do chamado e subiu ao pósto.

Ao penetrar no Ministério do Interior, foi alvejado, morrendo incontinenti.

O fato causou sensação em todos os países orientais e repercutiu extraordinariamente na Europa, saindo todos os grandes jornais do mundo com extensos dados biográficos do morto, pelo que se verificou que se tratava de uma personagem de ele-



vados méritos, um homem de cultura e de serviços ao seu país, já tendo mesmo sido preso como revolucionário.

Mas, como sucede em todos os países, especialmente naqueles em que a exploração política internacional pode fornecer elementos destinados às mais perigosas fermentações, o Egito possui centros de partidos mais ou menos clandestinos onde os conspiradores se reúnem e lançam a sorte para ver quem terá de eliminar determinadas pessoas opostas aos fins de tais sociedades revolucionárias.

Já vimos o que sucedeu ao mediador da Palestina, o conde Bernadotte, vítima de elementos fanatizados por suas idéias políticas de natureza nitidamente internacional.

O falecido "premier" do Egito também caiu pelas mesmas causas. Parece que naquelas regiões do Oriente Próximo os partidários de determinadas correntes políticas não querem mais achar os remédios para suas reivindicações, nos meios lícitos que a paz nos mostra: eleições ou manifestações populares pacíficas, diante dos palácios governamentais.

Aqui pela América do Sul, embora tenhamos que registrar, de ora em quando, atos de violência contra regimes, com derubadas de governos pelas forças armadas, felizmente não vemos esse recurso para a eliminação do indivíduo executado, calculada e friamente, como meio extremo para modificar diretrizes governamentais. Além de não darem o menor resultado, ainda mais contribuem, tais processos, para aumentar o desassossego das nações e criar um estado de inquietação que somente retrocessos trazem ao povo.

a SEMANA

EM REVISTA

A EXTINÇÃO DOS CONSELHOS

Providência acertada e que já estava tardando, é esta de acabar-se com tanto Conselho a florescer por entre atribuições nitidamente ministeriais. Já está sendo elaborado o ante-projecto que o presidente da República entregará ao Congresso na próxima legislatura, acabando com o dilúvio de Conselhos e criando o Conselho Nacional de Economia, de acordo com a Constituição de 1946. Serão extintos: o Conselho Nacional do Petróleo, o de Águas e Energia Elétrica, o Conselho Nacional do Comércio Exterior, os Institutos do Sal, Açúcar, Mate e outras autarquias de caráter econômico. Mas falta ainda, sr. presidente da República! Falta acabar com o D.A.S.P., organismo enquistado no corpo administrativo da União e que já devia ter sido dissolvido e o seu acervo pessoal exatamente necessário confiados e absorvidos pela Secretaria da Presidência. O que restasse de Institutos de natureza econômica, como o do Pinho, do Mate, passaria para o Ministério da Agricultura; para o da Agricultura deverão ser levados os acervos do I. A. A. e do Conselho de Energia Elétrica, bem como o do Petróleo. Os restos mortais do Conselho do Comércio Exterior ficariam adidos ao Itamarati. E' preciso acabar com esses departamentos federais com organização autárquica, que só servem para avolumar o já excessivo dispêndio que custa à União o sustento desses viveiros de empregos de toda casta. E o melhor seria se fôssemos adiando essa criação do próprio Conselho Nacional de Economia. E' da Constituição, mas, como muita coisa que ela determina não se está cumprindo, não seria mau que também nos esquecêsemos disso. Ai, sim, seria um bom conselho...

PLANO DE AUSTERIDADE

Desta vez a originalidade não vem dos Estados Unidos. Vem-nos do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre se reuniram delegados de todos os partidos políticos da terra gaúcha e firmaram um pacto sensacional: um verdadeiro "gentlemen's agreement", que, em tradução livre, significa "Plano de Austeridade". Que vem a ser isto? As bases desse convênio ou pacto são as seguintes: todos os que têm sua vida ligada aos cofres oficiais, do município ao mais alto cargo do Estado, terão que reduzir suas despesas, estando firmado ainda o corte nos subsídios do governador e dos senhores deputados! Não é assombroso, caríssimo leitor? Esse plano de austeridade não devia ficar resumido ao Rio Grande do Sul. Devia ser incorporado imediatamente ao Plano Salte, com efeito retroativo... O que está ocorrendo em nosso país é qualquer coisa de insano, de louco, de absurdo. Até há pouco tempo, somente os operários mal pagos gritavam por aumento de salários. Se não eram atendidos, derivavam para as greves. Hoje vemos que o desejo de aumento de vencimentos começa pelas altas esferas do mundo oficial. O absurdo do aumento em nove contos de réis mensais nos vencimentos dos legisladores federais, ainda tonteia o analista de nossos costumes políticos. Tivemos há poucos dias uma greve de médicos e engenheiros funcionários da Prefeitura de S. Paulo, os quais entraram em greve por aumento de salários. Em vários Estados da União as respectivas Câmaras elevaram os subsídios de seus licurgos. Mas o Rio Grande nos dá uma esperança com o seu incrível Plano de Austeridade.

CASAVA POR TIMIDEZ

E' inesgotável esta natureza humana. Embora já esteja a ciência das neuroses muito rica de classificações, ainda temos muita coisa que ver por esse mundo a fora. Em Ulm, na Baviera, segundo telegramas que vieram para a nossa imprensa, um jovem de nome Erich fora preso e metido no xadrez por delito de trigamia. Iludira três jovens com as quais se casara prometendo-lhes toda a sorte de felicidades. Mas nem todo dia é lua de mel, e o rapaz foi conduzido à presença do juiz para explicar-se. Suas razões foram emocionantes. Era casado mas, certo dia, uma jovem muito linda lhe fizera a corte. Não tivera coragem de desludir a namorada espontânea e, por timidez, casara-se com ela. Mas, por azar seu (dele, é claro), surge-lhe pela frente uma terceira moça ainda mais bela do que as anteriores, e o nosso Erich Waldkraut é assediado pela mesma, não podendo fugir aos seus olhares lânguidos e beijos ardentes. Por timidez, naturalmente, desposou-a. O jovem bávaro era muito querido por todas; mas, como as leis não permitem tanta timidez em matéria de casamento, um dia as esposas anteriores descobriram o paradeiro do menino acanhado e gritaram por justiça. Formada a Corte local, foi ele conduzido debaixo de vara para o tribunal e ali se defrontou com as mulheres ludibriadas. Suas explicações causaram hilaridade. Sua poligamia era fruto de seu acanhamento. Não achava jeito de evitar o "conjugo vobis" porque sua timidez impedia. Não queria causar decepção à noiva seguinte dizendo que já era casado com uma anterior... Até agora sabíamos que o indivíduo deixava de casar por timidez; mas ficamos sabendo que também há quem se case com muitas também por timidez. Se a moda pegar, timidez passará a ser grande prova de coragem!

SINAIS DOS TEMPOS

Flammarion, o imortal poeta do firmamento, o Júlio Verne do infinito, já provou que não é somente a Terra que possui vida orgânica. Há por esses espaços sem fim outros mundos habitados. Sua asseveração se baseava em deduções e lógica auxiliadas pelas observações que fazia como grande astrônomo que era. Certa vez houve quem afirmasse com absoluta convicção que Marte era habitado. Na face observada pelos nossos telescópios teriam sido descobertos sinais de linhas retas que só podiam ser canais abertos pela mão do homem. Além disso, pela análise espectral Marte possui atmosfera respirável, condição essencial para a vida de gente mais ou menos com as vísceras ao jeito dos terrestres. Depois, com o advento das ondas hertzianas e os aparelhos de Marconi, também houve quem afirmasse que alguém, habitando planetas de nossa órbita, estava a mandar para a Terra sinais misteriosos. E logo todos se lembraram dos marcianos. De nenhuma emissora da Terra partiram aqueles sinais misteriosos. Só poderiam ter sido coisa de gente dos outros mundos habitados. Mas, infelizmente, parece que faltou energia também lá, e nunca mais se perceberam tais mensagens. Agora, porém, o astrônomo californiano Jesse L. Greenstien comunicou, na 80ª Reunião da Sociedade Astronômica Norte-Americana, que ele havia captado sinais de rádio vindos de alguma estrêla. O assunto, como é natural, despertou sempre muito interesse entre os homens que vivem com o olho na Via Láctea à procura de novidades siderais. O que faz temer é, com efeito, a possível aproximação entre dois planetas. Tudo começa com discurso e música; depois... nem é bom falar.

TAMBÉM S. PAULO

Já comentamos num destes topicos o caso inacreditável que nos vinha de Porto Alegre, acerca de economia para os cofres públicos; folgamos, agora, em citar este outro episódio passado agora mesmo na capital paulista: o deputado Juvenal Sayon apresentou à Assembléia Estadual um projeto reduzindo em dez por cento o subsídio dos deputados paulistas, a fim de que possa ser pago o salário-família do funcionalismo da Casa sem onerar o erário público. Falando à imprensa, o deputado Sayon declarou que se torna necessário que os representantes do povo deem uma demonstração de capacidade de sacrifício, de espírito público e de amor ao regime. Muito bem! O diabo é que ninguém sabe se esse projeto foi aprovado e já entrou em vigor. Não basta que haja boas idéias de moralização de nossos costumes que estão ficando muito egoístas; é preciso que as mesmas sejam postas em prática e fiquem a luzir no alto de nosso destemor e altruísmo. Seja como for, porém, esse exemplo do deputado paulista é digno de aplausos e uma prova de que ainda há quem pense no futuro de nossa terra. Como vão as coisas é que não é mais possível. Os orçamentos são devorados pelo Moloch insaciável de aumentos e abonos de todos os calibres, forçando maiores do tributo, encarecendo o custo já intolerável da vida, numa nação pobre, de gente analfabeta na sua maioria, e com todos os seus problemas instantes ainda por solucionar. São Paulo e Rio Grande do Sul merecem nossas palmas. Ficamos esperando o resto, isto é: se tudo está sendo executado.

DE CHINELOS E CAMISA...

O singular deputado Barreto Pinto já se deixou fotografar em seu domicílio em trajes bastante menores para despertar a curiosidade de muitos, e com suficiente força para immortalizá-lo nos anais da excentricidade. Nunca pensou, porém, que suas veleidades supermentalistas chegassem a comprometer o próprio decóro do nosso Legislativo Federal, a ponto de num dos últimos filmes nacionais de enredo e longa metragem uma das personagens ter-se vestido de cueca e fraque, pretendendo sair à rua sob a alegação de que estava vestido "à deputado". Assim como ninguém pode falar em cavalos nobres sem lembrar-se do "Incitatus" de Cálígula, também não se fala hoje em cueca sem associar a essa peça de roupa o nome do sr. Barreto Pinto. Mas não há primeiro sem segundo, diz o matuto na filosofia de um dia atrás do outro com uma noite no meio. O deputado pelo P.T.B. já não mantém o cetro de originalidade em matéria de indumentas legisferantes. Em S. Luis do Maranhão o seu colega Torquato Machado foi muito mais longe! Estando esse licurgo de licença (talvez licença-prêmio), havia dois meses que não dava as caras na Câmara do Maranhão. Inesperadamente veio que volta à Assembléia e toma lugar na sua bancada em mangas de camisa e... de chinelo! Vozes de revolta do P.S.T., do P.R. e de outras iniciais maiúsculas verberaram o achincalhe à majestade do recinto e procuraram pô-lo fora da sala augusta. Torquato não se submeteu e revólveres luziram no ar. No fim, serenaram os ânimos e o deputado sem roupa meteu o carioca num chinelo. O Barreto para Torquato Machado é pinto...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 2 — 8-1-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00
---------------------------	-------------	------------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

★ ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Prisão do cardeal Mindszenty, primaz da Hungria. Segundo o "Daily Mail", de Londres, desejaria a Rússia um melhor entendimento com o Ocidente. Comemorado no Instituto Histórico o centenário da "Revolução Praieira", tendo o sr. Barbosa Lima Sobrinho feito longa conferência sobre esse acontecimento histórico. De Paris escreveu um correspondente diplomático que tivemos em 1948 um sombrio ano de "guerra fria" entre os Estados Unidos e a União Soviética, tendo seu clímax na enervante crise de Berlim. Mostra-se Henry Wallace contrário às opiniões de Forrestal, alegando que as novas propostas de defesa norte-americana "marcariam um passo decisivo para o estabelecimento de uma ditadura militar nos Estados Unidos". Volta ao cartaz "Deus lhe pague", de Joraci Camargo. Prossegue o avanço dos bolchevistas chineses, parecendo estar Chiang-Kai-Chek favorável às negociações de paz. Como medida de economia nacional, foi proibido na França o consumo de energia elétrica em anúncios luminosos. Robert Schumann, ex-"premier" francês e atual ministro de Assuntos Estrangeiros, irá a Londres a fim de entender-se com Attlee, Bevin e outras altas personalidades políticas da Inglaterra. Philip Murray, presidente da C.I.O., fez ver a Truman que a lei antigrevista Taft-Hartley poderá ser substituída pela velha lei Wagner, em vigor na época do "New Deal". Julgados os oito acusados de coparticipação no assassinio do Mahatma Gandhi. Em Belo Horizonte, os pingentes não mais pagarão passagens de bonde. Permanece em mistério o paradeiro do monge desaparecido nas matas da Tijuca. O Teatro Experimental do Negro apresenta "Aruanda". Stalin completa 69 anos, mas o Politburo deixa passar a data em branca nuvem. Foi publicado um comunicado das seis potências sobre o problema do Ruhr. O Conselho de Segurança da O.N.U. debateu a questão entre a Holanda e a Indonésia. Dizem de Budapest que a prisão do cardeal Mindszenty se prende a uma conspiração de caráter monarquista. Foi assassinado o "premier" do Egito, Nokrashy Pachá, por motivos políticos. Chegou a Paris o sr. Churchill. O presidente do Chile fará um apelo a todos os povos da América para que se lute pelo regime democrático. Anuncia-se da Batávia que a Holanda resolveu suspender a luta com a entrada do Ano Novo. Em sua declaração de Ano Novo, Chiang-Kai-Chek anunciou que está disposto a fazer a paz com os comunistas. Anunciam que os chefes do exército rebelde da China jamais aceitarão entrar em acôrdo com Chiang-Kai-Chek. Retirou a Rússia suas tropas da Coréia. Pio XII dirigiu ao mundo uma oração especial, desejando que o Ano Santo de 1949 seja de purificação e santificação. Em mensagem ao povo brasileiro, o presidente da República traça o quadro político-social-econômico do País. Falece o ministro Otávio Kelly. Divulga-se nos Estados Unidos um plano fantástico para instalar acima da estratosfera uma plataforma de observações militares. A Rússia acusou os Estados Unidos de estarem empenhados numa corrida armamentista. Foram detidas em New Jersey várias pessoas acusadas de estarem enviando armas de guerra para Costa Rica. Henry Wallace, em mensagem ao povo, declara que 1949 pode ser portador de uma nova era, se o povo dos Estados Unidos assim o quiser. O arcebispo do Pará nomeou uma comissão para verificar se se trata mesmo de milagres na imagem de Nossa Senhora das Graças da avenida Conselheiro Furtado, em Belém. A Prefeitura de Teresina publicou uma nota comunicando que havia pago todas as dívidas da Municipalidade de 1943 até agora. Grande desfalque na Rêde de Viação Cearense. Dizem que o jôgo campeia infrene na capital de Pernambuco. Foram iniciados os trabalhos da construção da estrada de ferro de Apucarana, no Paraná. Peron é favorável a uma saída marítima para a Bolívia. Realizam-se em várias zonas do Rio espetáculos em favor dos flagelados das enchentes da Zona da Mata, em Minas. Rompem a trégua os árabes e judeus. Há quem julgue bastante crítica a situação entre o Governo de Israel e a Inglaterra. Forças do Governo de Costa Rica ocupam La Cruz, que havia sido tomada pelos invasores.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, podem ser causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA.**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOS

JOAO LUSO

LES TERRES DE CANUDOS

Tradução de "Os Sertões",
de EUCLYDES DA CUNHA,
SERETH NEU

Edições Caravela Ltda.
Rio de Janeiro
1948

E' preciso admirar este trabalho. Representa um esforço por todos os títulos excepcional. Muitas vezes, em críticas extensas ou em comentários ocasionais, se falou das vantagens que haveria na tradução de "Os Sertões" para uma língua como a francesa, modelar e universal, e da dificuldade extrema de tal empreendimento... Trata-se de uma obra singular, à parte. Entram nela várias orientações e estilos diversos. Para definir a complexidade dos seus elementos, poder-se-ia dizer que participa do relatório e da epopéia. Se Euclides da Cunha não houvesse antes, nas suas colaborações para o "Estado de São Paulo" e outros periódicos, assinalado tão altos predicados de inteligência e de cultura, este livro revelaria, já em pleno prestígio e vitorioso, o homem de ciência, o historiador, o jornalista, o poeta. Essas entidades se revezam em "Os Sertões" e, por vezes, se reúnem, em peregrina correspondência e harmonia. E onde o cultor das Letras bastante habilitado e bastante aplicado para, em outro idioma, dar a cada uma daquelas individualidades fundidas numa espécie de gênio, o realce merecido, a verdadeira expressão? E as particularidades de linguagem que em Euclides, desde a familiaridade com os clássicos até ao conhecimento dos termos técnicos que a ciência continuamente vem impondo aos dicionários? E as formas correntes, sem garantia dos léxicos mas indispensáveis em certos diálogos e certas descrições? E a fatal intervenção dos termos populares ou regionais? Quanto embaraço, que desanimadoras hostilidades não opunha um original daquela extraordinária natureza... Mas a sra. Sereth Neu era escritora para, em tal cometimento, saber lutar e vencer.

Brasileira de nascimento, nem a ascendência francesa nem a permanência em França lhe afetaram o interesse, mais que interesse, amor verdadeiro, por tudo quanto indicasse a grandeza e a beleza desta terra. Acompanhava-lhe a marcha dos acontecimentos significativos, o surgir e desaparecer das individualidades com alguma influência nos seus destinos. E não deixava de conhecer as obras notáveis, que lhe dissessem dos tesouros de eloquência que a língua portuguesa encerra para quem os saiba encontrar, distinguir e aproveitar. Assim a sra. Sereth Neu se sentia não apenas preparada para penetrar o opulento repositório de conhecimentos e de forma literária existente na obra de Euclides da Cunha, mas também armada da paciência, a coragem, a tenacidade que uma tradução, para ser fiel e cativante, lhe exigia.

A sua empresa — disse-o Afrânio Peixoto, outros comentadores o têm confirmado — foi, até onde possível, coroada de bom êxito. No correr da leitura se nos deparam maneiras, traços que, a uma recordação mais viva, nos levam a consultar o livro original. E sempre esse confronto, essa prova nos torna mais preciosa a interpretação. Quisérá-mos dar aqui, lado a lado, uma página de "Os Sertões" e a sua transladação, para que os amantes das Letras, sem a ventura de possuir os dois livros, pudessem apreciar uma amostra da tarefa em "Terres de Canudos" levada a efeito. Não dispomos, infelizmente, de espaço para tanto. Deixar-nos-emos, porém, tentar pela famosa, sempre lembrada imagem da velha bruxa, surpreendida por Euclides numa leva de prisioneiros, e retratada numa das últimas páginas do volume:

"...Une sorcière effrayante, mégère rébarbative et maigre, la vieille la plus horrible peut-être de la région, était la seule qui dressait la tête; elle jetait sur les spectateurs la menace de ses yeux étincelants; nerveuse, agitée, agile malgré les ans, ayant sur les épaules complètement nues des cheveux blancs emmelés et remplis de terre, elle avançait d'un pas décidé au milieu des groupes mélangés, attirant l'attention générale. Car elle portait dans ses bras affaiblis une enfant, sa petite-fille, arrière petite-fille ou peut-être même la fille de son arrière petite-fille. Et cette enfant inspirait l'horreur. Le côté gauche de son visage avait été arraché, depuis longtemps, par un éclat d'obus, de sorte que les os du maxillaire se détachaient en blanc sur les bords rouges de la blessure cicatrisée... Le côté droit souriait. Et ce sourire incomplet, douloureux, embellissant une joue et s'arrêtant brusquement à l'autre, dans le vide d'une entaille, était effroyable. La vieille portait le plus horrible monstre de la guerre. Avec sa marche d'agité ataxique, elle suivait la longue file des malheureux"....

SUINÁS

Versos de PEDRO UZZO

São Paulo
1948

Quase todas as poesias deste livro são sonetos. E, entre os seus motivos ou assuntos, prevalece a paisagem. O sr. Pedro Uzzo entrega-se frequentemente a enlevos de um pintor que fizesse versos. Adora a natureza, sobretudo como cenário, objetivamente, pouco mais lhe pedindo do que aspectos de beleza ou graça. Uma ou outra emoção, vinda do sentimento dos panoramas, da alegria ou melancolia dos ambientes, pouco lhe dura como elemento inspirador. Passa de leve por entre as rimas. A musa predileta do sr. Uzzo não é nenhuma das nove bem conhecidas, mas certa deusa que não nasceu dos amores de Júpiter e Mnemósina e se tornou madrinha das belas-arts. Por isso, os seus melhores versos interpretam o desenho, o colorido, os planos, a perspectiva de quadros rústicos. Dão a impressão de pintados. Na capa do livro, uma tortuosa, caprichosa suinã espalha a floração de rosa ardente; e outras, menores por distantes, a imitam sobre uma água mansa, contra um fundo de serrania. Algumas letras, ao lado, e como se a moldura cobrisse o resto do nome, denunciam o autor que deve ser o próprio poeta. Pelas cento e oitenta páginas além, se vão encontrando, dispersas, nada menos de dez composições intituladas "Cromo", outras que se chamam "Paisagens bucólicas", "Quadro", "Paineira assombrada", "Queimada", etc. E os versos, de agradável espontaneidade, sempre fáceis — às vezes um pouco de mais — imitam pinceladas de "pochade", indo da redondilha maior ao alexandrino.

Eis uma das "Paisagens bucólicas":

Sertão bruto. Do terreiro
daquela humilde palhoça
que se ergue naquele outeiro
um lindo painel se esboça.

Bem na baixada, o ribeiro
por entre o juncal se empoça
e a ramada de um ingazeiro
de leve a flor da água roça.

E' todo sangue o horizonte...
Sobre o coruto de um monte
que bem longe se destaca,

desguaritada do bando,
a gritar de quando em quando,
corta o espaço uma baitaca.

RIMAS

Versos de JOSÉ ALBANO,
edição organizada, revista
e prefaciada por MANUEL
BANDEIRA

Pongetti
Rio de Janeiro
1948

Todos os que amam a poesia e o nosso idioma devem estar agradecidos ao sr. Manuel Bandeira. O empreendimento desta edição póstuma dos versos de José Albano não é apenas generoso ou nobre; merece a qualificação de providencial. Há mais de vinte anos estavam essas finas peças de arte longe da admiração, da consagração a que tinham direito. Preciosamente guardadas sem dúvida, nem por isso deixavam de ir caindo no esquecimento. Já bem poucos profissionais ou amigos das Letras podiam dizer que realmente as conheciam. Bem mais numerosos, apesar da passagem do tempo que os vinha rareando, eram aqueles em cuja memória perdurava a figura do poeta. José Albano continuava citado pelos sobreviventes do seu tempo, vivamente lembrado por quantos o houvessem visto à porta da Garnier, pontual e dominador, inconfundível na fisionomia e no indumento. Era como se ainda na véspera ali estivesse, com o fraque de corte dourado e engelhas boêmias; o colete de veludo cor de telha, com raminhos verdes; o olhar de miopo iluminado pelo monóculo; a barba forte e negra, encrespada numa espécie de revolta; o cabelo insurgindo-se também contra o chapéu que parecia inclinado para a esquerda por efeito daquela veemência de libertação... Viam-no falando quase sempre, porque os outros, ao seu redor, preferiam calar-se. Distribuiu copiosa e cintilantemente reminiscências de erudição, conceitos agudos, frases imprevisíveis, boatos, paradoxos, ironias. Sim, o indivíduo, o tipo, integralmente reaparecia

à mais ligeira evocação; os poemas é que pareciam cada vez mais distantes, quase apagados já e prestes a sumir-se para sempre.

Foi justamente do sr. Manuel Bandeira a primeira diligência para os salvar. Na sua "Apresentação da poesia brasileira", publicada há três anos, vem o soneto de tão nobre feitio clássico e tão digno de entrar numa antologia como aquela que se reporta a todas as épocas e todos os gêneros no panorama da poesia brasileira:

Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
Que tanto engana mas tão pouco dura;
E inda choro o rigor da sorte escura
Se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
Dos sonhos que sonhava noite e dia
E só com saudades me atormento,

Entendo que não tive outra alegria
Nem nunca outro qualquer contentamento
Senão de ter cantado o que sofria.

Esse tão sentido e tão bem trabalhado soneto inicia no presente volume a série dos "dez escolhidos pelo autor". O sr. Manuel Bandeira incluiu nas Rimas quinze outros de sua escolha e que certamente não ficam aquém do primeiro nem no prestígio emotivo nem no apuro da forma. Entre as outras composições figura a "Ode à língua portuguesa", em que o poeta, ora arrebatada ora enlevadamente, e com requintes de técnica, faz a sua profissão de fé como purista e classicista apaixonado. E por estas duzentas e sessenta páginas constantemente se assinalam o seu puro idealismo e o seu esmero de cinzelador, lapidador, joalheiro do verso.

Um acaso adorável, coisa parecida com um milagre, salvou esse livro; não o guardar agora, com veneração e carinho, será uma espécie de pecado.

PADRÃO G

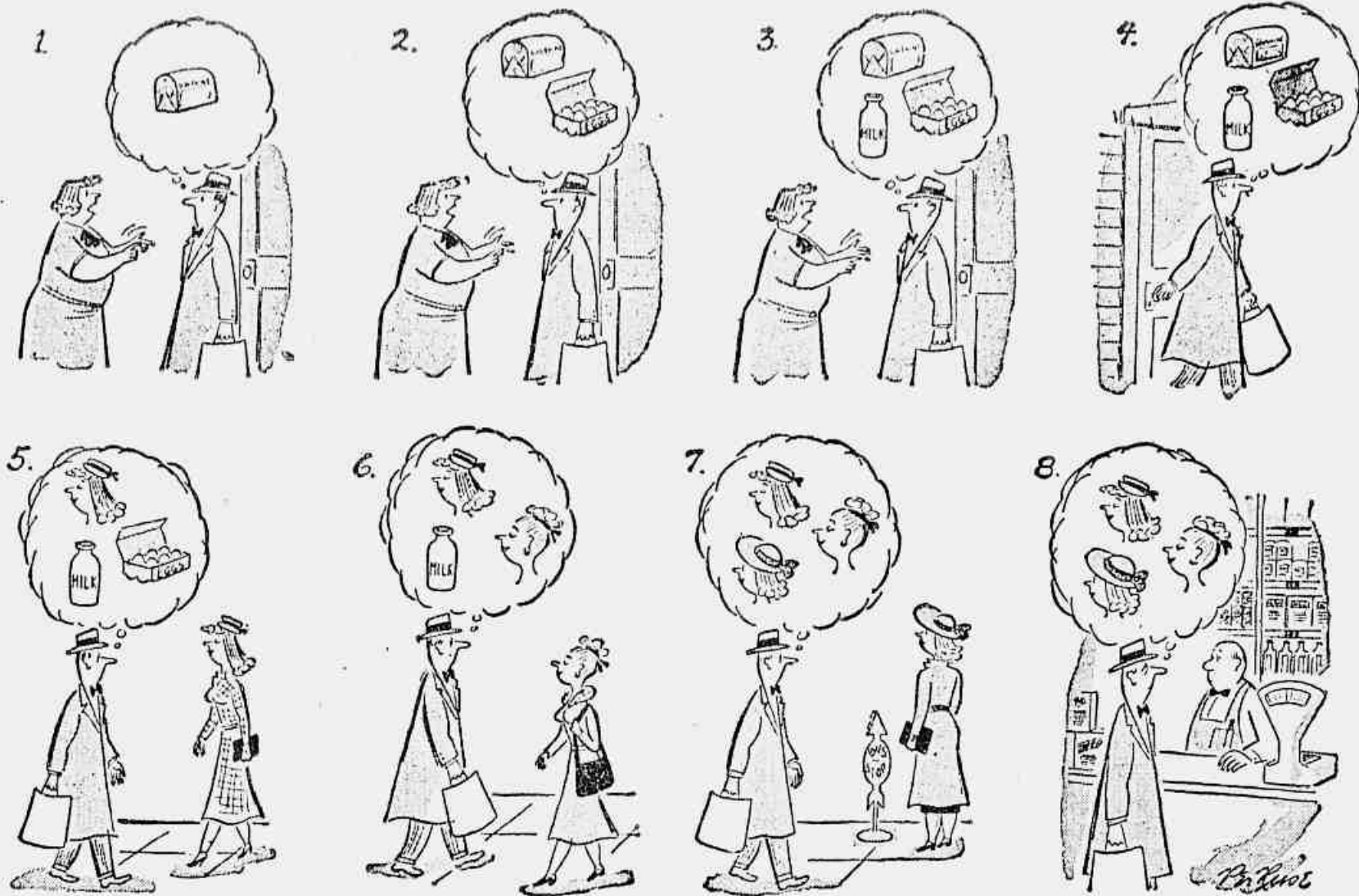
Contos de JOSÉ CARLOS
CAVALCANTI BORGES

Agir
Rio de Janeiro
1948

"Padrão G" é o título de um dos contos que formam o presente volume. Não o primeiro, à moda de Maupassant, mas outro qualquer, como já temos visto em vários livros modernos e brasileiros. De qualquer modo, porém, este rótulo indica a obra. Os personagens das histórias ou episódios aqui reunidos correspondem, pela condição social, a mentalidade ou o sentimento, à categoria administrativa compreendida sob aquela inicial. Gente modesta, medíocre — pouco modesta, em certos casos, na ambição ou na pretensão, em outros abaixo de medíocre pela inépcia ou a penúria. Sobre tal "pessoal", exerce o sr. Cavalcanti Borges uma faculdade de observação direta, vivaz, aguda, e que, não raro, surpreende à força de flagrante. Todos esses indivíduos se exprimem mais ou menos erradamente; e o autor, por extremado capricho realista, lhes imita, mesmo fora dos diálogos, a maneira de falar. Não queremos abordar, mais uma vez, a questão: se o escritor tem direito de adotar ou, sem quebra da dignidade obrigatória no homem de letras, pode introduzir no próprio estilo o linguajar daqueles que não receberam educação ou deliberadamente abandonam o que aprenderam dos mestres, inclusivamente o de primeiras letras. Há evidentemente nesse processo "literário" uma espécie de moda ou epidemia. Esperemos que passe.

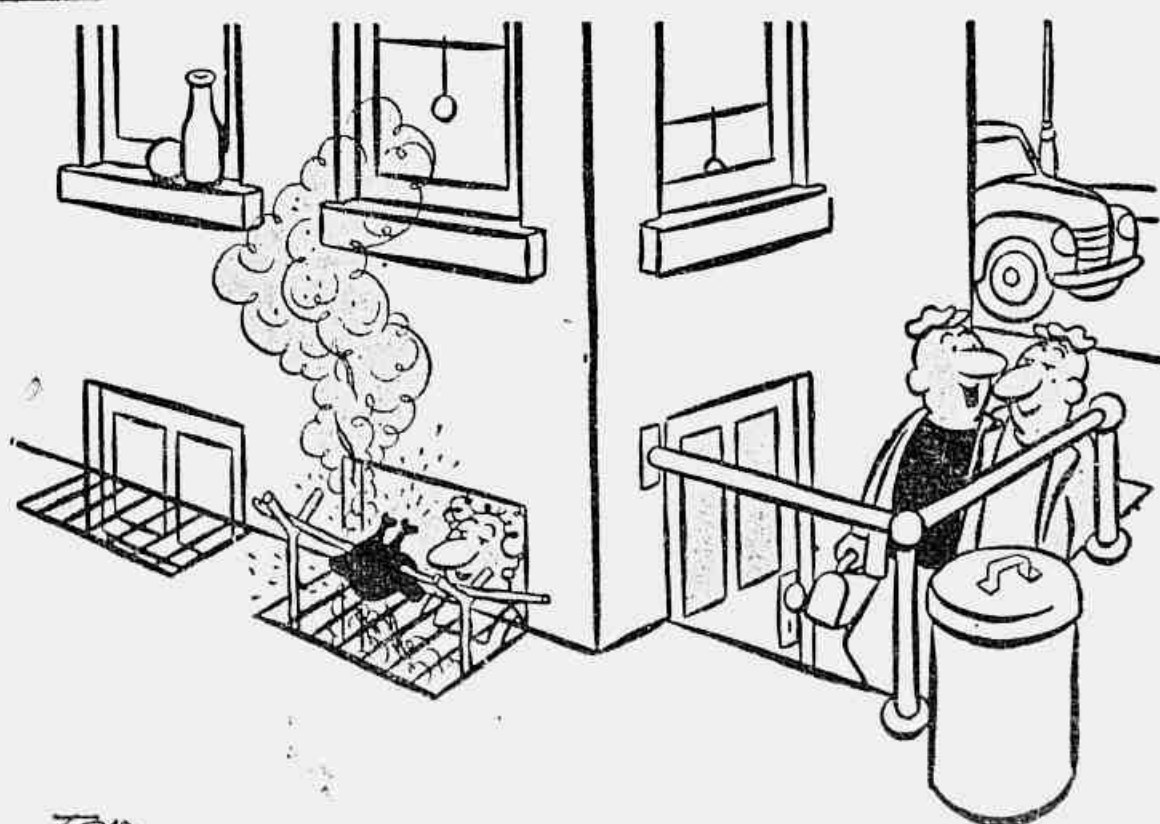
Algumas páginas de "Padrão G" chegam a impressionar deveras pela feição pungente dos motivos, como outros fazem sorrir divertidamente pelo que oferecem de caricatura benigna, brincadeira de interpretação, através da qual bem se adivinha a pura realidade. "Presença" é uma série de cartas, nas quais uma jovem professora, obrigada a mudar de terra, vai mostrando como se adapta ao novo meio, de começo detestado, tudo aceita e de tudo passa a gostar, com prejuízo da localidade natal e até do namorado que lá ficou... Coisa simples, obra comesinha como assunto, mas de efeito delicioso. E nada no livro deixa de ter o seu interesse, o seu valor.

BOM HUMOR



— Viu? Isto é que é um verdadeiro cavalheiro!

TOM HENDERSON



TOM HENDERSON

— Espere até provares a galinha de espeto feita pela Maricota!



— E agora, prezados ouvintes, nosso crítico literário apresentará o livro mais notável do ano.



PEQUENINA



Aquele apelido lhe haviam dado quando ainda andava de colo em colo, desfolhando os largos sorrisos de bebê rosado e querido por todos.

Agora Pequenina era moça, mas, por singular coincidência, todo o seu físico deixara-se impressionar por aquele apelido; era de baixa estatura; tinha os olhos vivos, negros como duas jaboticabas miúdas engastadas no rosto moreno; as mãos diminutas lâminas de Sèvres terminando harmoniosamente os contornos dos braços roliços; a cintura fina, os lábios arredondados e vermelhos. Pequenina era um encanto!

Quando casara com o major Ribeiro, um aviador sossegado que se perdera por seus encantos, Pequenina deixara um profundo desapontamento no meio de seus admiradores. Além da farda bonita e de seu prestígio na Aeronáutica, Arnaldo não era homem para aquela jóia de menina: já passara dos trinta; era magro, talvez mesmo em excesso; tinha uns cabelos inexpressivos, amarelados como pão de fôrma. Só os olhos tinham alguma coisa muito atraente, talvez a sua cor de fim de tarde, talvez uma espécie de melancolia que irradiavam de seu retiro, em baixo das espessas sobranceiras. Tinha um riso bonito embora doentivamente triste. Era um homem de físico discreto, testa larga e bigode castanho.

Mas o certo é que se casaram. Encontraram-se pela primeira vez numa reunião da Embaixada americana, quando o governo brasileiro homenageava uns hóspedes ilustres recém-importados dos Estados Unidos. Fazia um calor tremendo naquela noite! O nosso escaldante verão deruçava-se pelos jardins iluminados com uma curiosidade quase infantil: olhava os decotes alarmantes que as senhoras exibiam; farejava o "champagne" que baluçava nas taças; comparava a distinção dos uniformes com o ridículo das casacas cheirando a mófo e soltava quentes gargalhadas, divertindo-se com as conclusões cômicas que tirava de si para consigo.

Do murmúrio de vozes elevava-se uma massa disforme de sons, aureolada pelos violinos da orquestra, pelo tilintar dos brindes e pelos mexericos indispensáveis.

E no meio de todo aquele deslumbramento, no cosmopolitismo daquele salão, os olhos de Arnaldo e Pequenina se encontraram subitamente.

Num milímetro de tempo estavam decididos aqueles destinos.

Arnaldo fitou-a entre surpreso e encantado: seria uma boneca, seria um sonho aquele pedaço de porcelana morena que aparecia diante dele? E fitou demoradamente o corpo fresco e roliço semi-oculto pela nuvem de tule branca do vestido. Os olhos cintilantes de Pequenina penetraram-lhe até a alma! A luz macia e brejeira daquelas pupilas negras escorregou para dentro de seu ser, envolveu-lhe o coração, bateu-lhe na porta tósca, abriu-a e foi gritando positivamente.

— Olá, coração vazio! Eis-me aqui para tua inquilina!

Arnaldo sentiu-se perdido. Um único e rápido olhar sobre aquela boneca, uma ligeira observação sobre aqueles lábios bastaram para convencê-lo de que ali estava o ponto final de seu celibato.

Pequenina teve uma espécie de sobressalto quando percebeu a insistente observação daquele homem fardado. Primeiramente gostou da farda. Não entendia daquilo, mas pelas insignias concluiu que ali estava um aviador. Então sentiu o coração dar um salto mortal: ah! como ela adorava os aviadores! Desde criança sentia paixão pelas coisas do espaço; gostava de apreciar os longos vôos das grandes aves, gostava de empinar papagaios só para vê-los flutuando quase acima das nuvens! Não dispensava os "Douglas" quando ia a Poços de Caldas, quando viajava para Belo Horizonte, ou quando o pai resolvia terminar a semana em Buenos Aires.

Pretendentes não lhe faltavam. Bem grande era a fila de seus admiradores, seleta como um fichário. Ali se encontravam industriais da nova geração, criadores de zebu em Goiás, engenheiros, advogados, médicos, toda uma coleção de endinheirados e diplomados dignos de uma galeria de museu.

Mas Pequenina ainda não se resolvera por nenhum deles. Estava neste período de indecisão que vai dos quinze aos vinte anos na vida das mulheres: sua beleza, a disputa entre os rivais acariciavam-lhe a vaidade. Não tinha pressa em casar; tudo lhe parecia tão bom que seria capaz de prolongar a espera indefinidamente.

Mas aquela noite de verão na Embaixada americana precipitou-lhe o destino. Pequenina sentiu o coração dando cambalhotas dentro do peito quando o aviador principiou a andar em sua direção, com um esboço de sorriso caindo-lhe dos lábios. Enfim, estavam frente a frente! Arnaldo dirigiu-lhe a palavra usando deste artifício mais velho que nossos pais Adão e Eva, mas que ainda agora, no século da velocidade, dos arranha-céus e da bomba atômica, costuma surtir seus bons efeitos:

— S'nhorita, perdoe-me... Já não a conheci em outra parte?

Pequenina acolheu-o com um sorriso domingueiro.

— Talvez... — insinuou de manso com sua voz de cotovia.

— Sou o major Arnaldo Ribeiro.

Ela ofereceu a mão, cumprimentando-o.

— Muito prazer, major, embora não me ecorde de tê-lo visto anteriormente.

Arnaldo desculpou-se do pretexto da abordagem.

— Então só tenho a lamentar o tempo que perdi não a conhecendo mais cedo.

Pequenina sorriu apertando-lhe a mão morena. O calor de seus dedos subiu deliciosamente pelo braço de Arnaldo, correu repressado até seu coração como se fosse contar uns mexericos de amor.

Daquela noite em diante as coisas foram cada vez mais apressadas. O namoro estabeleceu-se e cada qual para seu lado enchia-se de planos: Arnaldo amava-a; isto era tudo. Via-a com as lentes cor de rosa que cobrem os olhos de todos os namorados. Encantava-se mais a cada novo encontro! Toda a sua capacidade afetiva, onagamente adormecida, sacudia-se agora com ímpetos novos, com assomos de novidade vibrante, propulsionando-lhe ener-

Conto de NEYDE JOPPERT ★ Ilustração de J. RIBEIRO
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

gicamente o sangue rejuvenescido pela paixão.

Pequenina não se deixava empolgar pelas mesmas emoções. Arnaldo lhe parecia um encanto: uma autêntica encarnação do Príncipe Encantado! Mas estava longe de lhe inspirar sentimentos de abnegação, de ternura profunda, e todos os demais alicerces-base sobre os quais um lar é construído. Pequenina não o amava. Arnaldo lhe era assim como "o melhor de todos", o homem sonho, o homem encantamento. Sentia-se invejada pelas amigas; isto já era uma coisa adorável.

Às vezes, punha longos olhos sonhadores para o futuro: via-se casada, entretendo as mais altas patentes da Aeronáutica. Ouvia as promoções de Arnaldo: tenente-coronel... coronel... brigadeiro... ministro da Aeronáutica, quem sabe?!... Depois retrocedia: não! Seria enfadonho seguir o ritmo das promoções. Talvez Arnaldo morresse logo. Sim, porque os aviadores estão sempre em contacto com a morte: às vezes, um acidente, um desastre e lá se vai um aviador.

Ah! Era excitante sentir-se viúva de um aviador! Estaria poupada do futuro tédio do marido envelhecido e, paralelamente, já se podia imaginar a mais adorável viúva do Rio de Janeiro.

Numa noite muito amena, na varanda de seu apartamento em Copacabana, Pequenina viu chegado o grande momento. Papai e mamãe tagarelavam na sala de jantar, sobre coisas de política. Ah! as extraordinárias reservas de assunto que a política fornece! Pedacos de frases chegavam lá de dentro.

— Falta tudo, Germano; não há banha, não há pão, não há leite; não se tem mais o que comer.

Arnaldo e Pequenina sorriam, de mãos dadas, olhando o mar em frente. A noite clara permitia olhar-se o oceano aberto, até o infinito. O céu, como longo pedaço de veludo bordado a missangas douradas, cobria suas cabeças quase unidas. Em baixo, a praia branca, nua como um colo de sercie, sem as manchas berrantes dos "maillots" matutinos. Lá no décimo andar a brisa chegava quase violenta, resfolengo pelo esforço da subida. Os namorados falavam.

— Em que pensa, Arnaldo?

— Em você.

— Ama-me?

A pergunta provocante mexeu-lhe com os sentidos; beijou-a.

— Serve esta resposta?...

Pequenina abriu os lábios num sorriso maravilhoso.

— Arnaldo, você é adorável!

— Acha mesmo?

— Acho.

— Seria capaz de me aturar o resto da vida?

Arnaldo fixou-a detidamente.

— Quer ser minha esposa?

★

Três meses depois estavam à frente do padre. Foi um casamento muito bonito, muitas flores, muitos convidados. Ficaram morando em Copacabana. Pequenina desesperava-se com a idéia de abandonar a sua praia adorada.

Viveram felizes vários meses: Arnaldo entregou ao seu amor profundo; Pequenina mergulhada no seu delírio colorido.

Lá um dia apareceu o primeiro espinho no meio das rosas: veio na pessoa de Zé Luis, um colega impressionante que Arnaldo trouxera para almoçar num domingo de verão. Foram os três à praia. Zé Luis encantou-se com a boneca morena ainda mais adorável no seu "maillot" escarlate. Mais tarde comeram num bar da avenida Atlântica e o resto do dia foi gasto numa breve excursão pelas grutas da Gávea.

Zé Luis era primo de Arnaldo. Dez anos mais moço, um palmo mais alto, quinze quilos mais gordo, praticamente um rapaz irresistível.

Também aviador, recém-transferido de uma base distante para a Escola de Aeronáutica, do Rio. Isto significava uma nuvem negra aparecendo ao longe, prenunciando temporal sobre o até então ditoso lar de Pequenina. Arnaldo não suspeitou. Mas Zé Luis e Pequenina, logo aos primeiros olhares, pressentiram o perigo: para ele era uma forma deliciosa de perdição. Mas Pequenina inquietou-se: mirando rapidamente Zé Luis, convenceu-se de que ali estava o homem para quem nascera; o único a quem amaria violenta e indefinidamente.

Datou daí a tortura. Semanalmente Zé Luis vinha à casa do primo; semanalmente o coração de Pequenina encolhia-se de medo, desgovernava de emoção ao ver os ombros largos daquele demônio; aquela pele retessada pelo sol, onde havia cintilações de bronze; aqueles cabelos mais negros que a boca da noite; os olhos semi-azulados; e aquele sorriso... Ah! o sorriso de Zé Luis era mais perigoso que uma ressaca no Pósto Dois.

Pela primeira vez Pequenina arrependeu-se de haver casado. Recapitulava tudo desde que conhecera Arnaldo e debulhava-se em pranto. Amaldiçoava a costureira que lhe havia dado em tempo o vestido para a recepção da Embaixada. Roía-se de raiva ao lembrar o momento exato em que seu olhar cruzara com o do marido. Por que olhara naquela direção, meu Deus?! Gostaria de esganar o coração quando pensava em seu aceleramento naquela noite: batera pela farda! Pelas estrelas da platina! Ah! que idiota, meu Deus! Que idiota!

Depois começou a pensar na morte do marido. Se Arnaldo era a única barreira entre ela e Zé Luis, por que é que ele não morria?! Não haveria possibilidade de haver um desastre? Não haveria um mecânico imbecil que deixasse um defeito qualquer no avião de Arnaldo? Não haveria um jeito de desaparafusar alguma coisa, uma asa, por exemplo? Não; uma asa daria na vista. Uma peça qualquer que ocasionasse um acidente? Era preciso rezar por aquele desastre; era preciso rogar, pedir aos santos. Não! Os santos não favorecem estas sabotagens. Oh! meu Deus, a quem pedir?

Todas as vezes que Arnaldo seguia em serviço para algum lugar, Pequenina ficava pulsando de ansiedade. Da base aérea costumavam informar-lhe o itinerário do avião, acusando sua passagem pelos pontos

(Continua na página 51)





BEDUINA

(Valsa)

Custódio Mesquita e David Nasser

Sob a luz das estrelas, beduina,
Teus olhos têm aquele ar cansado
De quem viveu mil vidas, numa vida
Sonhando sempre um sonho irreali-

[zado]

Sob o véu do deserto, nesse olhar

[velado]

Em silêncio julgo ler todas as lidas
Na lenda de amor do teu passado.

Sulamita! Vim de longe, vim de

[longe,

Vim das terras imensas do além-mar.

Onde o sol é muito, onde a sombra

[é bra

E há mais sombra que o sol que vês

[brilhar

Beduina de olhos negros e molhados

Pelo orvalho frio da desilusão,

Troca o deserto da planície branca

Pelo verde que se perde na ampli-

[dão.

★

JACK, JACK, JACK

Calypso de Castro — Versão de
Haroldo Barbosa — Gravação de
Emilinha Borba

Jack, Jack, Jack,

Cu-tu-ru-ru-gü

Jack, Jack, Jack,

Cu-tu-ru-ru-gü

Jack, Jack, Jack,

Cu-tu-ru-ru-gü

Jack é um rumbeiro de valor
Faz numa rumba o que quiser
Mas é o pior que há no amor
Jack tem medo de mulher.

(Volta ao estribilho)

Jack dizia noutro dia
Danço dez rumbas sem parar
Se alguém um beijo lhe pedia
Jack dizia: só sei dançar.

(Volta ao estribilho)

Sua mulher fugiu, coitado.
E um bilhetezinho lhe deixou
E ele continha este recado:
"Se quer dançar, por que casou?"

(Volta ao estribilho)

★

AMA SECA

Marcha de Alvarenga — Gravada
por Alvarenga e Ranchinho

Eu sou bebé chorão
Unhé... unhé...
Quando eu começo não paro de

[chorar

Unhá... unhá...

Eu quero, eu quero, eu quero, eu

[quero

Uma ama seca p'ra mim mamã.

Eu sou lá de casa
O caçulinha
Até já me deram
Uma figuinha
Eu gosto muito de beijinho
Mas não beijo no bôca
Que diz dá sapinho.

Eu sou um menino
Tão bonzinho
Gosto que me trate
Com carinho.
Eu sou parecido com papai
Que beija a empregada
Tôda a vez que a mamãe sai.

SEM COM-PROMISSO!

Hoje como ontem, o rádio continua sendo uma verdadeira caixa de surpresas... A cada momento surgem coisas boas e más, legais e comprometedoras, culturais e cretinas. As vezes, nem parece que existem criaturas interessadas em trabalhar para que o "broadcasting" nacional só apresente programas de real interesse e de finalidade comprovada. E' nesse zigzaguar que muitas vocações morrem no nascedouro pela falta de alguém que se aventure a quebrar lençóis. E' o defeito do comodismo, bastante comum na terra descoberta por Pedro Álvares Cabral... Mas, não há de ser nada. Estamos próximo do Carnaval. A turma toda muda de idéia. O próprio rádio fica louquinho acompanhando as diatribes dos vassalos de Memo. Enquanto isso, as mereladas de nossas emissoras, fazendo coro com os materiais do Nice, prometem muito barulho para a festa máxima do paganismo. Vão pôr em ação os sambas e marchas numa trégua aos produtores de programas sérios. Eles que refresquem a memória, a fim de no início de março voltarem com novo estoque de atrações. São as merecidas férias reclamadas pelos criadores de sensações, como Paulo Roberto, José Mauro, Gh'aroni, Amaral Gurgel, Fernando Lobo, Lourival Marinho, Hélio do Soveral, Max Nunes e muitos outros.

Mas, enquanto o rádio-ouvinte espera o retorno à atividade tranquila do rádio, cantará com "Black-out" o gostoso sambinha do "Pedreiro Valdeana", caso não se entusiasme com a "Chiovita Bacana" em mesmo com o "Círculo Chegou". Isso, atendendo que tudo é Carnaval. Basta dizer que a mecânica que interpreta as páginas de Puccini já começou a ensaiar os gongolilos para fazer coro com Aracy de Almeida... E' mais interessante, nesta época... Depois, quando Memo entregar os pontos, ela voltará ao convívio dos grandes gênios, esquecida da travessura praticada nos arrais da música. E' que ela também é de carne e osso, e fragilíssima para evitar o microbio do samba... Portanto, perdoem na os mestres. Foi uma dessas surpresas inesperadas sua transformação em intérprete da melodia do morro. Ela não pôde fugir à alegria efusiva que preleminou nas ondas de Hertiz. Teve de rivalizar com Direinha Batista, embora nada grave para o Carnaval.

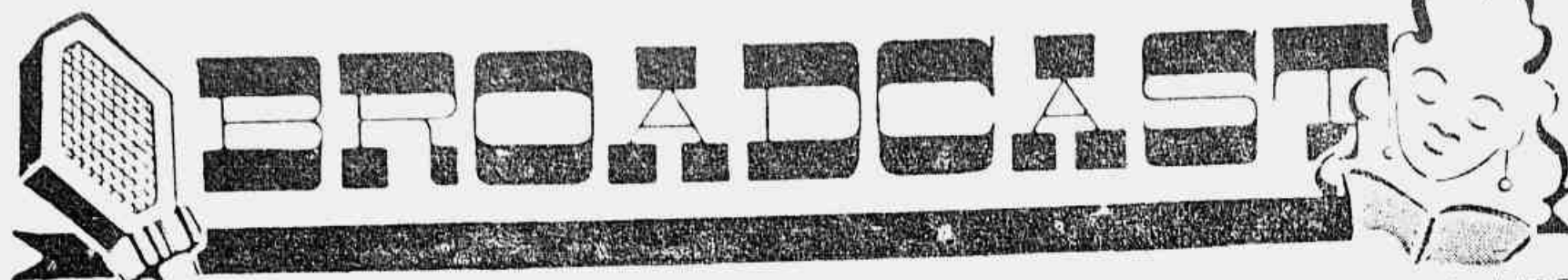
RÁDIO-FLASHES

Os três melhores de 1948

Numa rápida "enquête", procuramos selecionar os três melhores programas de 1948, ouvindo, para tanto, figuras diversas. O primeiro resultado, a que chegamos foi o seguinte: — Obrigado, doutor — programa de Paulo Roberto (seis votos de: Maria Helena, Berliet Junior, Nestor de Holanda, Alberto Madeira, Ney Machado e Brício de Abreu). — PRK-30 — programa de Lauro Borges e Castro Barbosa (três votos de: Celestino Silveira, Alberto Madeira e Fernando Jacques). Alice no País da Música — "broadcast" de José Mauro (três votos de: Luís Tito, Berliet Junior e Alberto Madeira). Um Milhão de Melodias — de Haroldo Barbosa (dois votos de: Luís Tito e profa. Magdala da Gama Oliveira). Conversa em Família, de Kurt Leonardo (1 voto de Fernando Jacques). Teatro de Sonho — de Amaral Gurgel (1 voto de Celestino Silveira). Incrível! Fantástico! Extraordinário! — de Almirante (1 voto de Ney Machado);



MURARO continua gozando as delícias da terra portuguesa. Mas, não mais como integrante do elenco de Eva Todor. Agora, ele tem novos compromissos, daí não ser possível seu regresso imediato ao Brasil. Na foto, vemos-o junto ao ator Armando Rosas



ARMANDO MIGUEIS

Na terra de Tio Sam

Odir Odilon está fazendo a América. O conhecido "astro" do rádio e do teatro brasileiro encontra-se, presentemente, em Cleveland-Ohio. Lá, rumará para Chicago, devendo estar em Nova York nos primeiros dias de fevereiro, a fim de cumprir diversas obrigações artísticas. Quanto ao seu regresso ao Brasil, é possível que ocorra no meado do ano, em virtude do sucesso que está alcançando.

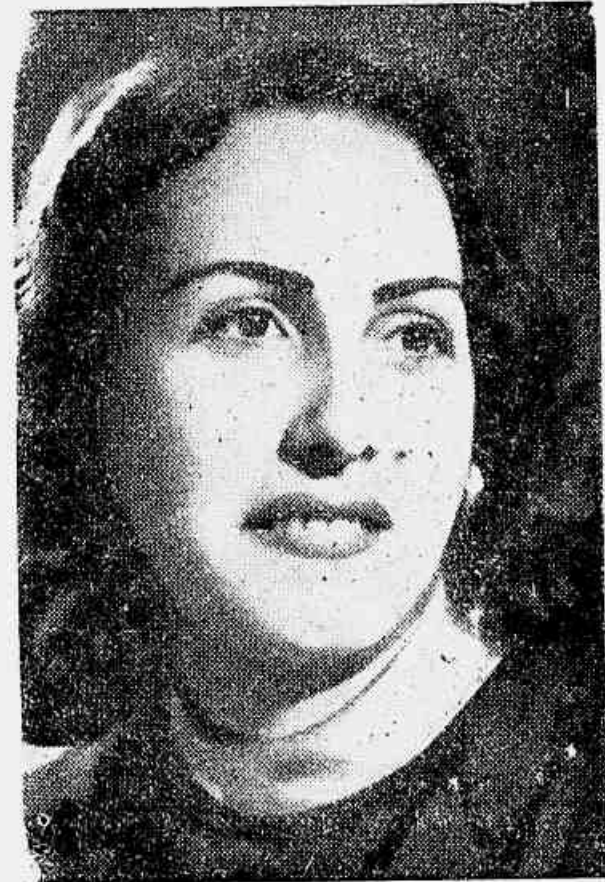
Enquanto isso, Lúcio Alves, que integrou o conjunto "Namorados da Lua" e viajou mais tarde para os Estados Unidos para atuar como "crooner" dos "Anjos do Inferno", está de retorno ao Rio. A propósito desse cantor, fala-se no seu ingresso no elenco da Nacional, uma vez que não pretende voltar aos EE. UU.

A arte de criticar

Oranice Franco, tecendo considerações a respeito da maneira de se fazer crítica, diz: "Não se pode, nem se deve, destruir impiedosamente o trabalho do rádio, embora este não seja o pensamento de muitos, que desejavam que os cronistas reduzam a pó "astros" e "estrélas" radiofônicas. Não se pode reduzir a zero um locutor, por um erro de prosódia; um cantor, porque desafiou um certo trecho. Devemos pensar, isso, sim, que o nosso rádio, tão novo já é um milagre de perfeição, se comparando ao do estrangeiro".

Biblioteca do Ar

Hélio Tys, antes de se revelar um competente "rádio-man", foi um trabalhador de nosso teatro. Quer escrevendo, quer participando de espetáculos, ele criou em torno de seu próprio nome, um mito de respeito e acatamento. Ingressando no rádio, voltou suas vistas para o setor de teatro cego, lançando interessante programa no gênero na Mauá. Tempos depois, levado pela vontade de trabalhar, ingressou no quadro redatorial da Mayrink Veiga, onde veio a dar mostras de sua



LEA COUTINHO está no páreo carnavalesco. Ela acaba de gravar "General do Nice", número que promete fazer sucesso no tríduo monesco

real competência. Hoje, com a saída de Genolino Amado da PRA-9, coube a Hélio Tys a tarefa de escrever e organizar a "Biblioteca do Ar", cartaz que deu a essa estação, dois prêmios da Prefeitura, além de ótima colocação em diversas "enquetes" populares. Em se tratando de um programa de profeção, achamos feliz a escolha de seu novo produtor que, embora bastante jovem, possui as qualidades necessárias ao perfeito "rádio-writer".

★

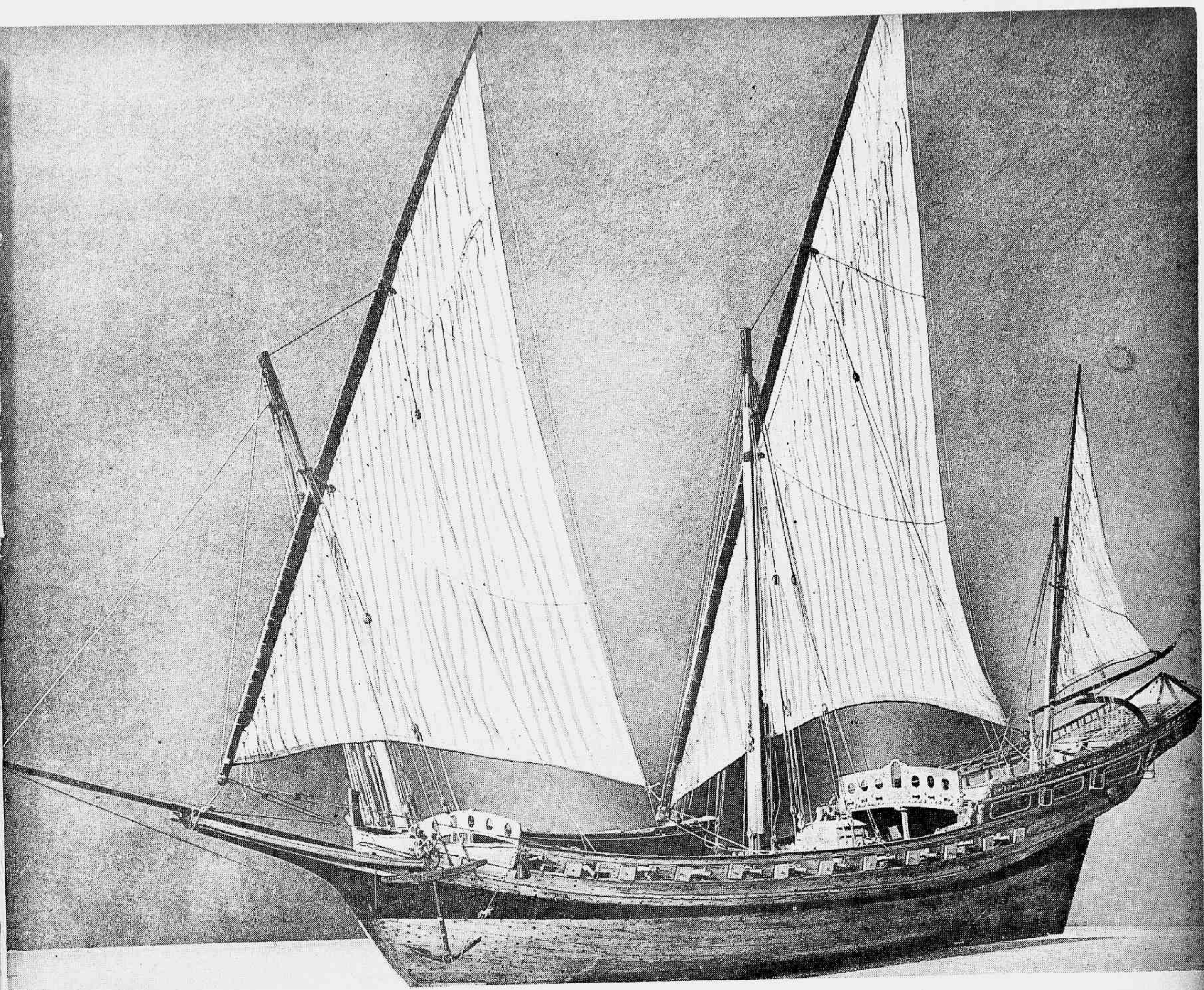
Sabia que...

...Paulo Marra, hoje afastado das lides radiofônicas, foi o verdadeiro criador da "Canção do Dia", então apresentada ao microfone de uma emissora paulista?

...Teixeira Pinto, atualmente exclusivo da Globo, antes de travar conhecimento com o microfone e a ribalta, exerceu a profissão de ourives?

...Linda Batista, presentemente na Tupy e no elenco de Walter Pinto, deve sua vitória artística à música popular, sendo que a marchinha "Bis, Maestro", foi um dos seus maiores êxitos musicais?

...Olavo de Barros, ora à testa dos espetáculos rádio-teatrais das "emissoras associadas", já exerceu as funções de conferente da Central do Brasil?



"QUEBEC" — Navio do Século XVII

VISITA AO MUSEU DA MARINHA EM PARIS

**"MAQUETTES" DE NAVIOS DE TODOS OS TEMPOS ★ MIL E DUZENTOS
OBJETOS ALUSIVOS À MARINHA, DA PRÉ-HISTÓRIA À ÉRA ATÔMICA ★
DE NOÉ A COLOMBO ★ "LA SANTA MARIA" ★ A CANOA DO IMPERA-
DOR ★ UMA INFINIDADE DE RELÍQUIAS HISTÓRICAS DE TÔDAS AS
PARTES DO GLOBO**

Reportagem de **NELSON VAINER**

(Enviado especial da "REVISTA DA SEMANA" à Europa)

Paris, 1948 — (Pelo «Bandeirante», da Panair do Brasil) — O Palácio de Chaillot, no Trocadero, em pleno coração da «Cidade-Luz», situado à margem do Sena e tendo ao fundo a torre Eiffel, que domina o maravilhoso jardim do Campo de Marte, é um dos prédios mais modernos da velha Capital francesa. Dividido em dois pavilhões, encerra os seguintes quatro museus: o Museu do Homem, que já descrevemos recentemente numa ampla reportagem, o Museu da Pintura, o Museu dos Monumentos Francêses e o Museu da Marinha, que é o motivo deste trabalho.

O MUSEU DA MARINHA

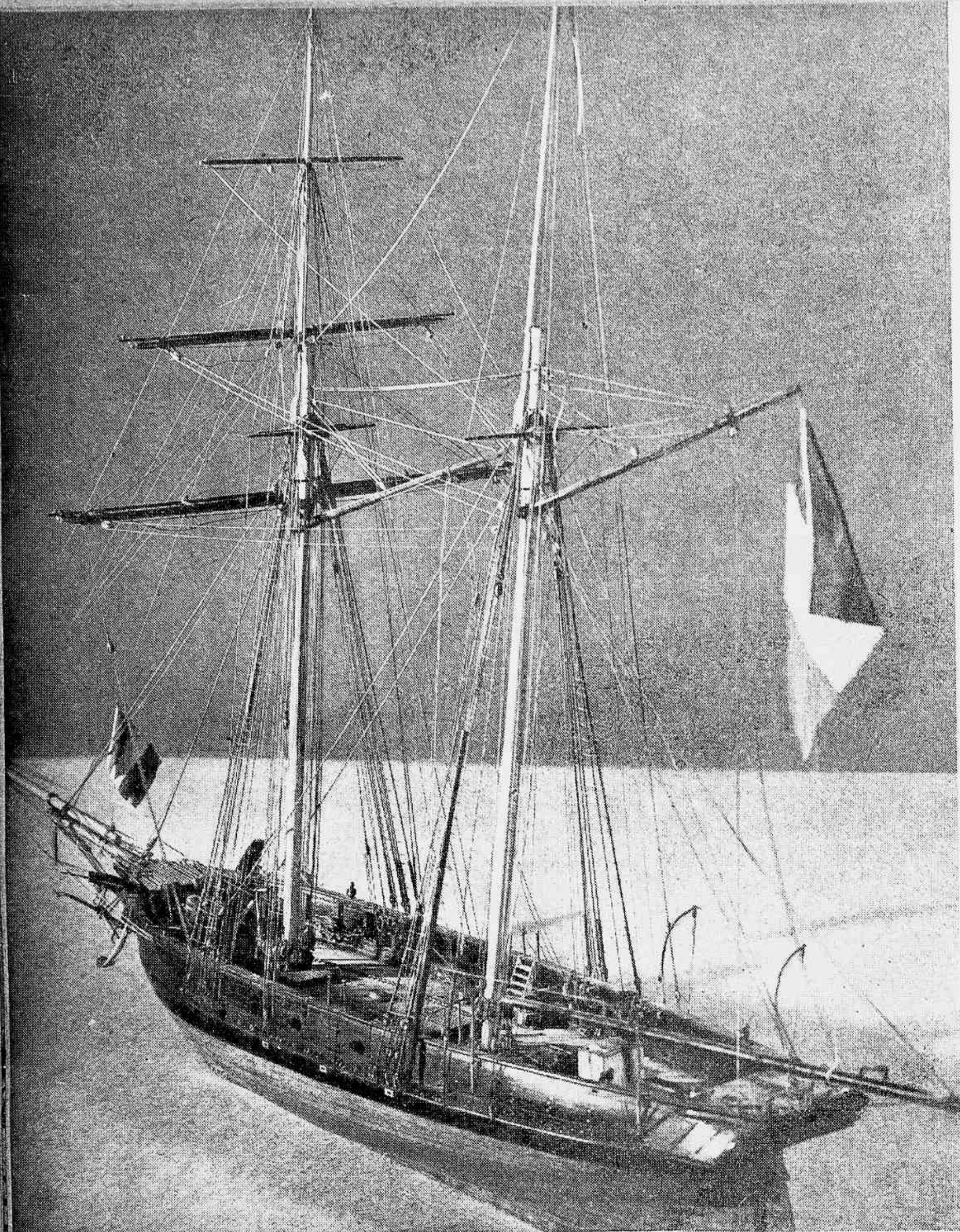
A idéia de se fundar um museu da marinha em Paris, se deve ao rei Luis XIV. Em 1679, o seu

ministro, Colbert, ordenou aos homens da marinha, e principalmente aos artistas, que executassem modelos de navios, reduzidos a 1/12 ou a 1/20 do tamanho natural, porém, com toda a exatidão e com todos os detalhes existentes nas embarcações. E foi assim que começaram a aparecer inúmeras maquetes de navios de todas as épocas que, em coleções doadas ao rei, constituiram o fundamento de um futuro museu da marinha. Todas as coleções foram enviadas ao Louvre, onde não se destacaram. Jaziam até em porões, empoeiradas e abandonadas, sem serem expostas ao público. Entretanto, não deixaram de aparecer novos trabalhos que foram enviados ao museu.

Até 1937, essas preciosidades artísticas, alusi-



A proa da CANOA DO IMPERADOR



"LA TOULONNAISE", uma das mais belas "maquettes" do museu da Marinha.

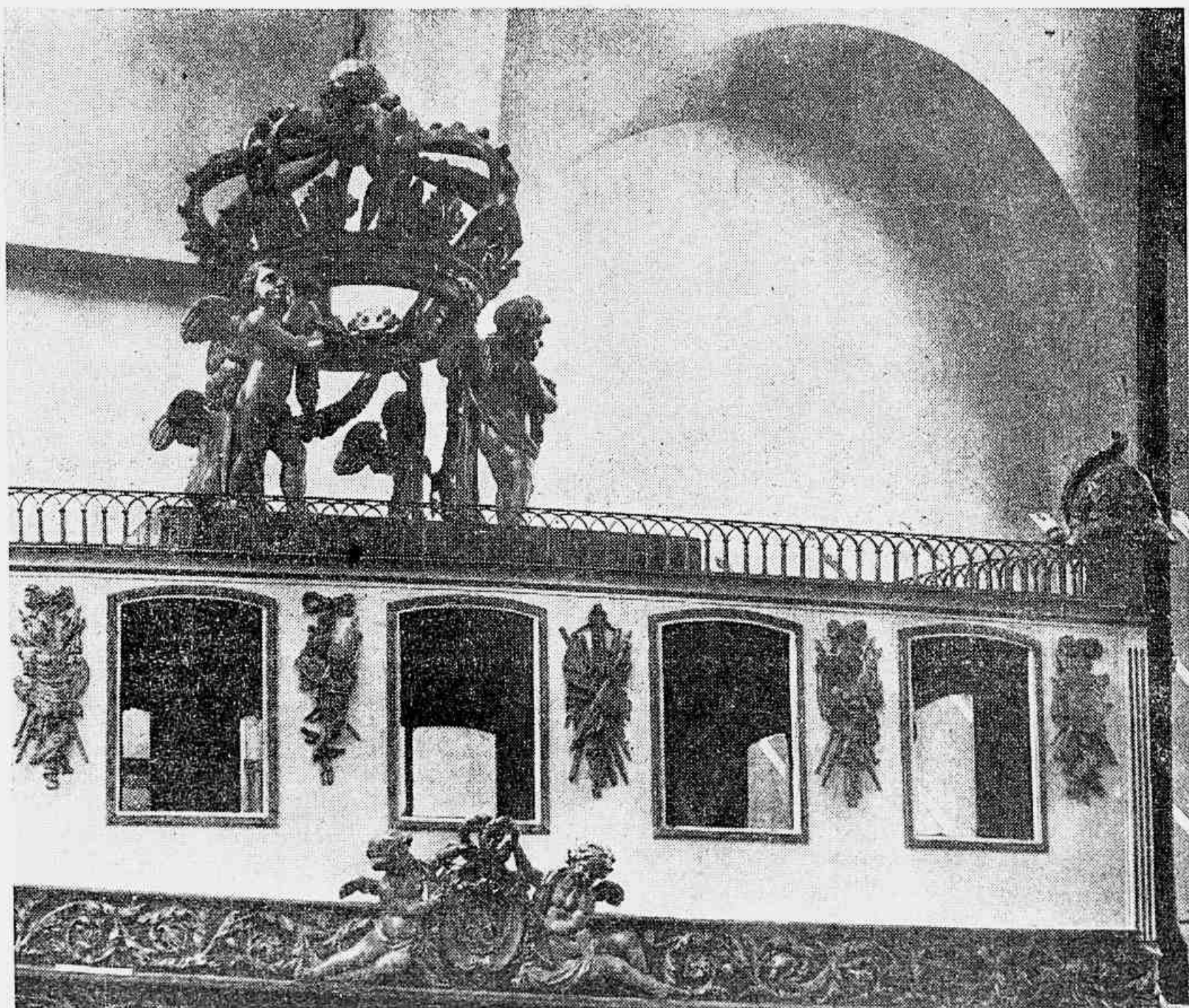


vas à marinha de todos os tempos, jaziam, como já dissemos, ora no Louvre, ora no Ministério da Marinha, divididas e desorganizadas. Naquele ano, porém, resolveu-se instalá-las definitivamente no Palácio de Chaillot, e todas essas coleções começaram a ser transportadas para o referido local. Tarefa tremendamente difícil, que se viu agravada e interrompida com o desencadeamento da segunda guerra mundial e com a ocupação da França pelas hordas nazistas. Neste 1948, porém, o Museu da Marinha já pode oferecer aos visitantes um espetáculo que não pode ser visto em nenhuma outra cidade do mundo inteiro.

As coleções do Museu da Marinha são as mais ricas do mundo, encerrando cerca de 1.200 objetos. São compostas de maquetes que reproduzem navios de todas as partes da terra e de todas as épocas, da piroga pre-histórica ao luxuoso transatlântico da era atômica, dos primitivos



Detalhe da cabine da CANOA DO IMPERADOR



navios de guerra de todos os quadrantes do globo, ao gigantesco encouraçado do nosso tempo.

Vem, depois, um sem número de objetos marítimos, bússolas, cofres, armas, trajes de marinheiros e de piratas, faróis, cabos sub-marinos, escafandros, cordas, velas, e mil e uma outras coisas alusivas à história e evolução da marinha de guerra mercantil.

À primeira impressão que o Museu da Marinha causa ao visitante é de um centro recreativo para criança mas, ao examinar atentamente essas curiosas embarcações liliputianas, apodera-se do visitante um interesse já mais experimentado pelos objetos que mais pareciam brinquedos infantis do que testemunhas reais da evolução dos navios desde a aurora da vida ao século de aviação e rádio. E cada uma dessas maquetes tem uma história maravilhosa para contar, história de mares e marinheiros, de guerra e pilhagens, de incendios, escravizações, conquistas, naufragios, e mistérios sem fim. É um longo passeio que o visitante faz, percorrendo todos os mares e oceanos, ora em perigos, ora em navios à vela, em galeras, galeões, caravelas, cruzadores modernos, transatlânticos de luxo. É essa longa viagem através do mundo só termina quando uma voz estridente anuncia que o Museu vai cerrar as suas portas.

DE NOÉ A COLOMBO

Dividimos a nossa visita em duas fases: da pre-história até Colombo. De Colombo ao século XX. Os atlantes: homens que teriam vivido a uns noventa séculos antes da era socrática e que teriam perecido quando o mar tragara totalmente a fabulosa Atlantida. Atlantes esculpidos em madeira, existentes no Museu da Marinha, são as únicas testemunhas materiais dessa famosa lenda.

Pirogas, canoas, lanchas, embarcações esquisitas de todos os tipos e tamanhos: da Fenícia, do Egito, da Índia, da China, do Japão e de outras terras longínquas. Toda a história da evolução dos navios através dos séculos, contada cronologicamente pelas maquetes, quadros, aquarelas, esculturas em pedra e madeira. Até Colombo.

«LA BELLE POULLE» — Fragata de 60 canhões, dos meados do século XIX



O MODELO N.º 9

Finda a primeira viagem, aproximamo-nos da vitrina em que se acha exposto o modelo número 9. É reduzido a 1/20 do seu tamanho natural, que foi de 28 metros e 40cm. de comprimento e 7m 80 de largura. Chamava-se «La Santa Maria».

No dia 3 de agosto de 1492, «La Santa Maria» deixou o porto de Palos, sob o comando de Colombo. Foi a primeira embarcação que viu as terras das Américas. Ei-la, aqui reduzida a um brinquedo para crianças, mas com todos os detalhes, testemunhando um dos maiores feitos da história da terra e da humanidade: a descoberta de um novo mundo.

Noutra vitrina, vimos várias cartas marítimas ligadas ao descobrimento da América e muitos outros objetos dessa época, referentes a outros descobridores, como: Americo Vespucci, Cortez, Fernando de Magalhães, Cook e outros.

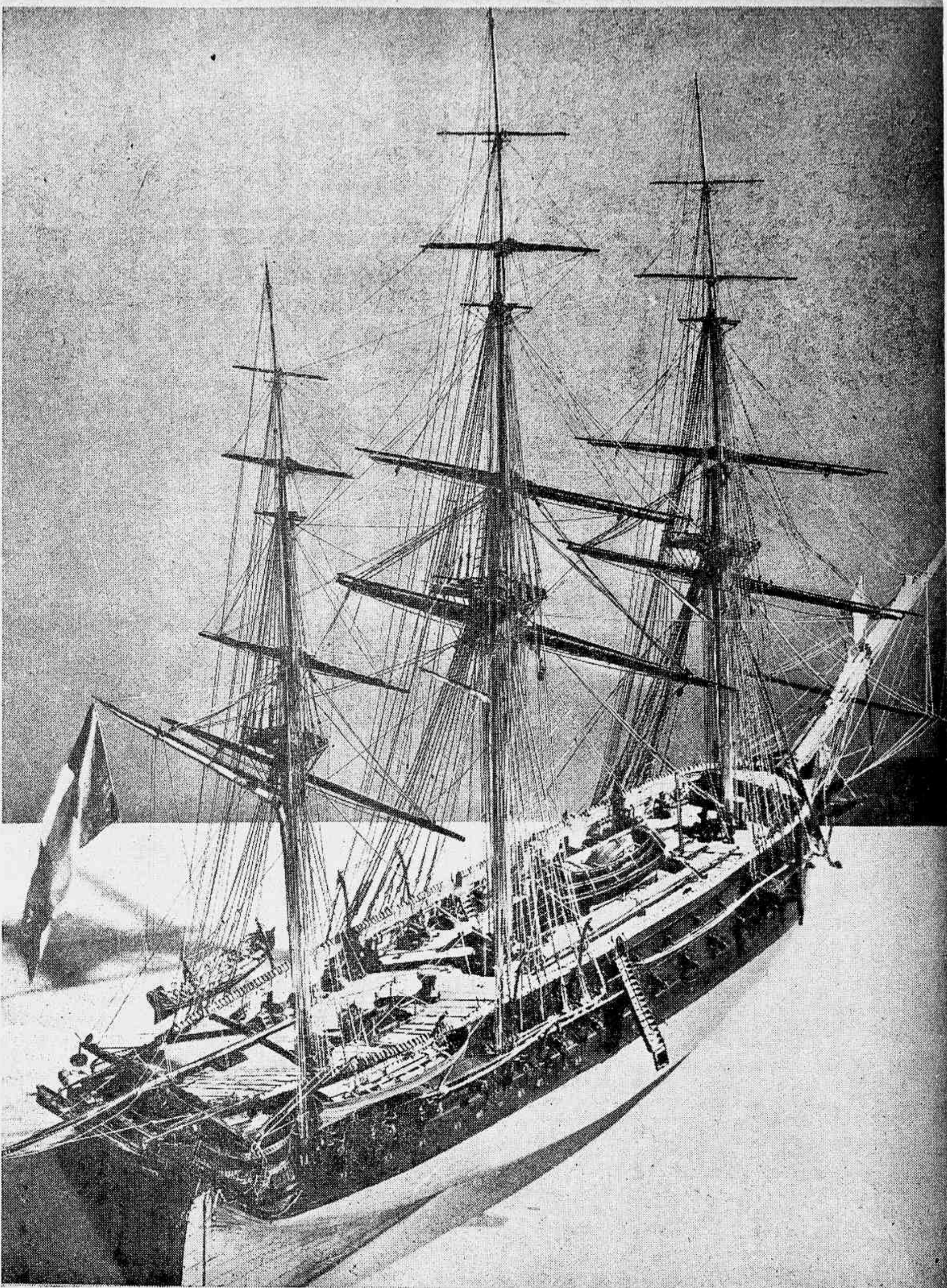
DE COLOMBO AO SÉCULO XX

Desde o descobrimento do Novo Mundo, foram as coleções do Museu da Marinha enriquecidas com os modelos das múltiplas maquetes de embarcações indígenas das Américas, armas e outros objetos dessas longínquas paragens. Perfeitamente reproduzidas, com todos os pormenores, entre elas algumas embarcações do tamanho natural, contam a história da sua evolução, desde o descobrimento até os nossos dias.

Todo o pavilhão do Museu da Marinha está repleto de lembranças de todas as épocas, das guerras, dos piratas, da tremenda luta do homem contra o mar, do seu imenso desejo de penetrar no



Modelo de navio de guerra grego — Século XIX



fundo das águas, de conquistas e mistérios. E o visitante pode ver, em sentido figurado, o que o homem foi capaz de conseguir durante tantos séculos de lutas e sacrifícios.

Alguns barcos, pirogas e canôas são do tamanho natural e foram trazidas de todas as partes do mundo. Destaca-se a Canôa do Imperador, a maior de todas as embarcações existentes no museu.

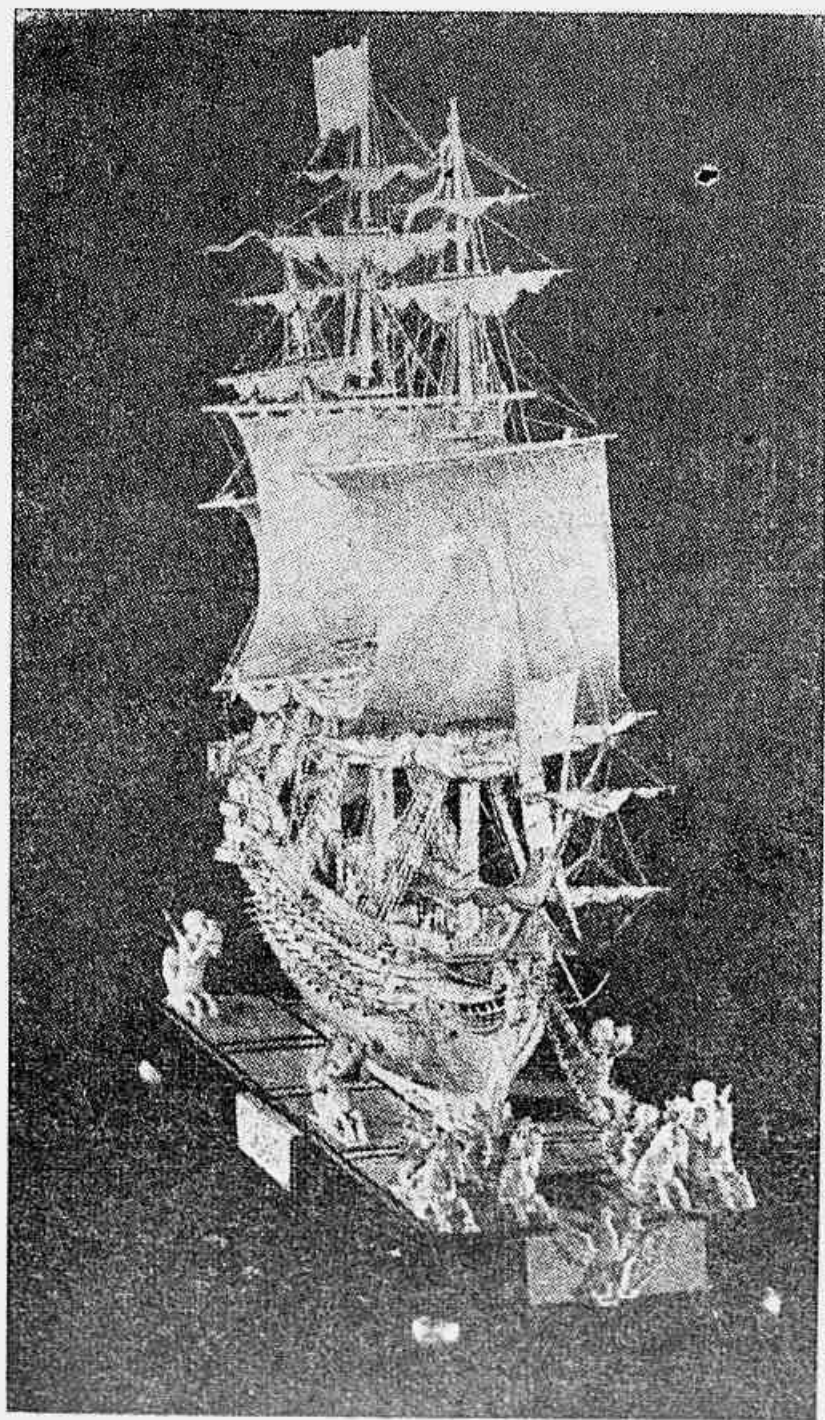
A Canôa do Imperador foi construída em 1811. Foi utilizada poucas vezes, pelo grande corso: 1858, levou Napoleão III, por ocasião de sua visita à imperatriz e em certas outras grandes datas da história francesa. Ela se achava numa ilha, vedada ao público, sendo transportada para o Museu da Marinha em 1943. Ocupa quase todo o interior do pavilhão, medindo 17,21 metros de comprimento por 3,35 metros de largura. Era guiada por 24 remadores sentados sobre doze bancos, possuía uma grandiosa cabine para várias pessoas, tendo no topo uma colossal coroa dourada.

O pavilhão do museu é ornamentado com um

sem número de quadros de todas as épocas, gravuras, desenhos, aquarelas, mapas e, em todos os cantos, sobre pedestais, muitos bustos de marinheiros célebres, comandantes de navios famosos, relíquias históricas e uma infinidade de curiosidades desde os tempos imemoráveis até os nossos dias.

E, apesar da perfeita organização desse museu, disseram-nos na secretária do mesmo que o trabalho em prol do engrandecimento dessa instituição e do enriquecimento das suas coleções, está apenas «no começo». O diretor do museu e os seus auxiliares pedem constantemente a todos os que se interessam pelo assunto, o favor de remeterem o que encontrarem e que for digno de figurar ao lado das reminiscências marítimas de todos os tempos e de todas as partes do globo, acumuladas e sabiamente expostas ao público no interessante museu parisiense.

E já que do Brasil nada existe no Museu da Marinha de Paris, aí vai o nosso pedido para que se envie alguma coleção à altura da nossa terra.



NASCIDO em Calcutá, perdeu o pai quando tinha cinco anos e foi embarcado para a Inglaterra para viver com sua tia em Chiswick. Era uma criança de aspecto estranho, lembrando uma abóbora espetada num pau. A tia pôs sobre a cabeça do menino o chapéu do marido — um vasto chapéu e, horrorizada, verificou que lhe ficava a matar. Levou-o ao médico da família para examiná-lo: "Não se assuste", disse-lhe o médico. "Esta criança tem a cabeça grande, mas dentro dela há muita coisa".

Contudo, a cabeça grande e espaçosa, do jovem William levou muito tempo para mostrar seu desenvolvimento. Na escola de Charterhouse, onde se matriculou como aluno externo, foi um pouco menos que mediocre. "Embora tivesse passado vários anos lá", escreveu um seu colega, Charles Venables, "nunca conquistou um posto elevado quer na classe quer no campo de esportes". Entretanto, o "menino bonito, gentil e aluado", mostrava, já por essa época, traços do seco humor que o distinguiria na idade madura. "Gosto da minha escola", escrevia ele a sua mãe que estava em Calcutá. "Há tantos meninos para brincar comigo". E acrescentou um sutil pós-escrito: "Somos 370 na escola. Desejaria que fossem 369".

Escrevia com regularidade para sua mãe e para seu padrasto, o major Carmichael Smyth. Confessava-lhes sempre que era muito preguiçoso e prometia-lhes que, no dia seguinte, seria mais aplicado. Mas jamais aparecia essa aplicação do dia seguinte. Quando se diplomou pela escola de Charterhouse, foi-lhe necessária uma instrução adicional a fim de se preparar para Cambridge. Essa instrução preparatória lhe foi ministrada por seu padrasto (o major Smyth e sua esposa tinham-se mudado então da Índia para a Inglaterra) e ele se matriculou em Cambridge em fevereiro de 1829. Ali também viveu uma vida solitária, sensível e apagada. "Se ao menos alguém conseguisse sacudi-lo, fazê-lo largar a preguiça!" dizia um dos seus professores. "Esse rapaz faria qualquer coisa se quisesse, mas é que não se decide". Era exatamente o que acontecia com Thackeray. Era incapaz de se resolver por uma coisa determinada. Um dia traduzia Horácio, no dia seguinte compunha bosquejos divertidos, no terceiro dia escrevia versos satíricos. Tudo que fazia era bom, mas não bastante bom. Era incapaz de se concentrar numa determinada coisa, tornando-se nela perito.

Está claro que também não se concentrava nos estudos. Perdidos dois anos na universidade, foi convidado a deixá-la, sem receber o diploma.

E passou a correr mundo. Viajou pela Europa, visitou museus, teatros e bibliotecas, escreveu "sketches", versejou, observou a vaidade, as misérias e belezas da vida. Era um jovem aristocrata, esguio, delgado e taciturno (herdara cerca de \$100.000) com uma voraz ambição de glória e uma decidida aversão ao trabalho. Um paradoxo em aparência como também em temperamento. Tinha o corpo de um gigante, o rosto de um querubim e o nariz de um palhaço. Quebrara o nariz numa briga na escola de Charterhouse e permaneceu desfigurado durante toda a vida. "Se não fosse o meu nariz quebrado", declarou certa vez, gracejando, "eu podia talvez conseguir o lugar de gigante de um circo. Quando pedi o emprego, o empresário examinou-me de alto a baixo e balançou a cabeça: "Altura você tem, meu rapaz, mas me parece feio demais".

Dias na ociosidade, noites alegres e uma dura experiência — tormentos crescentes de um espírito bem aquinhoado. No curso de suas caminhadas ao acaso encontrou-se, certa noite, numa casa de jogo. O negócio era cheio de sensações mas caro. Em poucos meses viu-se despojado de toda a sua fortuna.

Foi quando se concentrou na tarefa séria da vida.

II

Durante algum tempo tentou a arte, mas percebeu que não tinha vocação para artista. Então voltou-se para a literatura. Em suas viagens vira "muitas cidades e muitos homens" e em toda parte a mesma desorientação e levandade intrusa. "E, vêde, tudo é vaidade e vã competição". Ele seria um moderno Ecclesiastes,

A VIDA DE THACKERAY

(WILLIAM MAKEPEACE THACKERAY — 1811-1863)

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

um observador do espetáculo que desfilaria diante de seus olhos e, se possível, um humilde comentarista do significado de algumas de suas passagens obscuras.

Para esse fim começou a escrever poesias, ensaios e histórias, quase tudo rejeitado, e com boas razões. Sem querer, Thackeray era um escritor contraditório. Ele era por convicção um desprezador e por inclinação um adorador da humanidade. Os editores não o podiam entender porque não conseguiam situá-lo. Representava aquela que é a mais paradoxal das combinações literárias: um misantropo sentimental. Via a estupidez da vida, mas a enxergava através de um nevoeiro de mágoa.

Thackeray sofrera uma grande mágoa no início de sua carreira. Casara-se com uma bela jovem irlandesa, Isabella Shawe, que lhe dera duas filhas e "o mais feliz antegozo do céu que um homem já teve". Nisso, adoece a esposa, assaltada por uma febre. Seu corpo restabeleceu-se, mas seu espírito eclipsou-se. Com ela morreu também a felicidade de Thackeray. Entregou a demente aos cuidados de uma família amiga e engolfou-se no tumulto de uma vida social intensa para a qual sentia muito pouca inclinação. "Minha atividade mundana é apenas um imenso esforço para esquecer".

E sua atividade literária consistiu num esforço diuturno para motejar de tudo. Zombava de seus semelhantes porque sentia compaixão deles. Os humoristas — é Chesterton quem no-lo recorda — são os homens mais sérios do mundo. Não há malícia na sátira de Thackeray. A mão é de Esau, mas a voz é de Jacó.

E por esta razão lhe foi tão difícil construir uma reputação literária. O público não podia absolutamente compreender

um escritor que usava um chicote apenas para acariciar. Seus próprios filhos, quando cresceram, censuravam-lhe a sutileza do seu humor. "Por que não faz simplesmente humor como Dickens, do modo que dá a gente o entenda?"

Thackeray ficou profundamente desapontado diante de sua inabilidade em vender sua mercadoria literária. Incapaz de aparecer nas revistas, lançou uma revista sua *The National Standard*. A experiência valeu-lhe expor-se ao desfrute. Mas "se nunca foste um tolo", segundo ele próprio notou em seu *Lovel o Viúvo*, "nunca serás um homem sábio".

A revista não logrou êxito, e Thackeray continuou a aprender a sabedoria à custa da sua loucura. A pouco e pouco suas composições iam tendo acolhida nos cantos obscuros das revistas. "Um escritor de ensaios leves e de alguns versos bonitos, nada mais", observou o diretor de uma revista. Ao que redarguiu Thackeray: "Hei de mostrar-te que valho muito mais do que pensas".

Levou muito tempo para mostrar isto. Enquanto Dickens, um ano mais moço que ele, era a admiração de Londres, Thackeray continuava sendo o "obscuro satírico que ninguém lê". Escreveu um conto soberbo *The Great Hogarth Diamond* ("que tem Fielding ou Goldsmith de melhor?" perguntava John Sterlind) e várias revistas não quiseram publicá-lo. Candidatou-se para redator da *Foreign Quarterly Review* ("pego-lhe o obséquio de pensar em seu humilde servo, que bem podia, creio eu, preencher satisfatoriamente o cargo") e seu pedido foi jogado à cesta de papéis inúteis. Ofereceu-se para escrever uma série de artigos para *Blackwood's Magazine* ("pertengo a alguns clubes desta cidade e posso enfeixar em ar-

tigos uma série de coisas de interesse) mas sua oferta encontrou ouvidos moucos. Era uma tarefa desanimadora esse esforço inútil para viver da pena. Ele, porém, não se arredou do seu propósito ("que posso fazer a não ser isso?") e finalmente, após doze anos de fracassos ininterruptos, coube-lhe um reduzido quinhão de sucesso.

A primeira de suas composições a lograr algum êxito foi *The Irish Sketch Book*. Conseguiu uma venda de 1.000 exemplares. Thackeray mal pôde acreditar no que via quando leu o relatório. "Finalmente", disse ele fazendo uma careta, "sou quase tão popular como Dickens, de cada uma de cujas obras se vendem 100.000 exemplares".

Então, com a munificência de um homem que "venceu" aconselhou a um irlandês seu amigo, o romancista Charles Lever, a vir tentar a sorte na Inglaterra. Chegou até a oferecer-lhe ajuda financeira — uma ajuda que, segundo a observação humorística de Lever, é parecida com o gesto de um amigo que, quase a afogar-se, se oferece a ensinar a outro a nadar.

Passou depressa a embriaguez do seu primeiro triunfo recaindo Thackeray na antiga obscuridade e tristeza. Um dos seus amigos, referindo-se a *The Irish Sketch Book*, comentou que devia ser muito divertido escrever um livro de tanto humorismo. Thackeray contou-lhe, como resposta, uma historietinha. Um dia um homem doente foi ao consultório de um médico para ser examinado. — Você anda muito tristonho — disse o médico. — Você precisa de alguma coisa que o distraia. Por que não vai ao circo rir um pouco com as graçolas do famoso Polichinelo?

— Eu — disse o doente — sou Polichinelo.

Thackeray ria-se, dizia, ele, porque tinha muita vontade de chorar. "Que engraçadas coisas escrevi" observou numa de suas cartas, "quando estava mais inclinado a enforcar-me que a outra coisa!"

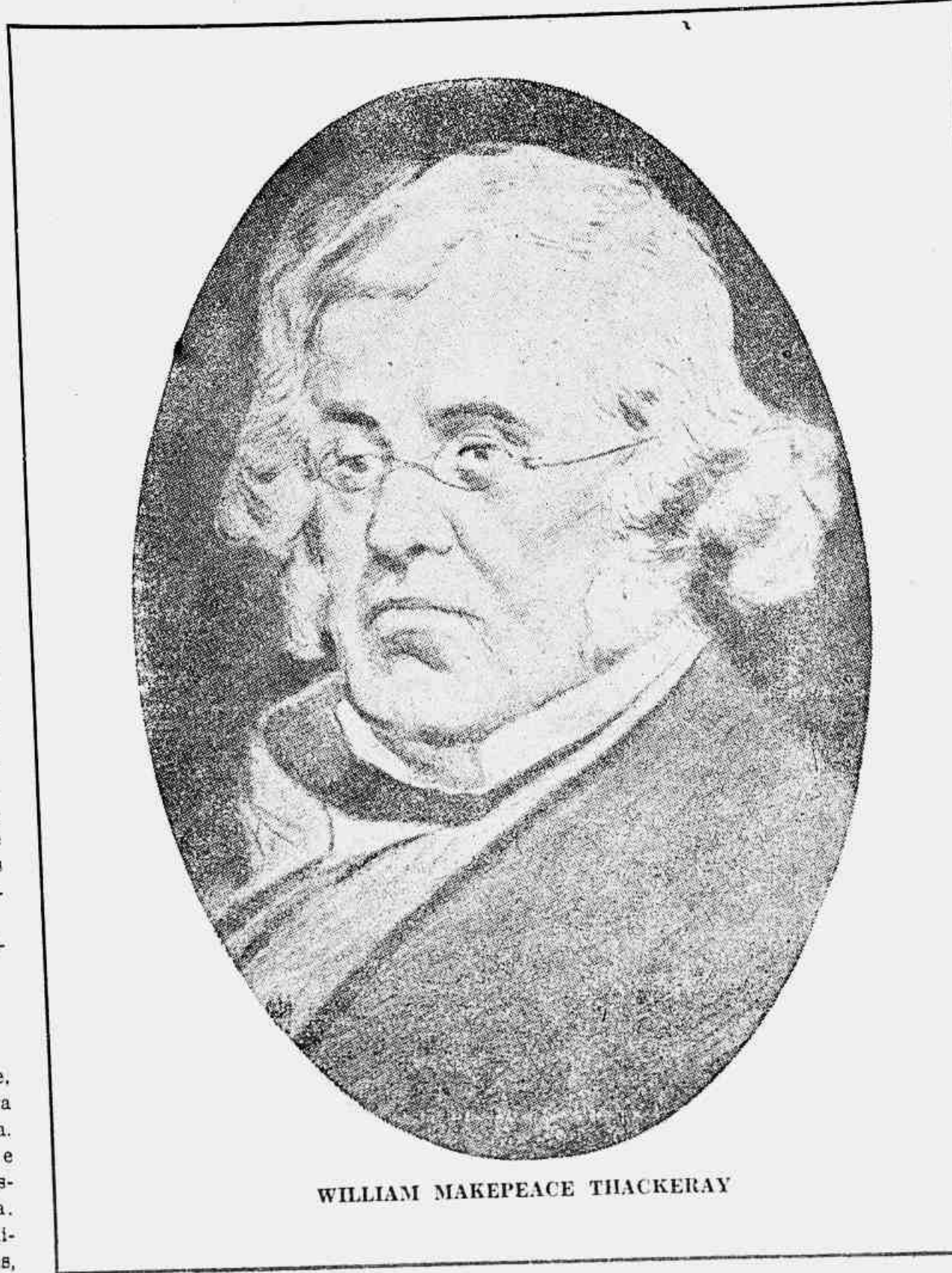
III

Continuou a escrever suas histórias engraçadas, suas poesias e artigos e o público continuou a retribuí-lo com uma mancha de pence e com aplausos discretos e dispersos. Na verdade, o público mal lhe sabia o nome. Com a sua mania do anonimato, ele adotou vários pseudônimos: *Titmarsh*, *Yellowplush*, *Ikey Solomons*, *Major Gahagan*, *Folkstone*, *Canterbury*, *Goliath Muff*, *Leonitus Hugglestone*, *Fitzboodle*, *Mrs. Tickletoby*, *Paul Pindar*, *Fitz-James de la Pluche* e *Frederick Hattamont de Montmorency*. Essa mania de tomar nomes disfarçados era mais um paradoxo de sua índole paradoxal. Embora faminto de renome pessoal, fazia todo o possível para conservar-se impessoal.

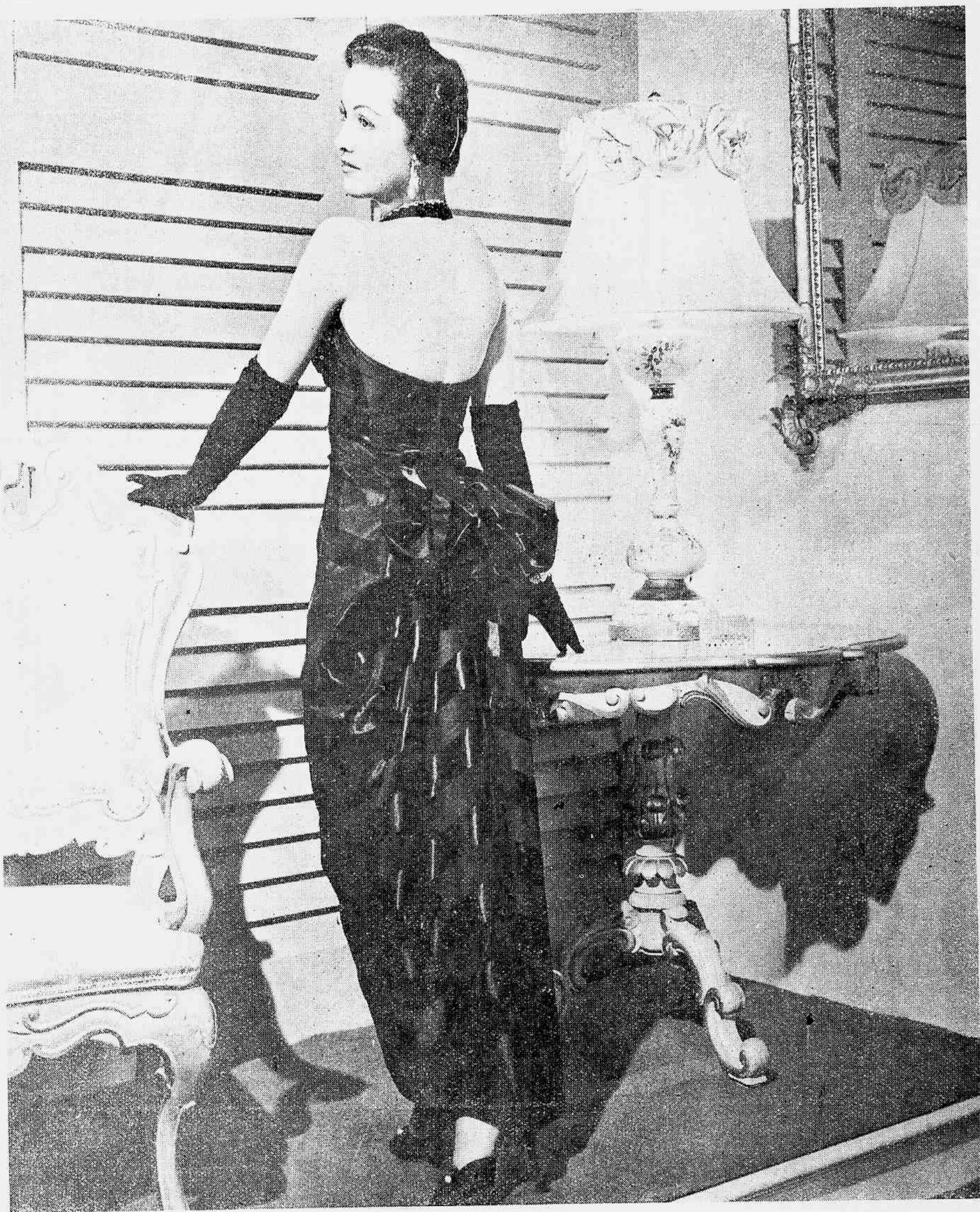
Entretanto, Thackeray encontrou amplas justificativas para seus diferentes pseudônimos. "Minha segunda grande ambição", disse ele, "é ser famoso; mas minha primeira ambição é ganhar o suficiente para sustentar meus filhos". E só mediante o contínuo bombardeio das revistas, a tanto — ou melhor a tão pouco — por palavra, é que obtinha o seu intento. "Pode acontecer a um homem de letras", explicou numa de suas cartas, "que o que ele recebe de uma publicação não seja suficiente para manter sua família, sendo então obrigado a colaborar noutras publicações! Se Fulano escreve artigos nos jornais diários, nos periódicos semanais e mensais, e os assina todos com o mesmo nome, ele se enfraquece à força de ser muito lido". E assim, para que seu nome não aparecesse com excessiva frequência, ele o ocultava de vez. "Quem é este novo escritor?" perguntou um leitor de revista numa das raras ocasiões em que Thackeray assinou um artigo com seu verdadeiro nome. "Seu trabalho é o de um ameaador comparado com os de Titmarsh".

Thackeray estava agora perto dos quarenta e ainda continuava anônimo e obscuro. Doía-lhe muito essa obscuridade. "Meu amigo", escreveu ele num dos seus artigos, "engraxe sapatos, areie facas, mas não seja literato". A literatura, observou ele em outra ocasião, não é nem ofício, uma profissão, é uma desgraça.

(Continua na página 48)



WILLIAM MAKEPEACE THACKERAY



Marcia Van Dyeke, da M.G.M., exhibe um elegante vestido de baile em cetim preto, drapeado sobre o busto. Original banda armada de um lado, na saia

NOS BASTIDORES FEMININOS

DEVERIA ser conferido à mulher que trabalha um título especial, ou deveriam, em sua homenagem, acrescentar à cidade uma nova estátua, ou dar nome a uma rua importante. Fosse qual fosse a idéia a homenagem deveria ser prestada. Porque, se existe realmente um número de mulheres que trabalha "por esporte", ou simplesmente para poder andar na rua, existe por outro lado, um grande número, a grande maioria, talvez, que trabalha porque precisa, quer seja para ajudar o marido, para educar um irmão ou para manter os pais. De outra forma não se compreenderia que se sujeitassem a tantas coisas desagradáveis, tantas pequeninas coisas que acontecem diariamente e que bastariam para tirar a disposição das que não precisam trabalhar... Há, por exemplo, a "investida" dos colegas; daqueles clássicos conquistadores que não podem ver uma pequena nova no escritório sem "dar em cima..." Há também, é claro, outra espécie de conquistadores, talvez pior ainda... Trata-se dos chefes, daqueles que

se aproveitam da sua situação para exigir "favores especiais" das suas auxiliares. Há, também a inveja das outras menos inteligentes ou menos bonitas que vêem em qualquer concessãozinha, a "proteção" do chefe.

E, além de tudo isso, além de tudo o que acontece ainda no escritório, há a suportar também os verdadeiros dramas que se desenrolam na rua. Ora é um "cavalheiro" que "distraidamente" esbarra ou encosta na infeliz criatura — alguns ainda fazem escândalo quando são chamados à ordem — ora é outro também muito cortez que disputa com ela um lugar no ônibus, pisando-lhe os pés, amarrotando-lhe o cabelo; ora é o trocador do ônibus que a insulta porque esqueceu a ficha dentro da bolsa, ou ainda o "chauffeur" que lhe grita, quando demora mais um pouco: "vai ou não vai sair?". Enfim, são dezenas de pequeninas coisas que acontecem durante meses e anos seguidos e que contribuem para desequilibrar nervos ou coisa parecida. E, se por acaso a infeliz se descontrola um dia, se não resiste e explode, ouve então a frase clássica: "é... está precisando casar..."

Decididamente, senhores, a mulher que trabalha merece uma estátua...

O. B.

O PÊSO DO TESOURO

SELEC. PELA "REVISTA DA SEMANA"

O barco singrava suavemente, levado pelas ondas mansas de um sereno mar, naquela enseada distante e quase desconhecida. As velas flutuavam com a brisa que soprava para terra, levando vagarosamente aquela pequena e frágil embarcação de um só passageiro.

Distraído e embriagado pela fragância marinha, o olhar perdido no horizonte inédito para ele, de chapéu numa das mãos, e amparado com outra a um pequeno cavalete, um homem de figura esbelta, segurava o lenço, assemelhando-se naquela postura, a um romano ao comando de uma quadrilha... Belo perfil, cabelos revoltos agitados pelo vento, tez morena, um tanto tostada pelo sol, assim era o personagem que solitário, viajava, naquela tarde de abril, em busca de uma paragem remota.

Mas, que singular seria aquela viagem, se não soubéssemos o fim a que se destinava!

Ao entardecer próximo, o céu num incêndio de luz, o Sol a despedir-se, lançava seus derradeiros e multicores raios cheios de beleza, envolvendo a Terra num manto de púrpura a um tempo suave e voluptuoso.

A claridade de um pequeno farol, num lusco-fusco de luz recentemente acesa, principiava a divisar-se com as primeiras sombras do entardecer.

Galvotas, vadias e irrequietas, voejavam do céu para as ilhotas circunvizinhas, dando uma nota alegre ao pitoresco ambiente.

Absórto, Roberto, (assim se chamava o nosso personagem) ainda não distinguira a chegada da ilha. Momentos depois, inesperadamente, aportava num largo, entre negras e pontegudas lages ostreiras. O mar lambia a areia e fazia arfar docemente o barco, dificultando o desembarque do material do pintor que era o nosso personagem. Consistia num cavalete e uma grande pasta contendo provavelmente tintas e pincéis, telas, etc.

Instalara-se na praia, e começara os primeiros traços de um esboço, quando surpreso, depara com a singular figura de um pescador que fazia também, às vezes, de faroleiro, naquele longínquo local, afastado, situado naquela paragem.

Com o rosto escuro e tostado, sulcado de profundas rugas, um grosso caximbo ao queixo pontegudo, o grosso nariz avermelhado, o ancião tinha o vivo olhar perdido na contemplação do farol que se distinguia ao longe, emergindo das ondas, instalado numa pequena torre num tócco e improvisado castelo de madeira enegrecida pelo tempo, encrustado de conchas. Parecia divagar e não perceber a aproximação do moço pintor. Tirara o lenço vermelho da ilhargia, e enxugava o suor da larga fronte. Talvez tentasse com aquele gesto, afugentar máis pensamentos ou um pesadelo que o atormentasse. O olhar distante já nublado pelo cansaço dos anos, parecia refletir um sofrimento, a boca amarga monologava algo incompreensível.

Roberto enchendo-se de natural curiosidade, aproxima-se do velho pescador.

— Boa tarde, bom velho!

— Boa noite, responde o pescador, como que saindo de um sonho, despertando com a surpresa daquela voz vibrante e simpática.

E assim, aqueles dois homens, inesperadamente reunidos por motivos diferentes se entrelinham numa palestra e uma comunhão de espírito se fez entre duas almas tão diversas na aparência, mas tão afins interiormente: O pintor atraído àquelas parágens pela beleza de uma tarde inspiradora de um belo quadro, encontrava aquele poeta do pescado, alma solitária, ardente, romântica e contemplativa. Lentamente, foram, lado a lado, caminhando pela praia em direção ao farol, onde um fogo hospitaleiro os esperava. A

tarde esfriara e o convite do velho era de veras tentador.

— Mas, começou Roberto, por que monologava, quando o encontrei na areia da praia?

— Ora, meu filho, eu passo dias esquecidos a dormir ao calor desta areia que me serve de cama durante o dia, e, às vezes, pelas noites de verão, eu amanhaço com o gorgêio da passurada, e as ondas a molhar-me os pés cansados.

Estou velho e solitário. Já se foi o tempo em que eu tinha uma boa companhia de tantos anos!... Ah! quando ela vivia, o nosso cantinho recendia a essa hora a pratos gostosos e um bom vinho me esperava, depois das penosas pescarias...

E as minhas pescarias!... Eu tinha um velho e bom companheiro que também findou-se!

Agora, eu me contento com os sonhos, meu farol e este mar!... Não podes compreender o que representa o mar para um pescador como eu que sempre viveu nestas ondas frias ou quentes, mansas ou bravias... Nas tardes serenas e nas frias madrugadas, o cheiro do mar me alimenta, e nas noites de tormenta é ainda o cheiro deste mar que me dá força para lutar, lutar como um leão para defender a presa...

O mar! a sedução do mar, ó não poderá compreender.

— Bem, eu imagino. O mesmo se dá comigo com meus quadros. Perco dias, semanas a fio na organização de um quadro, e depois, me perco na contemplação de uma obra, que, talvez para outrem, não tenha o valor que lhe empresto como autor! E como sonho com um atelier bem montado, com um lar, e tantas outras cousas que os bens materiais de um artista não proporcionam nunca ou quase nunca, eu vivo a vislumbrar uma felicidade distante, numa eterna miragem...

— Deveras? — retruca o pescador admirado. Então anseia por um futuro que não vem? Pobre homem!

Pois olha: — Certa vez, eu, cansado de uma pescaria estafante e improficua, dependurei meu velho boné no tronco ressequido de uma velha figueira, onde as corujas tinham organizado família. Estirei-me na relva e adormeci. Quando acordei, tinha passado tanto tempo, que um pássaro havia feito seu ninho no meu rôto boné.

Quando, com muita pena, retirei o ninho e repus o boné na cabeça, lembrei-me que na minha choça não havia lenha sequer para fazer a cêia e meu estômago estalava. Enguli um gole de rum e dispus-me a derrubar o velho tronco. Atirei-me a golpes de machado a ele, e, mal havia dado as primeiras machadadas, a carcassa mais velha do que imaginara, tombou com fragor e qual não foi o meu espanto e surpresa, quando sobre o chão juncado de fôlhas secas, surgiram aos meus olhos atônitos e incrédulos, milhares de moedas de ouro! Fiquei, assim, de posse daquela imensa fortuna que algum frade cautamente escondera ali, na época das bandeiras talvez...

A princípio fiquei radiante e só fazia planos! Pretendia construir uma casa nova, reformar o meu lar rústico e tão pobre! Mas, cousa estranha! aquela inesperada fortuna me atordoava e tirava toda a tranquilidade! Receiava ser roubado durante a noite, apesar de ninguém conhecer o meu segredo e eu ter guardado àvaramente aquele tesouro no velho cofre bem fechado por um cadeado de ferro... Aquêl tesouro me trazia num pesadelo constante; ora sonhava com todas as comodidades do mundo, e, cada dia que passava, ia aumentando as minhas preocupações, arquitetando planos diferentes acerca do que deveria fazer com aquela

(Continua na pág. 48)

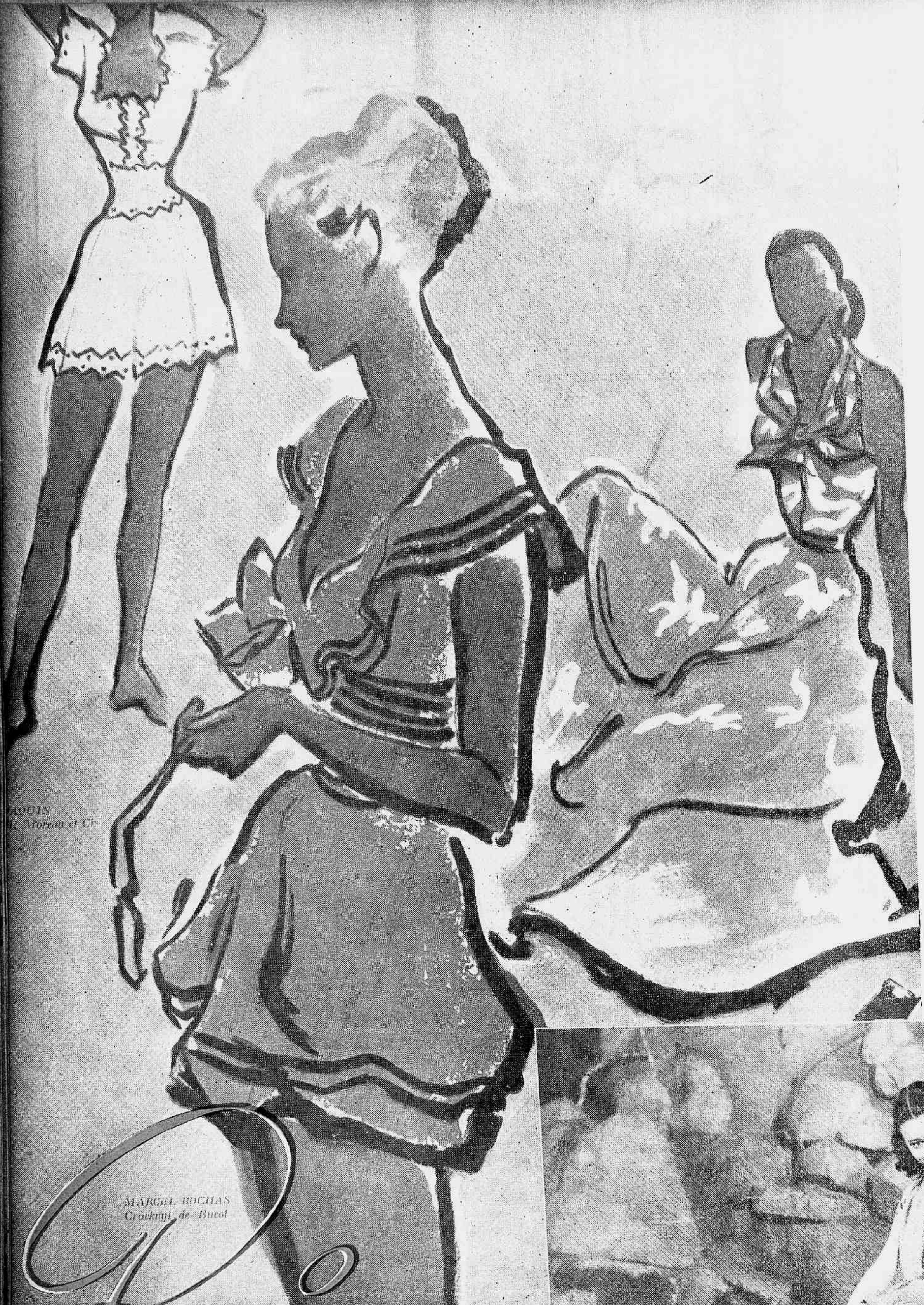
CONTO DE BETRALDA M. SALLES
ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO BASTOS



QUE

Copacabana

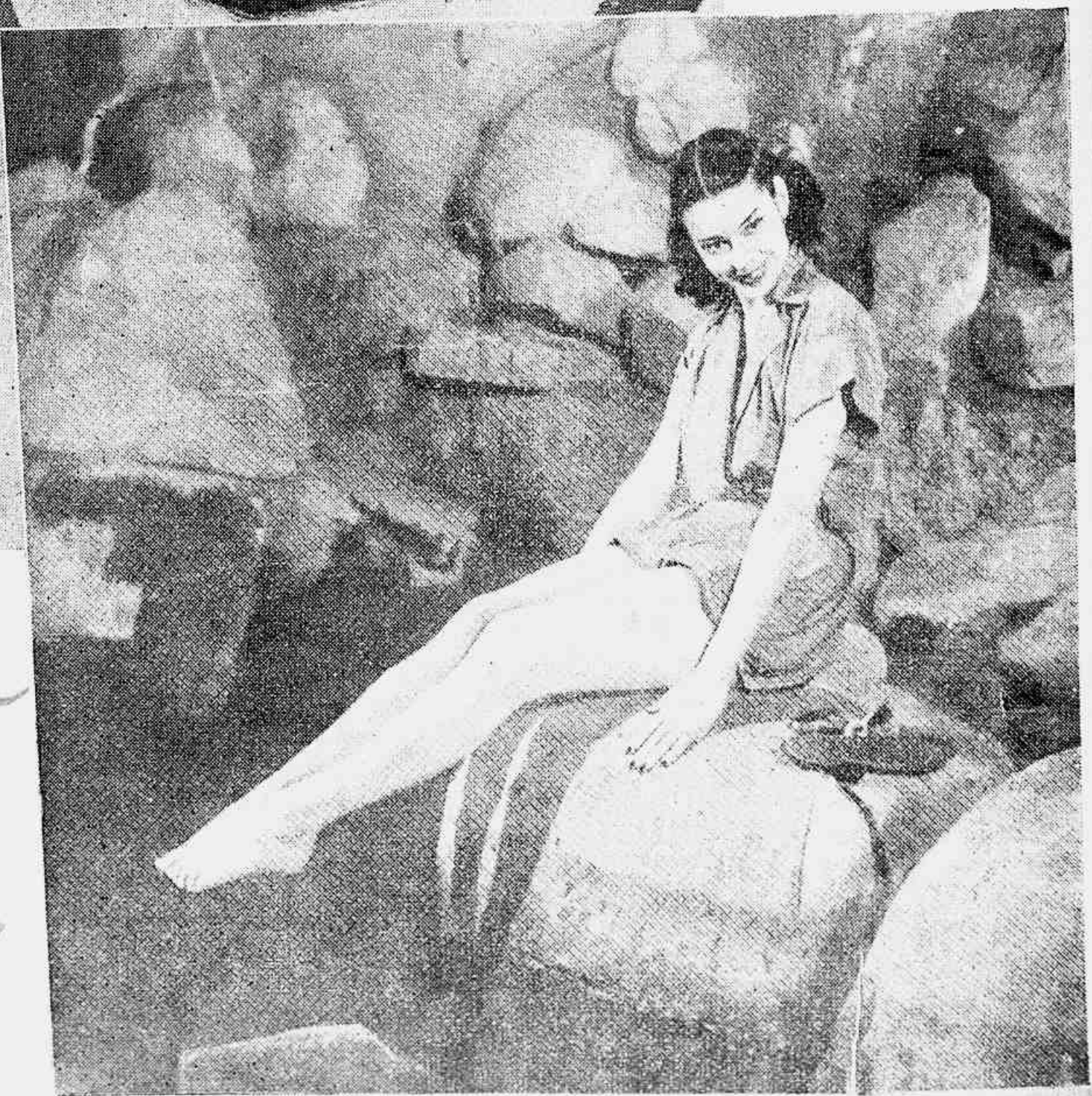
O verão carioca é o inspirador dos belos e cómodos modelos de praia, e a nossa gentil leitora, que é amante do "chic" e da elegância de Copacabana, há de escolher um destes padrões que o sol e as ondas impõem às filhas de Eva no século XX. São modelos ultra "chics", modernos e sem exageros de confecção, fáceis, portanto, de serem aproveitados. Dois lindos e elegantes modelos de praia: blusão de "crochet" em cores marron, amarela e cinza, com gola alta e botões dourados formando linda combinação de tons. O outro modelo é um "maillot" de peça única, todo em "tricot", ponto fechado, branco com grandes "pois" em azul. Blusão em ponto de granito feito de "tricot" ornamentado com rosete de côr, seguindo do ombro uma barra rodeando a manga; bolsos do mesmo ponto e com os mesmos ornamentos. Lindo "maillot" em ponto de meia, em duas cores, alternadas, azul e branco, de grande e belo efeito. Extremidades com barras azuis.



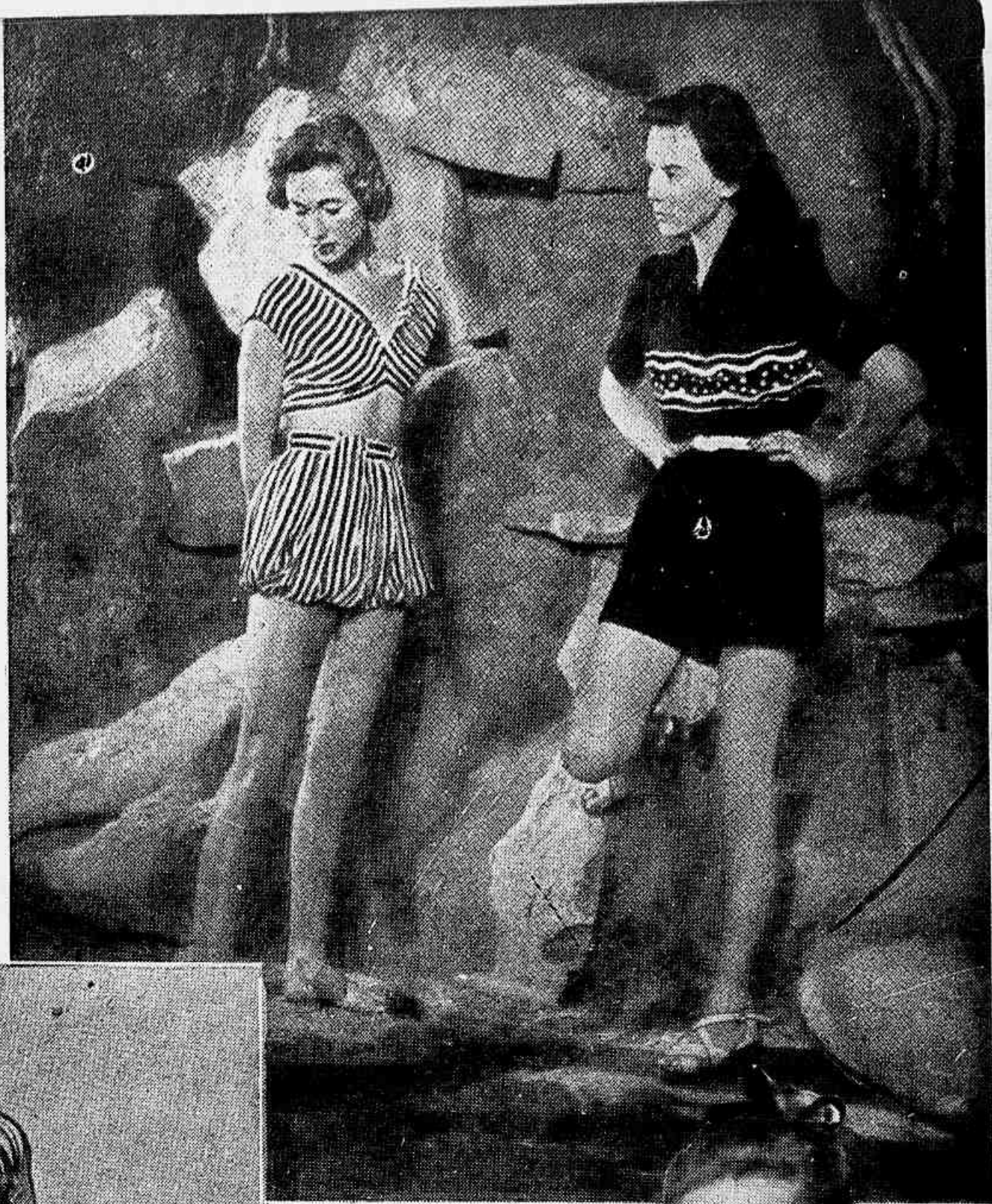
MODIS
L. Morand et Co.

MARCEL BOCHAS
Cravigny de Bucol

Deira
maer



1 — Paquin criou êste **short** em fustão branco com **festoné** azul e **pois** vermelhos. 2 — Em **shantung** amarelo é o **short** de Marcel Rochas. Calças fôfas. 3 — Em fustão estampado é o vestido de Grés. 4 — De Maggy Rouff é êste **short** em sêda grossa verde vivo, com mangas "kimono". 5 — Jane Lafaurie, por exemplo, sugere, sôbre um **maillot** de lã preta, sem alças, uma saia côr de rosa forrada de preto. 6 — Marcelle Chaumont criou êste modelo em algodão estampado, com a **basque** formada por um babado **godet** e outro plissado. 7 — "Duas-peças" em tecido listrado. Criação de André Ledoux. 8 — Com um **short** de linho azul forte, blusa do mesmo tecido com barra bordada em branco. 9 — Audacioso "duas-peças" "made in Hollywood"



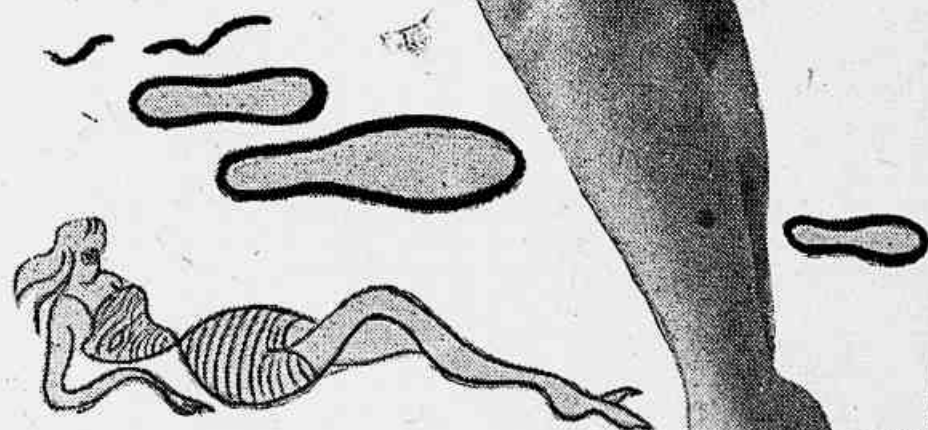
★



A

silhueta feminina para a praia e para o mar é a mais variada possível. Há os trajes muito curtos, há os muito longos, há os muito justos, há os dra-

peados, tudo revelando a extraordinária imaginação daqueles que tomaram a si a tarefa de fazer realçar a beleza das mulheres do mundo inteiro. Nestas páginas apresentamos o que de mais moderno e elegante a moda parisiense apresenta. Não são só "maillots", mas também "shorts", modelos para passeio e outros pequenos e interessantes detalhes.



Variações sobre um colar



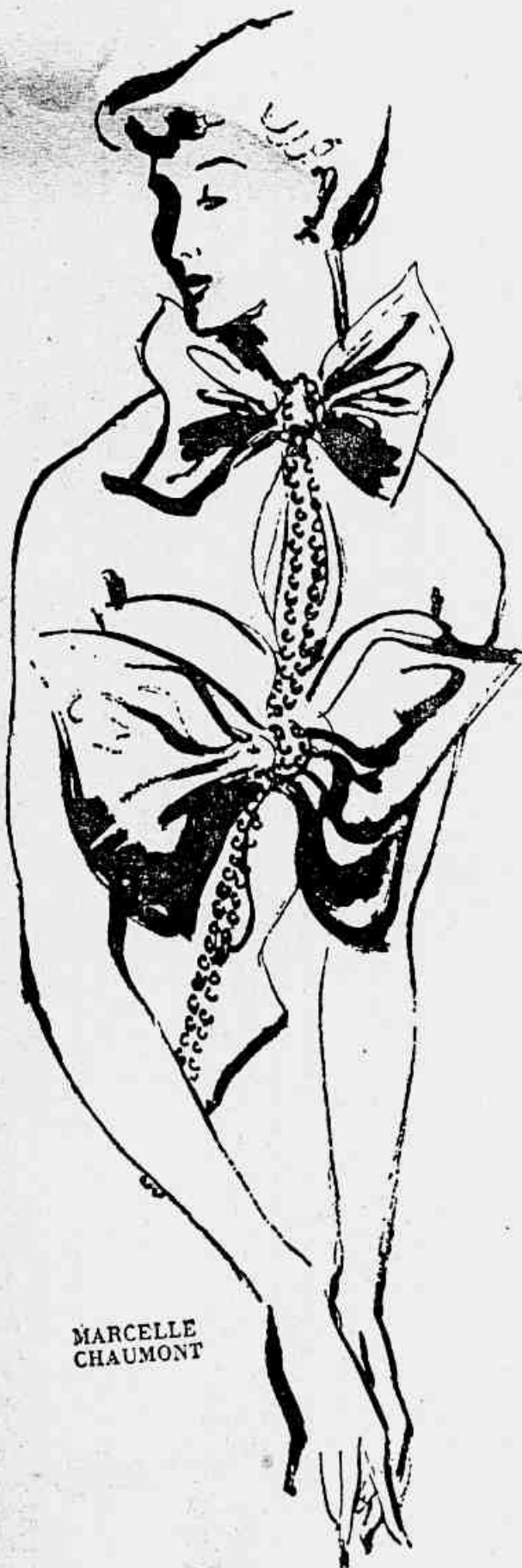
CHRISTIAN DIOR

Christian Dior — Com um vestido de noite, você poderá usá-lo sobre os ombros e passando sob os braços



CHRISTIAN DIOR

Christian Dior — Novamente com um vestido de noite sobre os ombros, desta vez, porém, terminando sob a cava



MARCELLE CHAUMONT

Marcelle Chaumont — Também poderá ser preso num laço de veludo, cair em linha reta e em seguida passando por outro laço, cair novamente em linha reta



JEAN DESSÈS

Jean Dessès — Para alegrar um vestido preto, ele poderá dar voltas ao pescoço e depois cair como pingente



JEAN DESSÈS

As jóias exerceram sempre grande poder de fascinação sobre a mulher; elas são indispensáveis para realce da beleza feminina, qualquer que seja a ocasião. Se você possui um colar comprido, há diversas maneiras de usá-lo. Sobre o assunto apresentamos aqui diversas sugestões, algumas dos mais famosos costureiros de Paris.

Jean Dessès — Com o seu vestido decotado, você poderá usá-lo parte como coleira parte mais solta

CABELOS...



CURTOS ou compridos, a tendência é uma só: nunca limpa. Para aquelas que não ficam bem de cabelos curtos ou que não têm coragem de cortar os seus cabelos, a palavra de ordem é: cabelos para cima! Para



as outras, cabelos curtos mas penteados de forma a evitar que caíam sobre a nuca. Os penteados aqui apresentados são as últimas criações dos figaros parisienses.

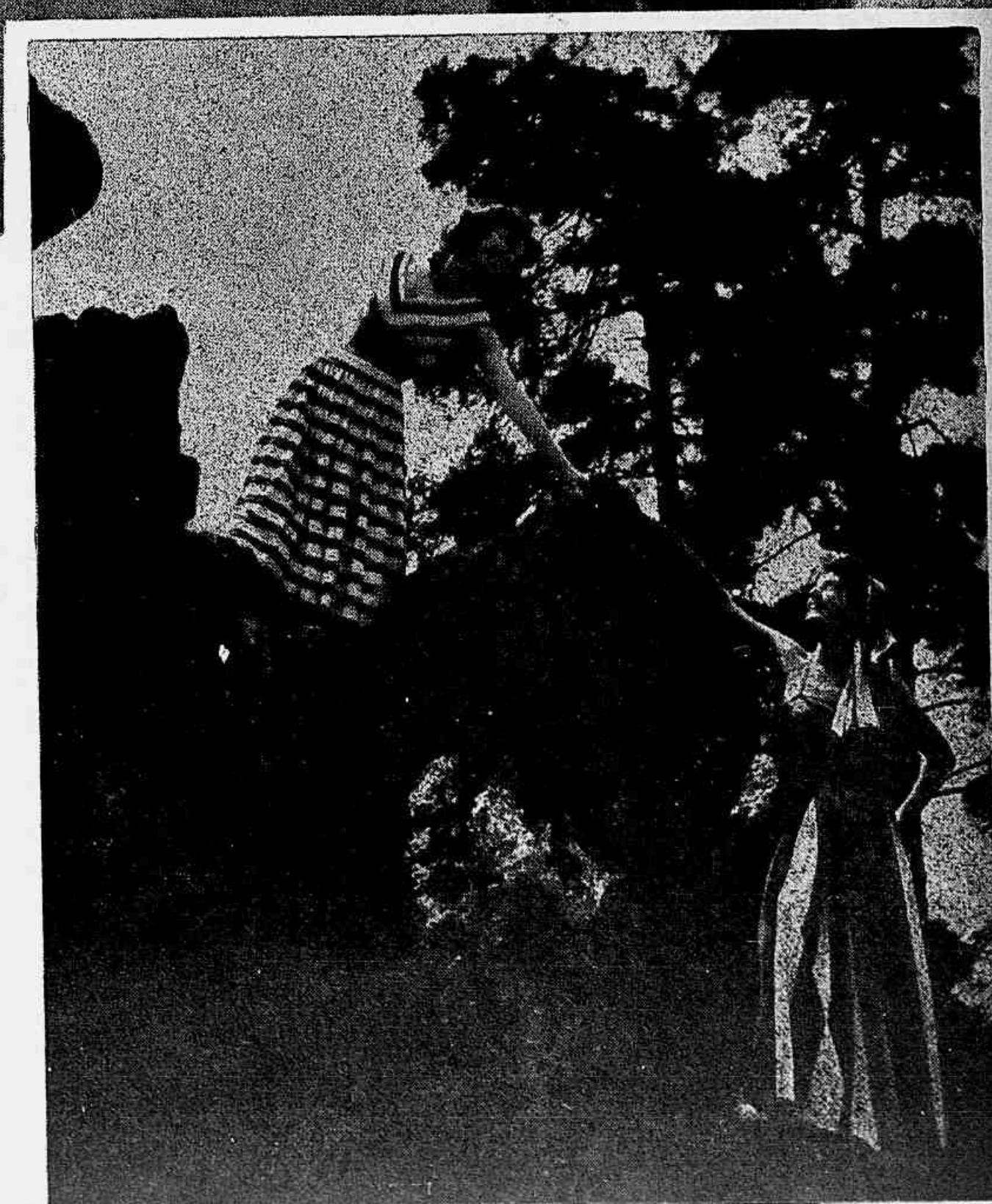


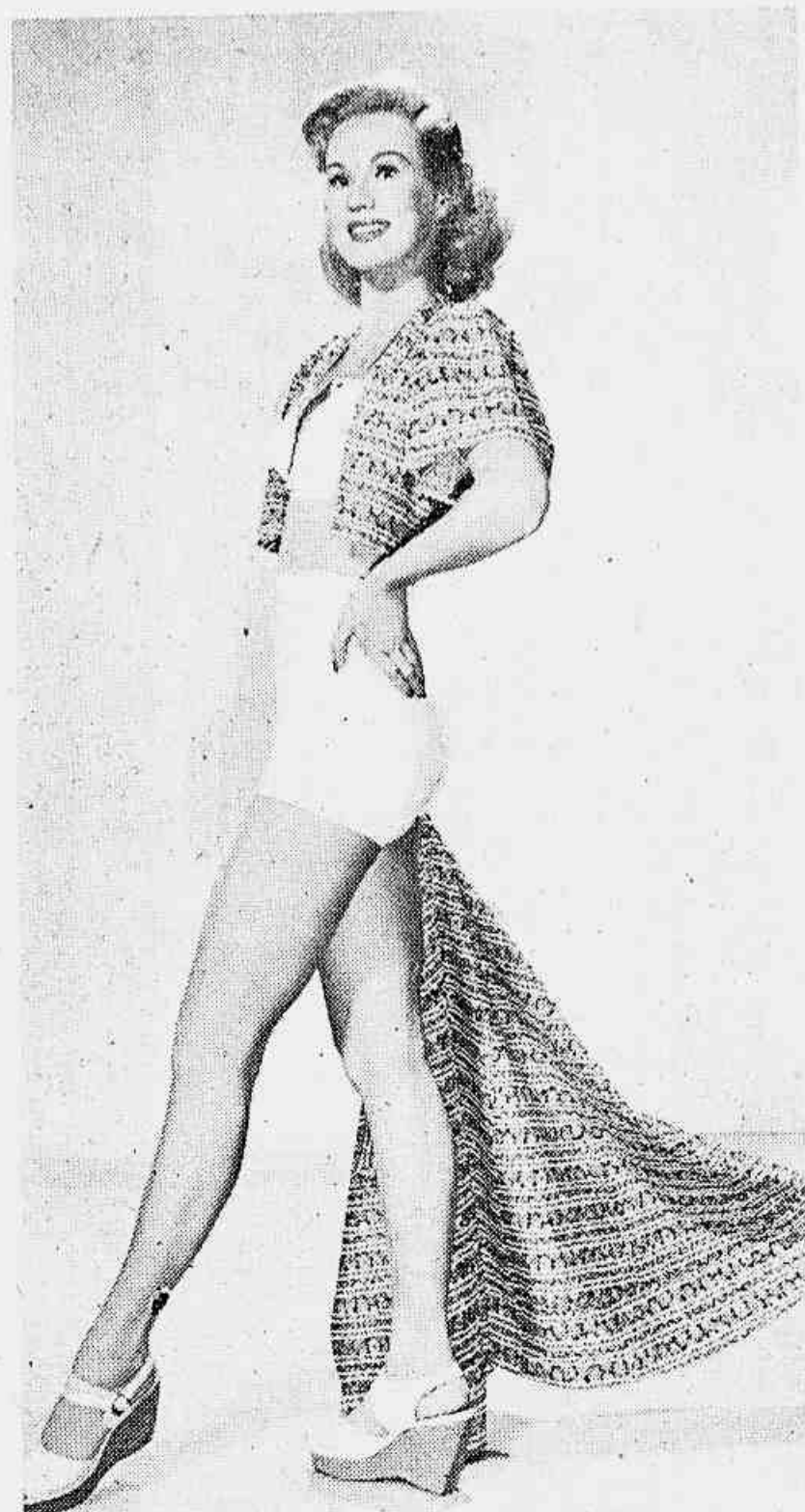
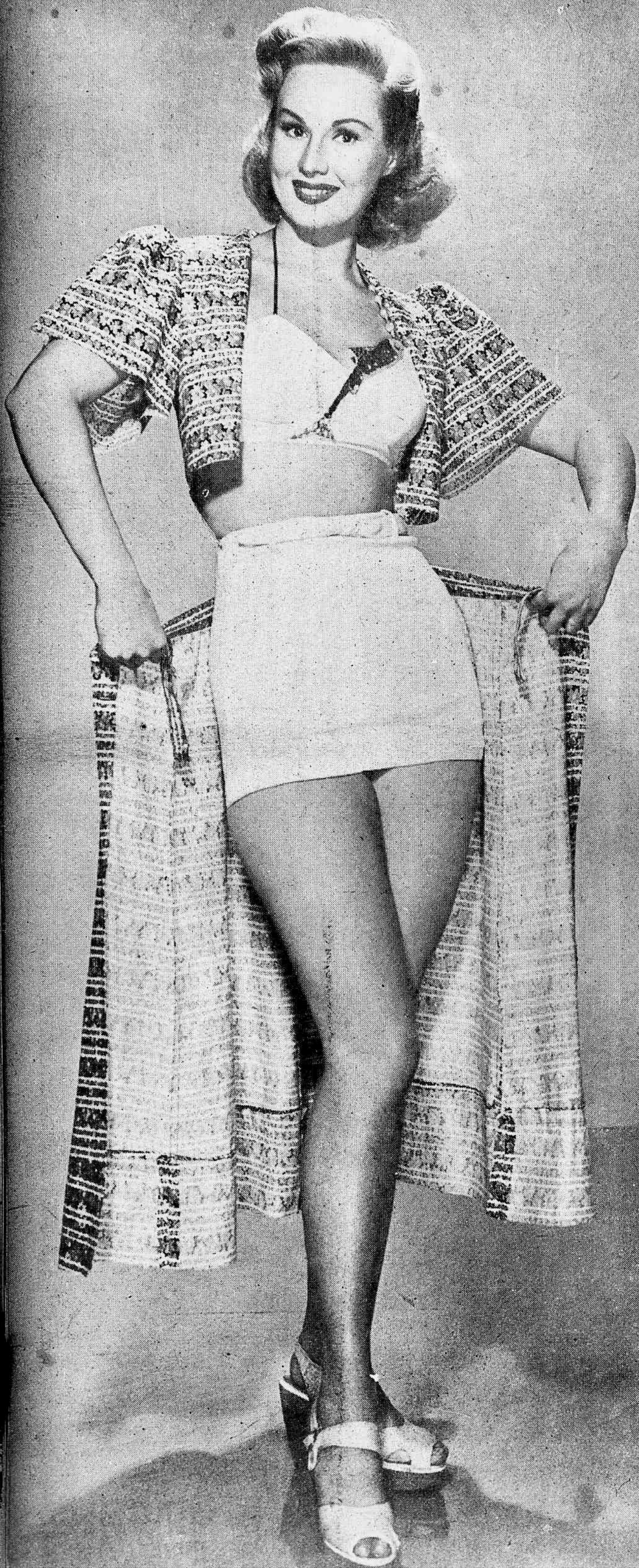
○ verão aproxima-se, cor-
 êle os dias quentes e er-
 solarados. Modelos leves
 alegres e de côres vivas dever-
 ser os escolhidos. Vemos nas
 fotos desta página, à direita —
 Em algodão de largas listras
 vermelhas e azuis e outras bran-
 cas, com "pois" de diversos ta-
 manhos. ★ Em fustão rosa com
 ramagens brancas. Corpo com-
 prido. Decote quadrado. À es-
 querda — Modelo em linho, sem
 alças, com "guipire" sôbre o
 busto. "Basque" na cintura. ★
 Êste outro modelo compõe-se de
 "slacks" em linho azul pavão,
 casaco em tecido esponja côr de
 areia. À direita — Em "chintz"
 listrado verde e branco. Saia
 franzida. Corpete formando "V".
 ★ Em linho listrado branco e
 azul. Pregas na saia unindo as
 listras azuis.



PARA O

Calôe





MODÊLO CONVERSÍVEL

VIRGINIA MAYO, a louríssima "estrêla" da RKO, é quem nos apresenta êste sugestivo modêlo "convertível" para o verão, composto de "maillot" branco em latex e um vestido em duas peças, saia e bolero, em fazenda estampada. Serve êste modêlo tanto para passeios à beira-mar como para o banho de mar propriamente dito. Aqui fica, pois, a sugestão. Agora, mãos à obra.



MÃES E FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA

A CRIANÇA E A SUA VIDA SOCIAL — Assunto de grande importância, a vida social da criança está estreitamente ligada às atividades escolares, onde as crianças de lares e de educação diferentes se reúnem. É ali que a criança irá defrontar com os seus primeiros problemas sociais e, para isso deverá estar convenientemente preparada pelos pais. Sua sensibilidade sofrerá com os primeiros choques, porém, a sua mentalidade reagirá, desde que a sua formação tenha sido iniciada por pais inteligentes e compreensivos. Naturalmente, cada colega do seu filho reflete a sua procedência. Mesmo que isto lhes seja desfavorável, isto é, mesmo que o ambiente de família não seja idêntico ao seu, ou àquele que se possa julgar bom, será de bom alvitre recebê-los, mesmo porque só assim a criança poderá ter a oportunidade de julgar por si própria se eles constituem ou não boa companhia. A criança previamente preparada, saberá discernir perfeitamente o bom do mau colega e então se aproximará do primeiro e se afastará do segundo. É bem melhor que seja a criança quem julgue, compare e escolha os seus amigos, pois é preciso compreender que quando crescer, ela entrará, a cada instante, em contato com outras pessoas e então deverá saber reconhecer aqueles que realmente possam merecer a sua confiança e a sua amizade.

Os anos de escola são uma contribuição valiosa para a formação definitiva do caráter e da personalidade da criança, razão porque, lhe deve ser dada a oportunidade de aprender por si mesma aquilo que servirá de base para a sua vida futura. O mais que os pais devem fazer, é orientar discretamente, sem tolher o desenvolvimento normal da criança. Inúmeras vezes a criança escolhe um companheiro só para contrariar a vontade dos pais. É preciso que ela sinta a inconveniência da companhia, mas é preciso que isto não lhe seja feito com imposições. O papel dos pais com relação às atividades sociais dos filhos, é a do observador pronto a agir quando realmente se torne necessário.

A criança precisa sentir, além de tudo, a confiança que em si os pais depositam. Isto lhe fará muito bem.

CONSELHOS PARA VOCÊ

O uso excessivo de roupas é prejudicial à criança. Muito agasalho quando a estação não permite, tira-lhe a resistência física. É necessário vesti-la de acordo com o clima, usando-se somente as peças essenciais.



Crianças fechadas em apartamentos ou quartos, não podem gozar muita saúde. Proporcione-lhes o mais possível ar livre e sol.



Não espere dois ou três dias para ver o que a criança tem quando a febre se apresenta. É melhor consultar logo um médico.

Está muito em voga nos Estados Unidos vestirem as filhas com os modelos das suas mães, conforme aqui indicamos. O bolero tanto dá graça a uma quanto à outra.



Em organdi rosa com bordado inglês



Em tafetá branco com "pois" verde e vermelho



Em "surah" creme com "pois" azul



A esquerda — Em contacto com os norte-americanos, os chineses modificam o sortimento de viveres. À direita — Isto não é restaurante, e sim a hora do "lunch" entre empregados e patrões numa casa comercial chinesa

ONDE OS CHINESES VIVEM EM PAZ

Reportagem de VON HOFFMAN

A GORA que todo o norte da China se convulsiona entre as garras de uma guerra civil das mais sangrentas, com vários milhões de chineses a dar sua vida pela vitória de

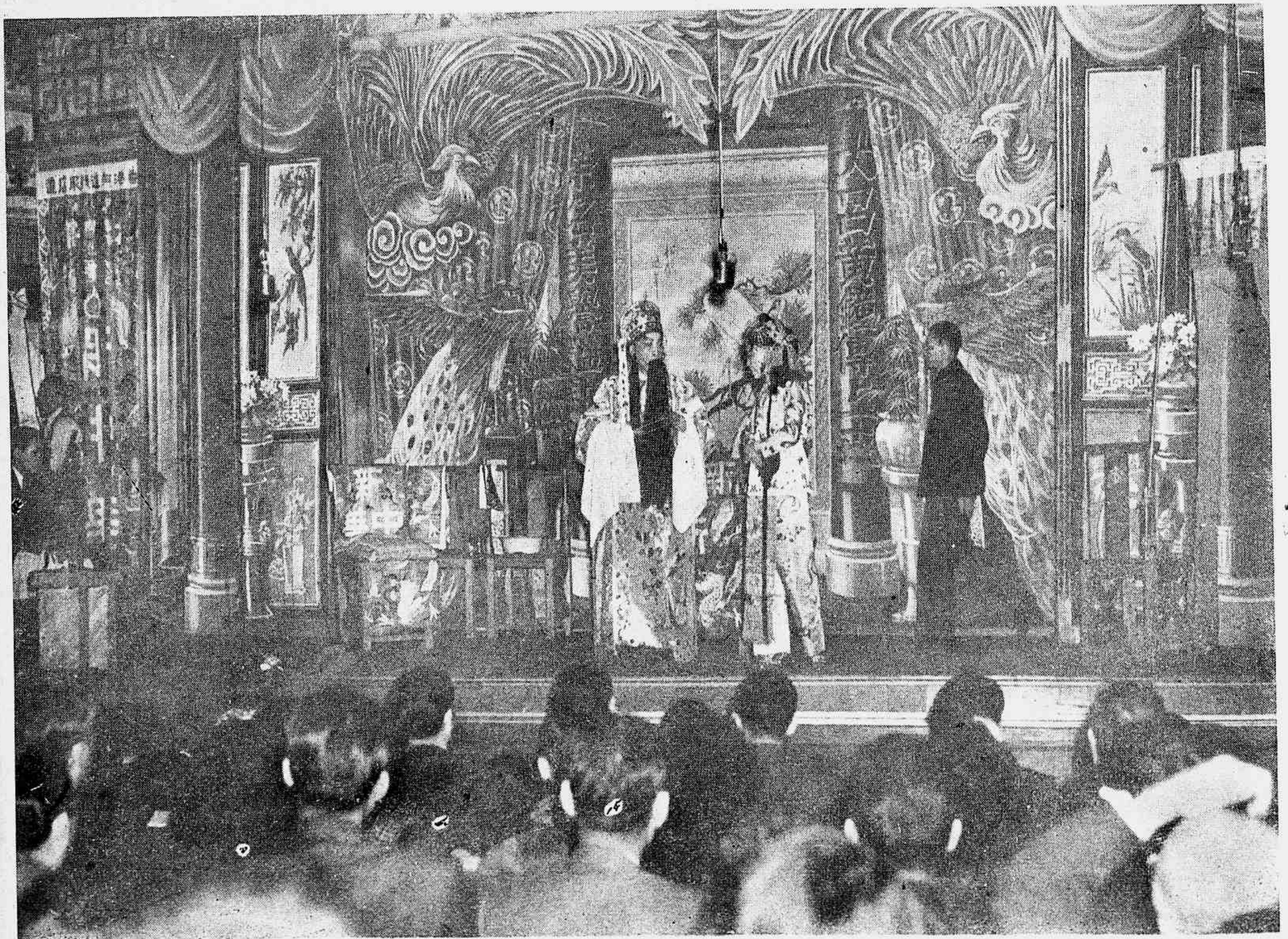
uma das correntes político-sociais, estas páginas nos dão uma idéia mais tranquila de chineses que vivem em Nova York, longe

do teatro da luta que devasta a pátria de Confúcio.

Nação paradoxal e de flagrantes contraditórios, a China, que

foi a pátria de filósofos cujos mandamentos se assemelham aos do cristianismo, tem seguido pela estrada da existência entre lutas internas das mais ferozes, nutrido cada vez mais as dissensões

Em baixo — Nada mais curioso para o ocidental do que o teatro chinês que parece não ter mais fim. Na página ao lado — Há em "China Town", de Nova York, quatro jornais chineses. Aqui vemos uma tipógrafa em ação







Em cima — Loucos por música, os chineses fazem cursos em que também entram crianças americanas, em bela fraternização. Em baixo — Redação do "Diário Chinês de Notícias", que colhe a maioria de novidades, da imprensa americana



entre seu povo, eternamente dividido pelo partidarismo político de tremendas consequências.

Além da luta política, as grandes catástrofes meteorológicas. São bem conhecidas, pela constante repetição, todos os anos, as pavorosas inundações de seus dois grandes rios, em cujos vales milhões de chineses vivem e produzem para dar alimento a outros milhões espalhados pelo vastíssimo território nacional.

Povo resignado e contrito diante da vontade de seus deuses, o filho da China não tem realizado através do tempo o progresso que seria de esperar de sua inteligência e da profundidade da cultura de seus líderes.

Apertado entre limites de po-

vos que muito o guerrecaram nos tempos passados, desde os mongóis, ao norte, aos nipões, ao sul, os chineses se inclinaram pela migração em busca de melhores terras para viver, trabalhar e sentir melhor a vida.

Dentre os países do mundo que maiores possibilidades lhes ofereciam, um sempre se destacou como sendo o "El Dorado" de seus sonhos: os Estados Unidos da América do Norte.

Correntes emigratórias se estabeleceram para o território dos Estados Unidos, e milhares de chineses se fixaram na orla do Pacífico, em zonas da Califórnia, enquanto grandes grupos de família procuravam o leste, firmando-se nas maiores cidades

do país, espe-

multuosos. Nova

Bairros chine-

suas placas v

caracteres insc

nacionais. Loj

tal, tempos c

que todos re

onde há mes

bizarra de e

pregadores, a

pauzinhos, nu

glutidor próp

prestidigitaç

simos, em cuj

podem levar

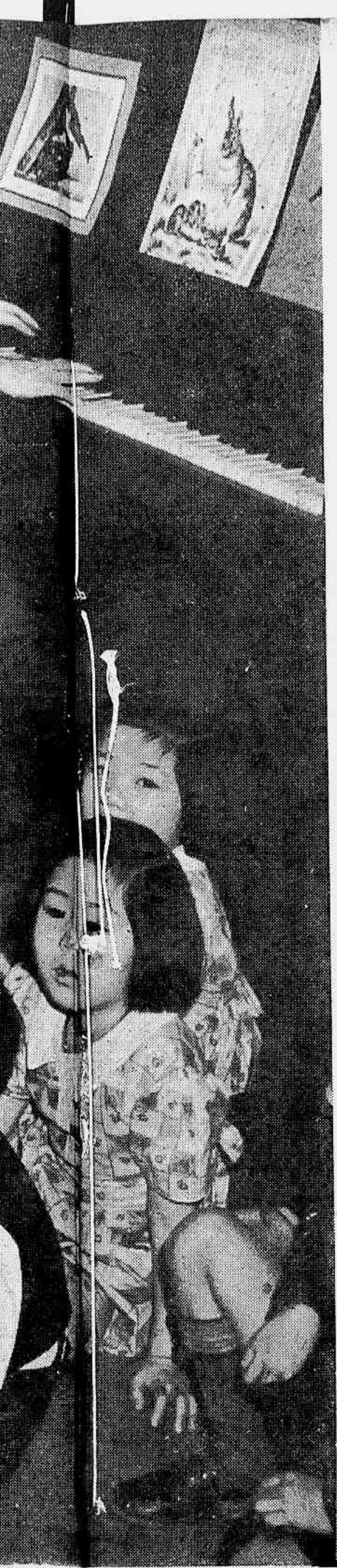
sentação... i

O pop nor

beu com gen

ses, quise se

sua terra pe



Chinês de

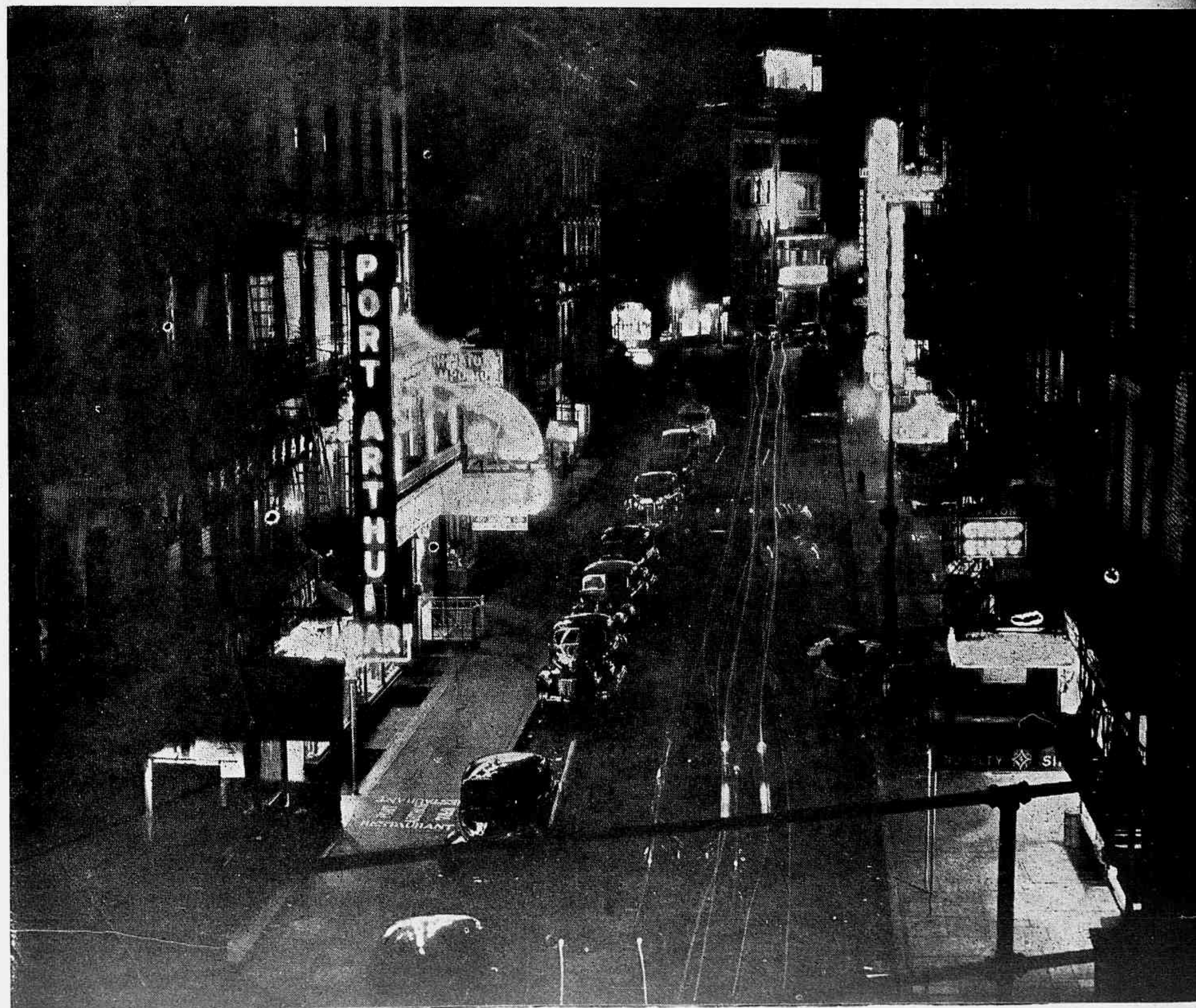
do país, especialmente na tumultuosa Nova York.

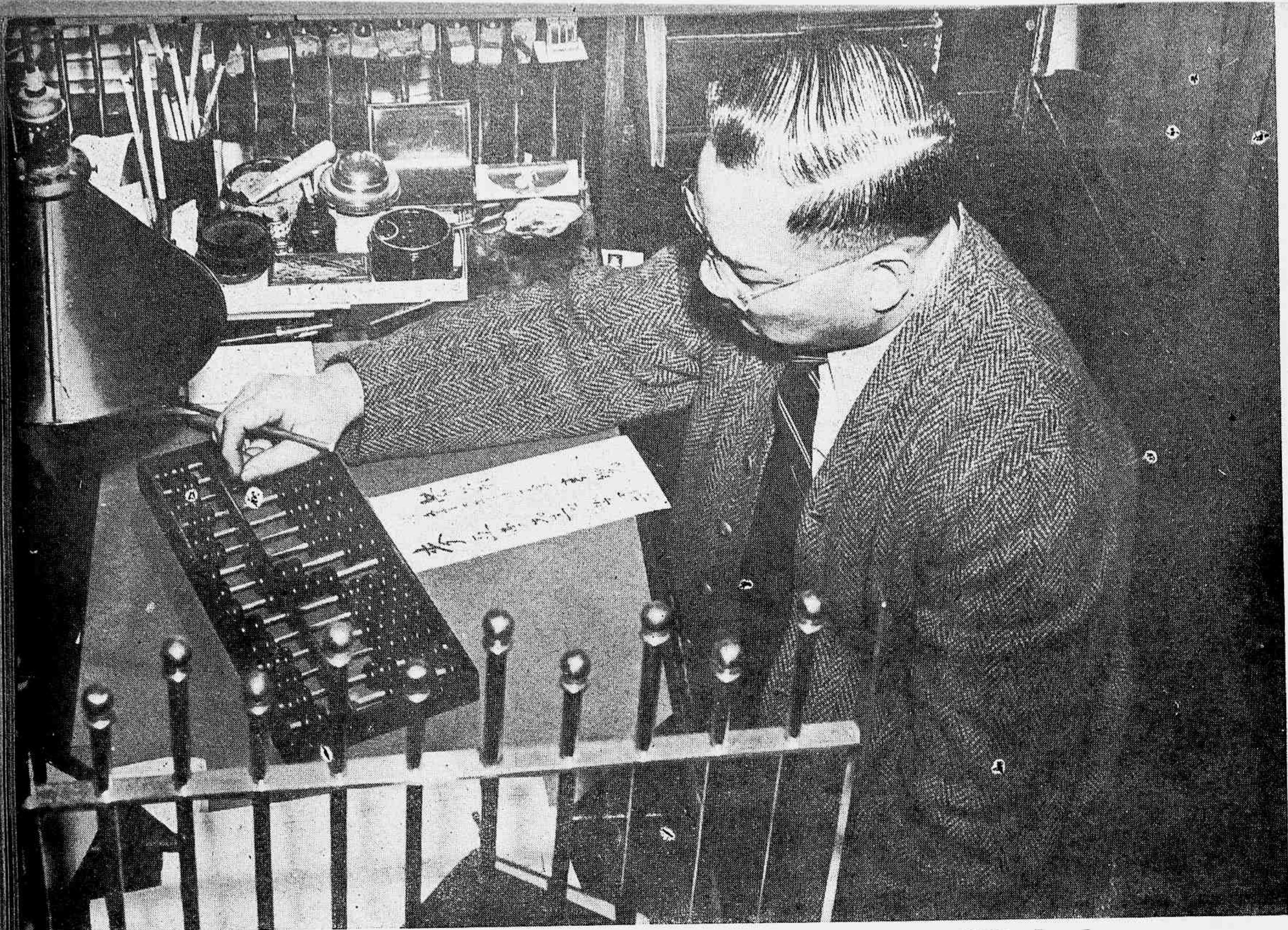
Bairros chineses surgiram, com suas placas verticais cheias de caracteres insólitos aos olhos dos nacionais. Lojas de estilo oriental, templos com seus íconos a que todos rendiam culto, lojas onde há mesas para refeições bizarras de empregados e empregados, a comer com seus pauzinhos, numa habilidade deglutidora própria de números de prestidigitação. Teatros curiosíssimos, em cujos palcos as peças podem levar dias em sua representação... infundável.

O povo norte-americano recebeu com generosidade os chineses, quase sempre tangidos de sua terra pelas desgraças hu-



Em cima — Ao invés do chá sobre tapetes, os chineses adquiriram o hábito ocidental dos "cock-tails". Em baixo — Vista noturna da principal rua do bairro chinês, com suas lojas e outros estabelecimentos





Em cima — Se bem que já tenha frequentado escolas norte-americanas, o chinês recorre ao seu calculador nativo... Em baixo — São fascinantes as lojas de objetos orientais vendidos nas casas chinesas de Nova York



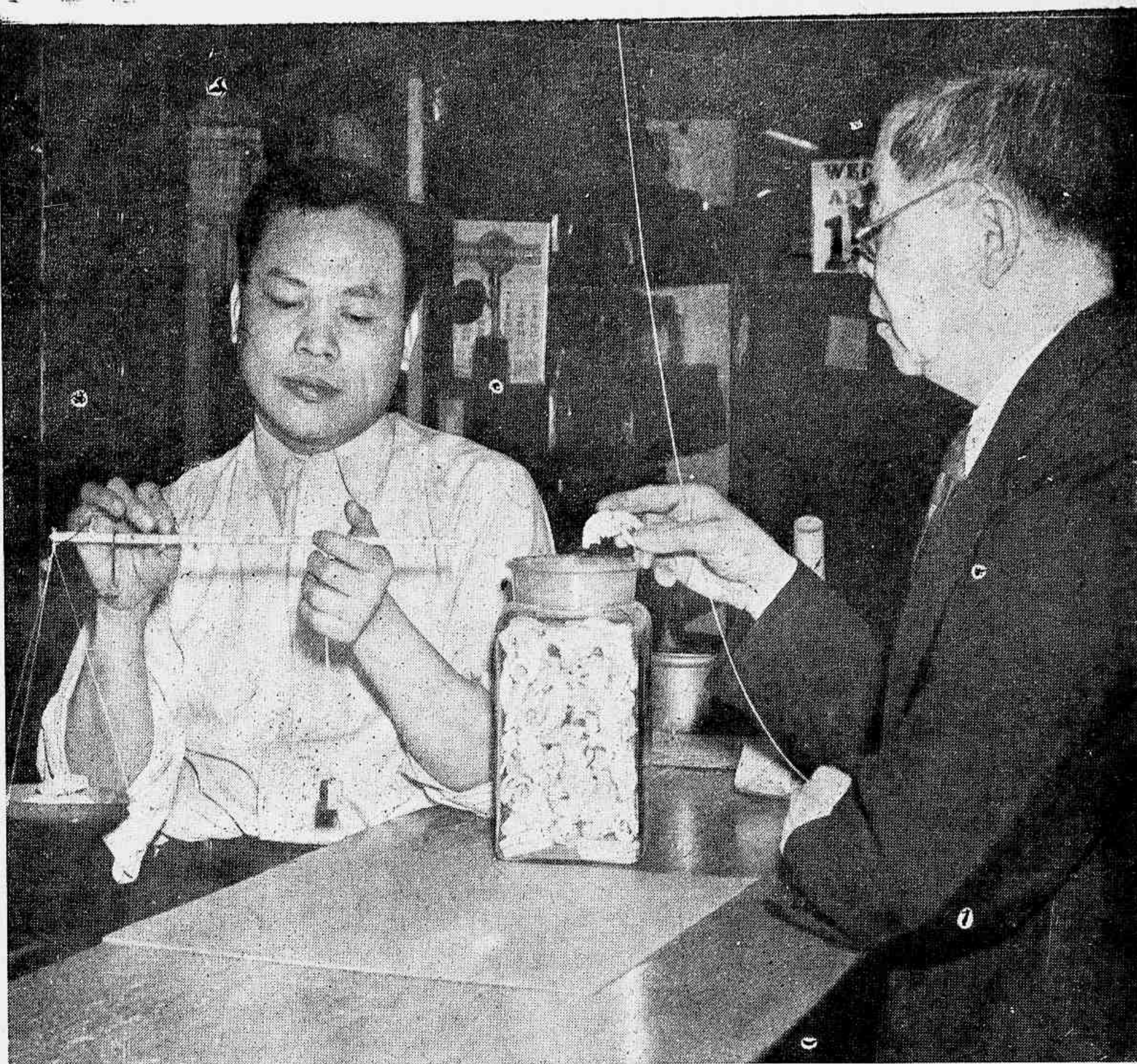
manas e telúricas. Uma coisa, porém, sempre se confirmou: o chinês é um povo de excelente coração, grato aos que o acolhem, generoso e patriota. Vivendo em suas colônias, dedicam-se religiosamente aos trabalhos mais honestos, cumprem as leis do país e proporcionam riquezas com suas atividades lícitas.

Nova York abriga, na ilha de Manhattan, uma pequena China, para ali transplantada há muitos anos passados, representando ali o mais fascinante quadro de justaposição, notando-se que os ádvenas vão, aos poucos, sendo absorvidos pelo ambiente ocidental que os acolheu.

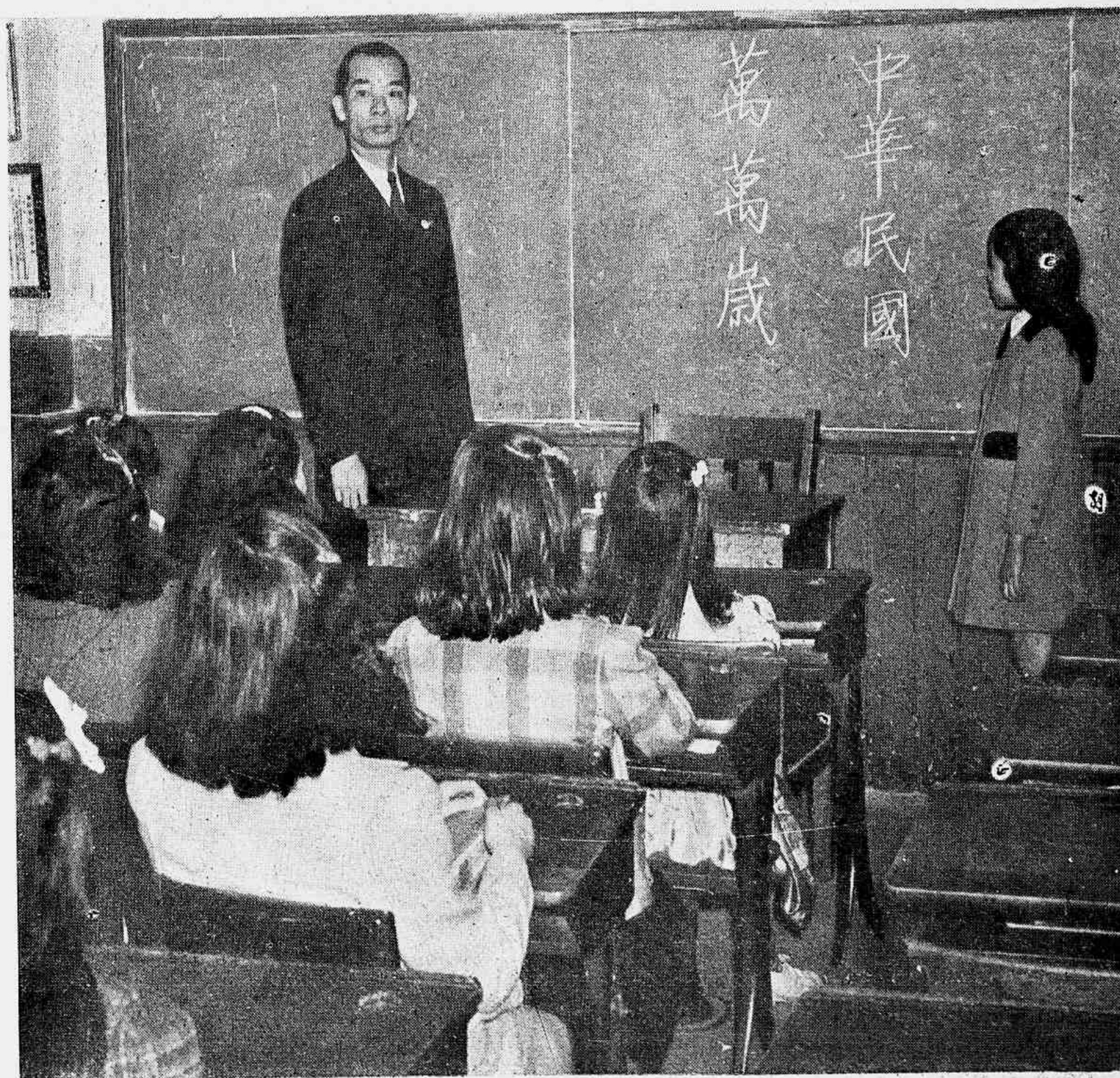
Embora sejam popularmente mencionados como "China town" (Cidade chinesa), os bairros irregulares ligados pela Bowery e pela Mulberry Street são mais precisamente uma aldeia chinesa. É uma entidade concentrada em si mesma e amplamente mantida por si, que marca um recuo de séculos da colonização da terra que ocupa.

Lojas de curiosidades e restaurantes são as suas principais indústrias, e para supri-las vários outros comércios são movimentados. Os restaurantes com os seus pratos orientais são tão populares aos "europeus" como aos próprios chineses. Atrás das portas da rua iluminada com luzes "neon" e fluorescente, se encontrará autêntica atmosfera oriental com trabalhos característicos de decoração. As lojas de curiosidades exibem antigos tesouros chineses com preços de milhares de dólares, lado a lado com doces de 5 cents cada um. Farmácias modernas aviam as receitas médicas de acordo com a lei, mas o ervanário ainda floresce. O engenheiro de rádio, instruído na mais moderna escola técnica, confere as suas contas no quadro de contar antigo, e o alfaiate que vestia homens com quimonos de seda à oriental modificou o corte, introduzindo as lapelas e o paletó aberto do Ocidente.

As fotografias que aqui mostramos ajudam-nos a dar um giro por esse setor do Oriente transplantado no coração de Nova York, com todas as suas interessantes contradições.



Em cima — O chinês também é supersticioso e recorre a processos de cura dos primitivos tempos. Em baixo — Curso de língua chinesa em Mott Street; o professor escreveu: "Que a China tenha longa vida"



Listras

A esquerda: Carven criou êste modelo feito em listras horizontais, acentuando os quadris por nervuras que unem as listras. Em baixo: Ava Gardner, a beleza da Metro G. Mayer, usa, com uma saia preta, uma simpática jaqueta branca com listras pretas. A direita: com uma saia preta e bolero igual, blusa de tafetá listrado preto e branco com grande laço na cintura



As listras como os "pois" estão sempre em moda. O tecido listrado, principalmente, é de grande efeito, prestando-se não só para vestidos inteiros, "habillé" ou não, como também para curiosos detalhes, como ilustramos nestas páginas.



Ao alto: Blusa esportiva, em algodão listrado. Gravata enviesada. Sugestão de Louise Horton, da Universal-International. À direita: Mad Carpenter criou um vestido de noite em tecido listrado, contrastando as côres da saia com as da blusa e do drapeado que cai sôbre a saia. Em baixo: Jacques Heim apresenta esta original sugestão num vestido preto: punhos largos de tafetá listrado vermelho e branco e luvas do mesmo tecido



Muito "chic" este "toque" de palha ornado de flores de diversas cores e véu no tom da palha

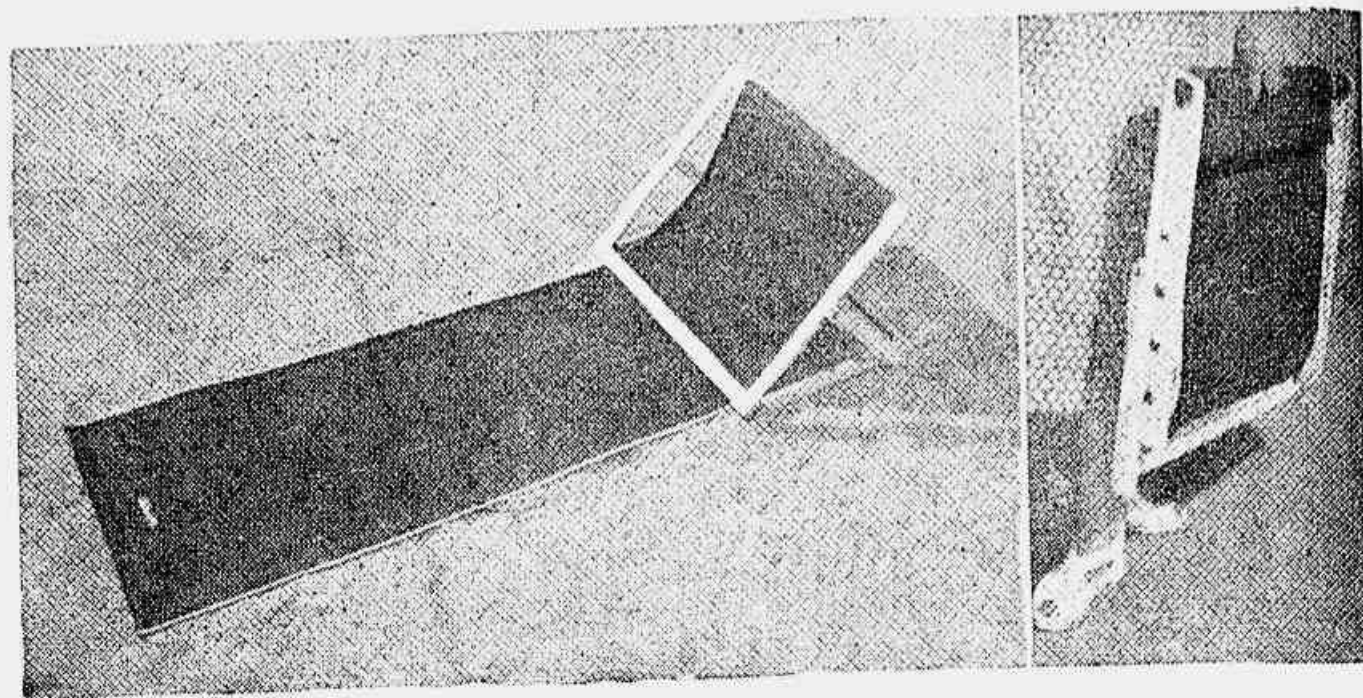
★

Para noite, um originalíssimo figurino em setim brocado

Você mesma poderá fazer esta bolsa de praia em lona listrada em verde e creme

★

"Duas-peças" em fustão estampado. O "short" transpassa atrás dando laço na frente



DETALHES E NOVIDADES

Para você levar à praia, aí está uma esplêndida "chaise-longue" de lona, prática e confortável

★

Bolsas para "cocktail". A primeira é em "faille" preto, formada por três babados. A segunda é em veludo



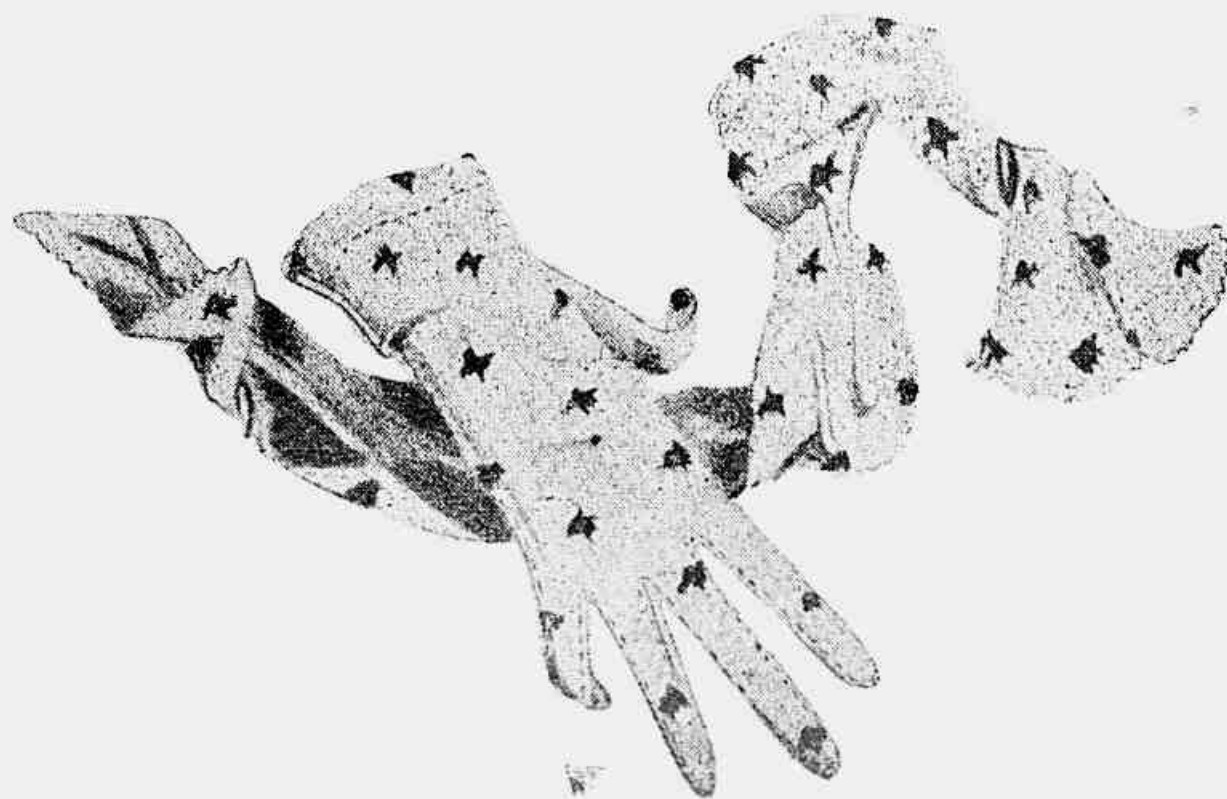
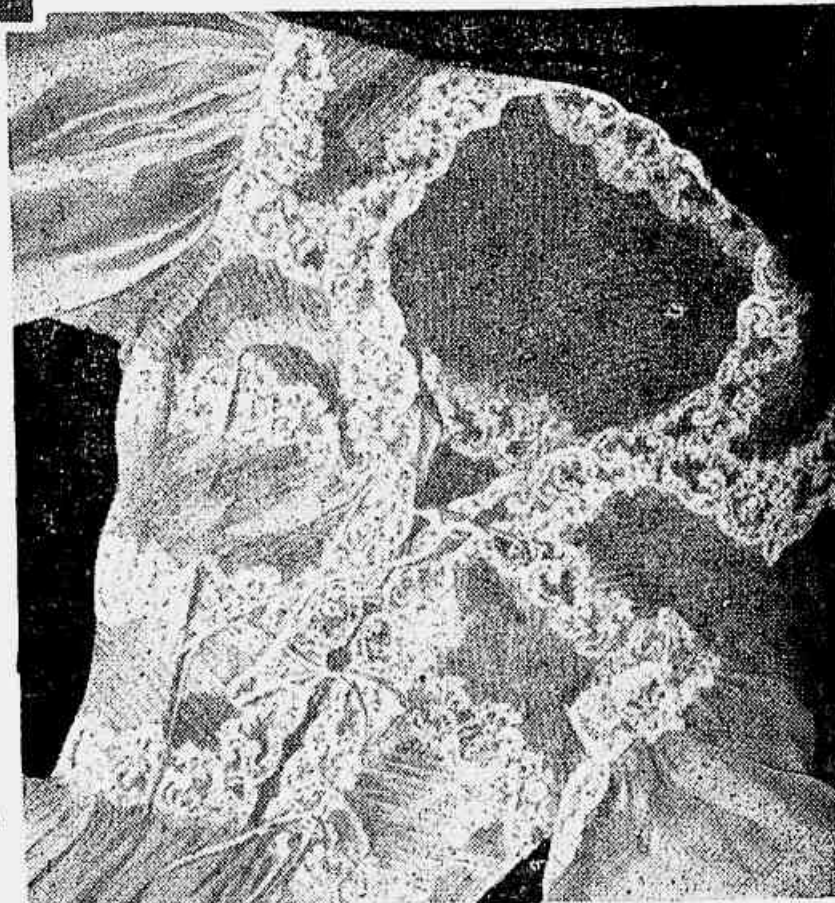
O "ventania" está de volta... esta é a nova imposição da moda

★

Maravilhosa é esta camisola em "georgette", guarnecida de nervuras e rendas

★

Pequenas estrelas aplicadas sobre a luva e sobre "echarpe" fornecem um "quê" de originalidade e elegância



CABECAS



UMA cabeça bem apresentada, com os cabelos sedosos e bem arrumados, é um complemento indispensável à sua elegância. Não só os chapéus completarão a sua toilette; inúmeras são as maneiras de você consegui-lo sem lançar mão deste complemento

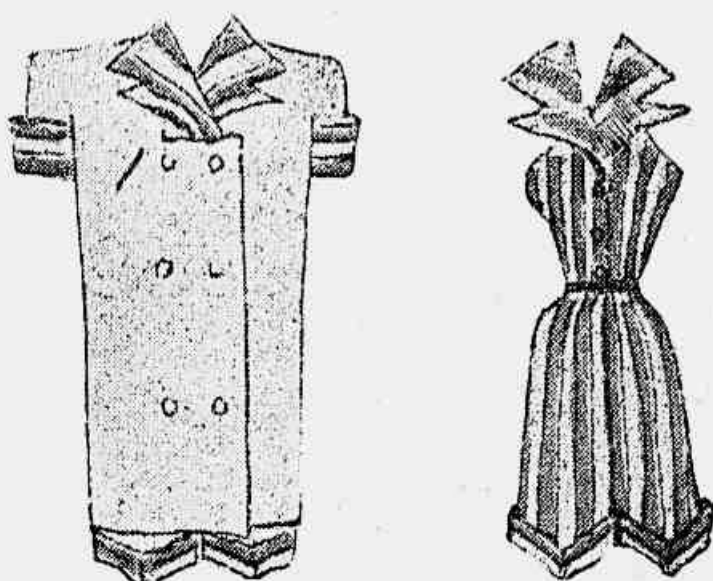


feminino. Um pequeno chale com lantejoulas, uma mantilha de seda com taxinhas douradas, ou uma elegante touca inspirada nas camponesas poderão perfeitamente substituí-lo, como vemos nos exemplos aqui estampados.

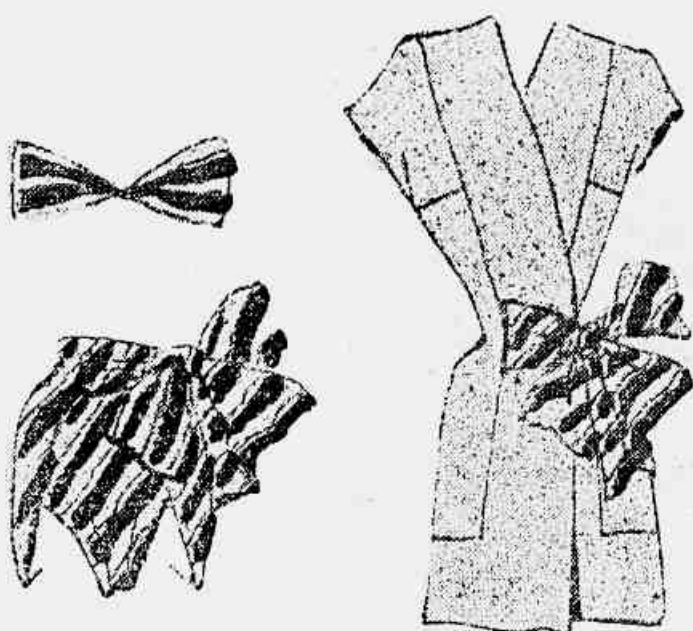


IDEIAS PRÁTICAS

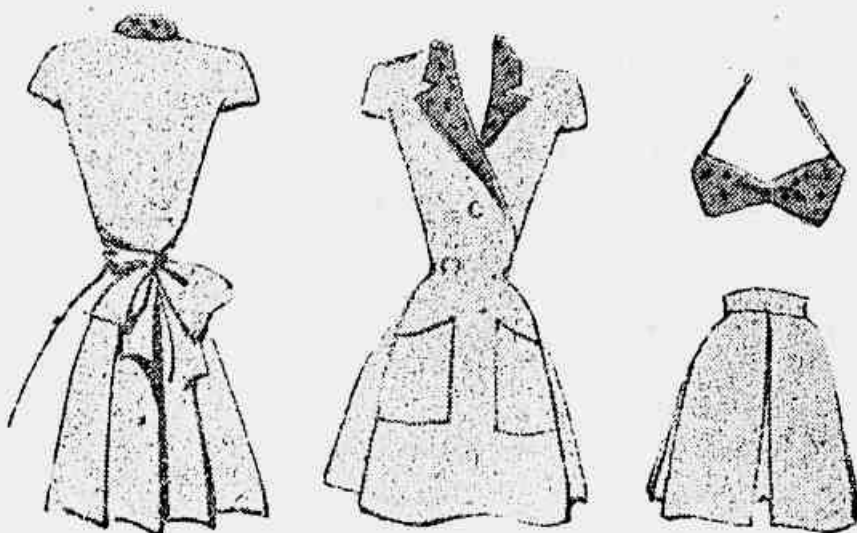
Os trajes para a praia deverão ser sempre práticos e sugestivos. Execute-os de forma que os mesmos, com pequenas variações, possam apresentar aspectos diversos, como os que aqui apresentamos



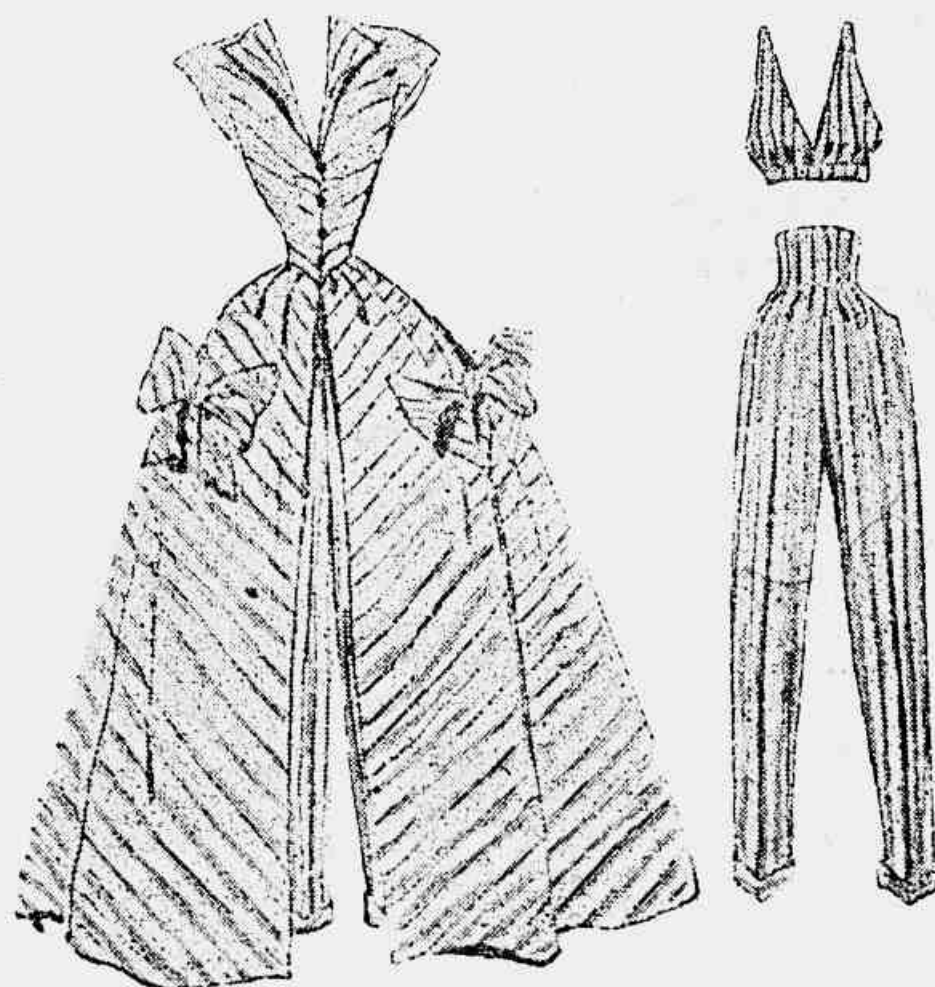
Para completar este "short" em algodão listrado azul e branco, um casaco de linhas retas em panamá branco



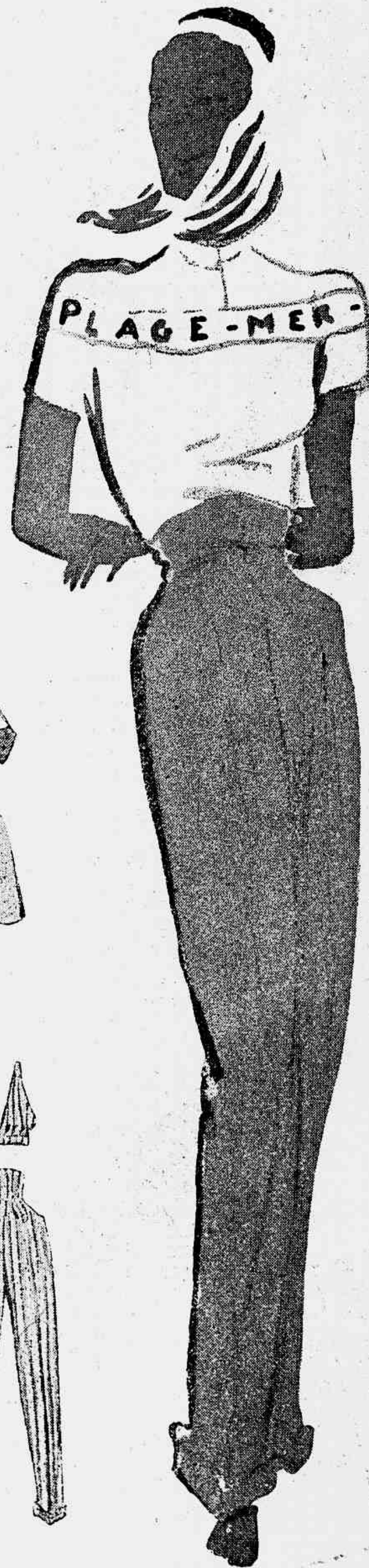
Um "duas-peças" de listras vermelhas e brancas, tem, para completá-lo, um "robe" de fustão branco transpassado na frente e preso por uma faixa também de listras vermelhas e brancas



Um "short" branco e um "soutien" azul com "pois", podem ser completados com um "robe" curto, branco com gola do tecido do "soutien"



A esquerda — Um traje de praia composto de "soutien" e calças compridas e estreitas, sobre o qual é usado um vestido comprido, de sala franzida e com bolsos arrematados por laço. A direita — Finalmente, calça de linho azul, blusa de cambrala branca bordada em azul e vermelho, que se completa com um casaco de linho azul amplo, fechado por duas carreiras de botões



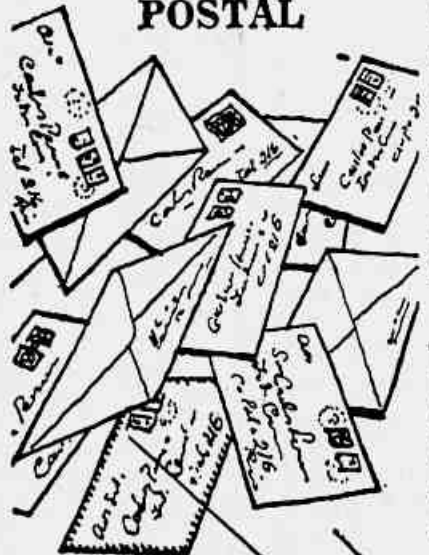
Sabão PLATINO

GANHA FAMA EM TODO O BRASIL



porque as donas de casa, no país inteiro, afirmam haverem encontrado no Sabão PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um maravilhoso sabão.

AGORA TAMBÉM
PELO
REEMBOLSO
POSTAL

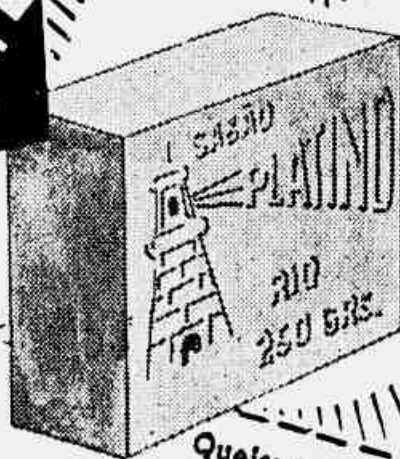


As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhes emprestam os óleos vegetais de que é fabricado. É um sabão que não resseca e conserva-se perfeito até o fim. E note: uma caixa com 16 pedaços dura todo o mês, custando apenas Cr\$ 40,00, sobrando sempre para o mês seguinte.

SOMENTE PARA O INTERIOR, Sabão PLATINO está distribuindo rádios, ferros elétricos, geladeiras, enceradeiras, baterias de alumínio marca Chaleira, etc. Use Sabão PLATINO e ganhe prêmios, mas é preciso não esquecer que tudo o que é bom e se torna famoso passa a ser imitado.

Por isso, ao comprar Sabão PLATINO,

**EXIJA-D SEMPRE
MARCADO ASSIM**



DO CONTRÁRIO
NÃO É LEGÍTIMO

Queiram enviar-me caixas de
SABÃO PLATINO

COUPON DE PEDIDOS

NOME:
RUA:
CIDADE OU LOCAL:
ESTADO:

SEM MAIS
DESPESAS

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

week-end NA COZINHA

CROQUETES DE PESCADA

Ingredientes — 500 grs. de pescadas, 100 grs. de manteiga, 8 biscoitos, 2 ovos, banha 1 pitada de noz moscada, sal, salsa e pimenta.

Preparação — Trata-se o peixe, lava-se e cozinha-se em água a ferver com sal. Em seguida, escorre-se, tiram-se-lhes a pele e as espinhas e pica-se. Adicionam-se-lhe então os ovos, a manteiga, os biscoitos moídos, a noz moscada, uma pitada de sal e outra de pimenta, e um pouco de salsa picadinha. Mistura-se tudo, amassa-se e fazem-se os croquetes. Fritam-se depois em banha bem quente e servem-se com maçãs descascadas cortadas em rodela e passadas em manteiga.

BALAS DE CÔCO

Ingredientes — 1 quilo de açúcar, 1 côco.

Preparação — Ralase o côco e extraia-se-lhe o leite com três chicanas de chá, de água morna. Dissolve-se o açúcar neste leite e leva-se ao fogo até ficar no ponto de açúcarar. Em seguida, retira-se e despeja-se sobre uma pedra mármore. Quando se puder segurar com as mãos, juntam-se as duas extremidades, estica-se e torna-se a esticar até começar a endurecer. Estica-se novamente e corta-se aos pedaços com uma tesoura.

SALADA DE ALFACE COM AZEITO NAS VERDES

Ingredientes — 3 molhos de alface, 250 grs. de azeitonas verdes, 3 colhe-



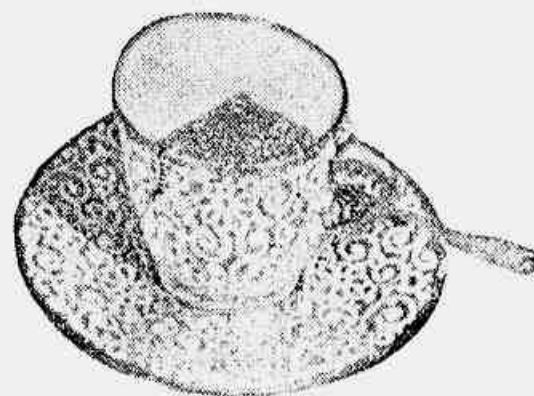
Os pratos de vidro tornam a mesa mais alegre...

res das de sopa, de azeite, 1 colher das de sopa, de vinagre, 1 ramo de salsa e sal.

Preparação — Tratam-se as alfaces e dispõem-se numa saladeira com as azeitonas. Faz-se à parte com o azeite o vinagre, o sal e a salsa cortada bem miudinha. Com este molho reque-se a salada no momento de servir.

BOLACHAS FINAS

Ingredientes — 500 grs. de farinha de trigo, 350 grs. de manteiga, 250 grs. de açúcar, 6 gemas, raspa de um limão.



Preparação — Peneiram-se a farinha de trigo, depois juntam-se-lhe a manteiga, o açúcar, as gemas e a raspa do limão. Mistura-se tudo e amassa-se numa tábua ou mármore, até conseguir uma pasta bem ligada. Em seguida, estende-se com o rolo e corta-se em rodela. Põem-se num tabuleiro untado com manteiga e assa-se em forno brando.

CREME MUSSELINA

Ingredientes — 200 grs. de açúcar, meia garrafa de leite, 10 gemas, 1 colher das de chá, de essência de baunilha.

Preparação — Põem-se o açúcar, as gemas e a baunilha numa vasilha. Batem-se bem e acrescenta-se-lhe o leite. Mistura-se tudo e passa-se numa peneira. Em seguida despeja-se numa caçarola e leva-se ao fogo, mexendo-se continuamente. Retira-se antes de levantar a fervura e deixa-se esfriar.

CULINÁRIA

O espinafre pode ser comido cru, quando bem picado e ligeiramente condimentado. Também pode ser cozido a vapor e com uma pitada de sal. É um alimento ideal para a limpeza dos intestinos.

★

Também as acelgas são muito úteis ao organismo, principalmente quando digeridas depois de fervidas e sem muita manteiga.

★

O aipo é um grande auxiliar da beleza feminina. E pode ser comido de diversas maneiras, principalmente em saladas.

★

O caruru contém muito ferro e cálcio, sendo ideal para a alimentação infantil.



Sapatos baixos em couro "bordeaux", confortáveis e práticos

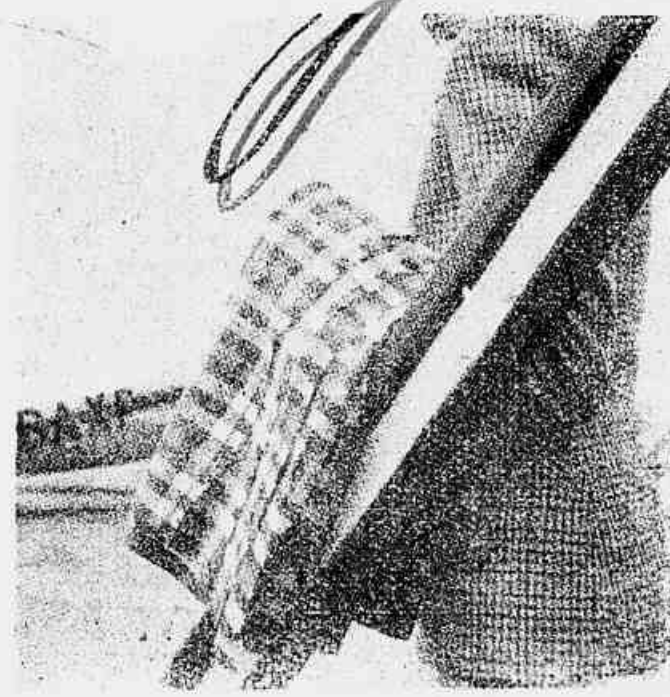
Bom viagem



Couro claro, práticas, elegantes e de fácil porte



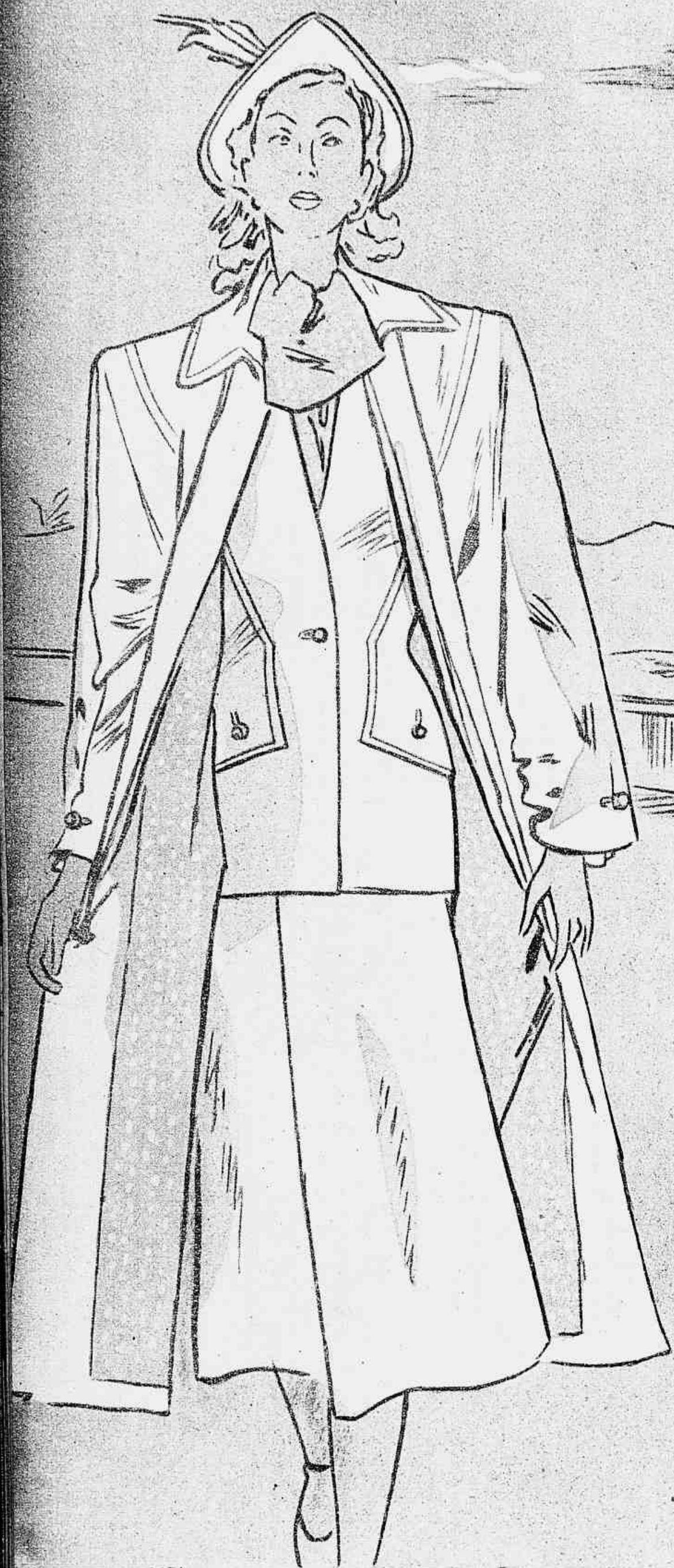
Numa caixa adequada, você transportará a última criação de Paris



A manta de lã fina, em quadriculado preto e branco



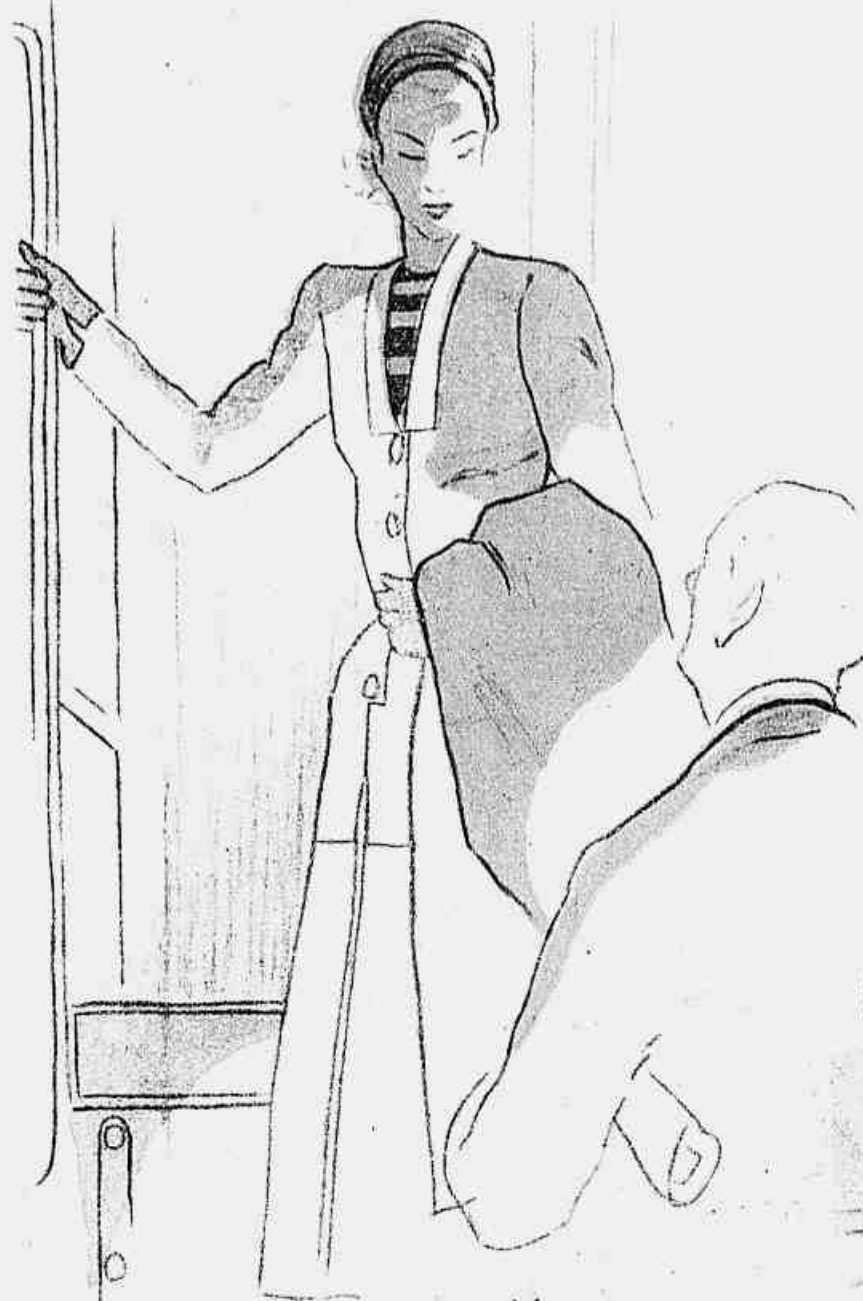
MA bagagem prática, confortável e útil, é indispensável para uma viagem de férias. Existem pessoas que vão passar quinze dias numa fazenda ou em qualquer outro local, e que carregam uma dezena de malas, contendo os mais complicados trajes e os mais inconvenientes acessórios. O importante é saber combinar tudo de forma que se possa obter mais de um traje variando de acessórios. Blusas, **sweaters**, sapatos, **echarpes**, cintos, algumas joias de fantasia, luvas de algodão, compõem os acessórios mais indispensáveis. Nestas páginas vocês encontrarão as mais variadas sugestões para a sua viagem de férias ou repouso.



"Ensemble" branco. O "tailleur" é sem gola e a blusa, bem como o fôrro do casaco, em sêda azul marinho com "pois" brancos



Em finíssima lã, elegante "sweater" com mangas "kimono"

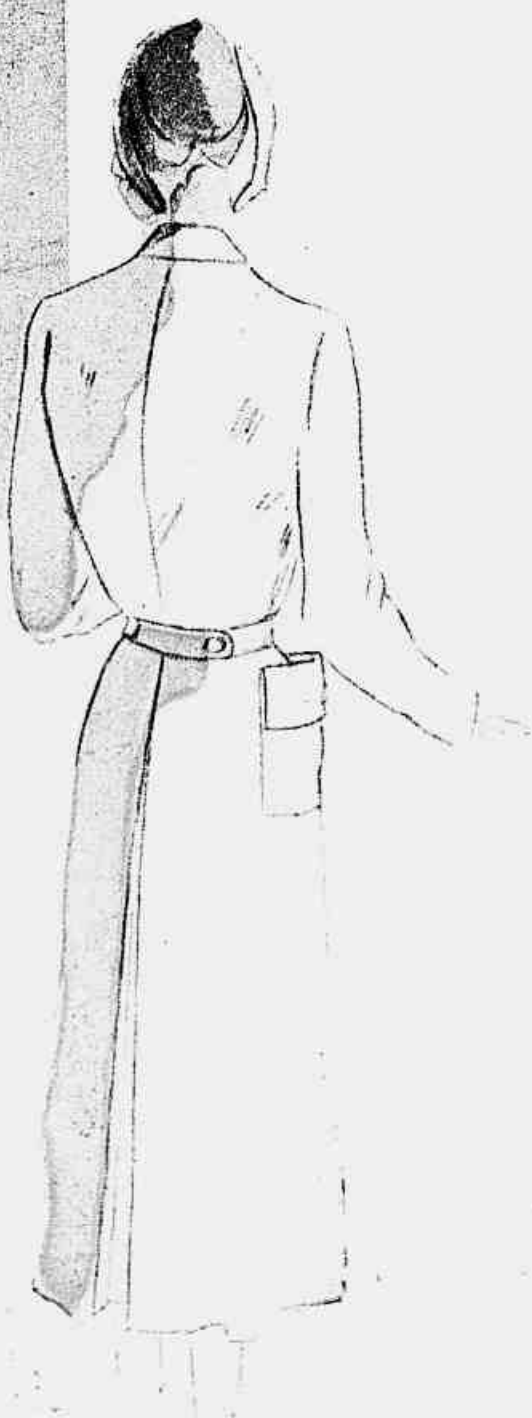


"Duas peças" em jersey cinza usadas com uma "sweater" de listras cinzentas e verdes



Para dirigir, luvas de couro com largos punhos

Luvas de sêda. Umas bordadas, outras listradas





Grande "manteau" de viagem em lã bege, com grandes bolsos e "pestanas" nas mangas



Confortáveis sandálias em couro marrom havaiana



Vestido em jersey verde forte. Casaco amplo, do mesmo tecido



"Tailleur" clássico em tecido Príncipe de Gales, bege e marrom. Casquete drapeada



Bolsa retangular de crocodilo, havaiana





CLOTILDE

CONTÔ DE ALVES COSTA

A primeira lembrança que tenho de Clotilde embaralha-se num quadro escuro. Há pedaços claros, pausas, palavras que me parecem hoje sem sentido e frases soltas que não se ligam. A figura que se move nesse quadro é uma criança quase nua, com um vestidinho ralo, de flores desbotadas, deixando aparecer por entre os rasgões a carne arroxeada de frio.

Das feições não me lembro, embora veja ainda, em cima dos ombros magros, uma cara minúscula e triste. Os cabelos maltratados, endurecidos de poeira e esvoaçando ao ventinho frio daquela tarde, tapavam-lhe às vezes os olhos fundos, e a coisinha chôcha agarrava-se às saias compridas da sertaneja, como um gato assustado procurando um lugar para se esconder.

A tarde estava chumbada de chuva. Trovões longínquos rugiam e relâmpagos ramalhudos bordavam o céu de riscos rubros.

Meus olhos se encherem da coisinha miúda que tiritava de frio na calçada. O resto do grupo aparece-me na memória como sombras imprecisas, mas sei que se compunha de um casal de meia idade e mais dois rapazes.

Tempos depois é que compreendi a história toda, já contada por Clotilde, com uma lágrima grande a lhe escorregar do rosto magro. Eram seus pais e seus irmãos que vinham de longe, do coração seco do Ceará. Muito longe. Tinham um pedaço de chão, algumas vacas e um roçado. O sol daquele ano castigou tanto a terra, que acabou queimando o roçado, matando as vacas e transformando o pedaço de chão num taboleiro inútil.

História comum, história de sertanejo. Mas contada por Clotilde, tempos depois, tinha um poder especial de me encher os olhos de água.

A menina chôcha e assustada ficou para minha mãe, após entendimentos breves com a família. O grupo passou uns dias na casinha do quintal, onde meu pai guardava coisas de que nunca mais precisava. Passou uns dias e depois perdeu-se de novo no mundo e no tempo.

A menina de olhos fundos chorou muito quando os pais se foram. Um choro seco, sem barulho. Passou o dia andando sem jeito pelo quintal, da cozinha à casa das coisas esquecidas. Às vezes se escondia por trás da jaqueira velha do oitão e passava horas assim. Minha mãe procurava ganhar-lhe a simpatia:

— Vem cá, Clotilde, toma...

Com o tempo, acostumou-se. A lembrança dos parentes cedeu lugar a coisas novas e as caras estranhas lá de casa lhe foram ficando familiares.

Minha mãe enfeitou-a com vestidinhos brancos e laços de fita no cabelo. Engordou um pouco, cobriu de carne as clavículas arqueadas que lhe furavam a pele, perdeu a canseira dos olhos e aprendeu a rir das minhas traquinices.

A princípio senti ciúme, por ver aquela coisinha inútil receber de vez em quando um carinho de minha mãe, e habitar o mesmo império onde eu mandava como um senhor. Depois Clotilde foi-se tornando necessária aos meus programas diários e eu já não me conformava quando minha mãe chamava da cozinha:

— Vem cá, Clotilde, enxuga estes pratos.

Foi assim que a menina sem graça valorizou-se para o meu mundo e apareceu-me então como um número. Considerei-a de casa e dispensei-lhe um pouco de afeição.

— Vamos brincar, Clotilde?

— Corre atrás de mim, Clotilde!

Juntos crescemos e juntos frequentamos a escola primária de dona Inês, velhota magra e ranzinza, que me obrigou a entrar num mundo difícil, das 12 às 5 da tarde.

Daquelas aulas sobressaem muito claras a aritmética de Trajano, a régua grossa de dona Inês e as brigas em que me metia por causa de Clotilde.

Fôram quatro anos assim. Clotilde desenvolveu-se e tornou-se quase bonita. E o que dona Inês não conseguia, quando me ensinava regras de gramática, olhando-me por cima dos óculos, Clotilde alcançava com facilidade, repetindo-me definições e escolhendo exemplo simples que eu aceitava.

Em casa Clotilde, agora garota de onze anos, fote, apesar de esguia e já com os peitinhos verdes furando o vestido fino, acompanhava-se nas travessuras por insistência minha. Isso me rendia de vez em quando boas chineladas em lugares moles, quando minha mãe perdia a paciência. Nessas horas Clotilde vinha para junto de mim e segurava-me as mãos, com uns olhos doces de sertaneja.

— Não chore mais, passa logo, dizia ela tentando apaziguar-me.

Eu esperneava, queria que batessem nela também, mas minha mãe justificava-se, ainda com a chinela na mão, ameaçadora:

— Ela não tem culpa! A culpa é sua, bobinho!

Revoltava-me contra a parcialidade e punha dúvidas na justiça de minha mãe, o que valia algumas horas de intriga entre mim e Clotilde.

Nesses dias eu desprezava a sua ajuda

na escola e aguentava o olhar feroz de dona Inês quando me engasgava na leitura.

A primeira tristeza entre nós dois foi quando meu pai levou-me para o colégio. Doe-me partir sozinho e não consegui compreender as explicações de meu pai sobre os motivos financeiros que obrigavam Clotilde a ficar.

Quando o trem partiu ela segurou-se às saias de minha mãe e eu me lembrei do primeiro dia em que a vira. Depois escondeu o rosto e devia estar chorando quando o trem desapareceu na primeira curva.

Nos anos seguintes minha vida tomou novos rumos. Havia problemas difíceis e mundos estranhos que me impressionavam, e toda a minha atenção voltou-se para eles.

As coisas da infância foram relegadas a plano secundário e o ambiente novo se impôs com a sua superioridade.

A velha rua onde eu nascera foi substituída pelas avenidas da capital; meus companheiros de futebol, o negro Genaro, o moleque Messias, transformaram-se em rapazes louros e ricos que não sabiam dizer nomes feios; o rio, onde eu bancava o Cabral em frágeis jangadas de banana, ficou muito largo, muito azul, semeou-se de navios e velas brancas e agora tinha ondas enormes engulindo os banhistas nas manhãs de sol; e por fim o rosto de Clotilde afastou-se e apareceram as caras alegres das garotas fogosas do colégio.

Clotilde foi ficando moça bonita. Pelas férias eu notava a transformação e lhe dizia. Ela ria, tímida, na alegria quente que adquiria quando eu chegava e que se ia embora comigo quando eu voltava para o colégio.

Não havia mais a mesma intimidade, mas os olhos de Clotilde continuavam doces e me diziam segredos que dormiam no coração.

Durante os dias do meu descanso, ela achava sempre um motivo para estar comigo, para contar-me os acontecimentos da terra e perguntar-me coisas.

— Lá é muito bonito, não é, Miguel?

— É, Clotilde.

— E você não se lembra de nada, "nada" daqui?

— Ora, Clotilde, a gente se lembra...

— E as moças de lá são bonitas, Miguel?

Eu mostrava-me aborrecido. Clotilde olhava para outras coisas, pensativa e o diálogo perdia-se no silêncio que eu provocava.

Depois do ginásio vieram outros estudos e por último a cidade grande envolveu-me nos seus horizontes. Nasceram-me necessidades e interesses novos e o coração simples do menino Miguel se endureceu como o asfalto.

Poucas vezes voltei à família. Acompanhava-me nessas ocasiões uma alegria frágil, cortada de pensamentos amargos em que se associava a eterna luta da cidade grande. Era agora o moço sabido, difícil de contentar-se, que falava de política e de livros raros e que metia o pau na cidade, na velha rua em que nascera.

— Aqui não se vive: vegeta-se. Porcaria!

A jovem Clotilde, cabelos bonitos soltos ao vento, parecia reprovar-me com o seu tranqüilo olhar de sertaneja. Uma vez aventurou-se a dizer-me:

— Miguel, você... você já pensou em casar? Tão sozinho no mundo... Isso cansa, Miguel; cansa muito...

Naquele dia compreendi tudo. Vi Clotilde esperando por mim anos e anos; vi-lhe a incerteza, o cansaço e toda a sua história de amor escondida no coração como um fruto seco. Mas achei absurdo, impossível:

— Ora, Clotilde, quem se lembra disso no Recife?

Quando parti daquela vez o adeus de Clotilde pareceu-me mais longo, e eu tive o pressentimento de que nunca mais a veria.

Passaram-se anos. Um dia, perdido na cidade barulhenta que não me via, entre um chôpe e um sonho inútil, lembrei-me do amor de Clotilde.

Lembrei-me e voltei. Dir-lhe-ia que o seu rosto sempre me aparecera em sonhos, e que a sombra amiga sempre estivera junto a mim na hora dos desalentos e dos fracassos; dir-lhe-ia que estava exausto, que por minha boca já passara o fel de todos os desenganos e por fim lhe pediria que se casasse com o moço cansado, e procurasse para o menino Miguel a felicidade que ele perdera.

Cheguei, abracei meu pai, beijei os cabelos de minha mãe, semeados de fios brancos e olhei para todos os cantos. Onde estaria Clotilde?

Minha mãe compreendeu a ansiedade dos meus olhos e falou, segurando-me as mãos trêmulas do fumo e do álcool:

— Clotilde cansou-se de esperar, meu filho. O amor também cansa...

E a notícia que se seguiu, contada naquele jeito vagaroso de minha mãe, era como a porta da última casa de um deserto fechando-se para o viajante exausto.

Clotilde casara com um boiadeiro rico e se fôra depois para muito longe...

Não sei se me vem daí essa insatisfação que me acompanha pela vida. O certo é que me acontecem coisas estranhas. Esse desejo que eu tenho de bater nas mulheres que correspondem aos meus devaneios; esse desejo de desprezá-las, tal como se despreza uma imitação; essa facilidade de difamá-las, achá-las falsas e superficiais, tudo isso deve prender-se a Clotilde.

Talvez. Possivelmente vem dela também esse tédio periódico de solteiro maduro, essa sede que esvazia garrafas nas calçadas dos botequins e essa vontade horrível que sinto às vezes de afogar na cerveja a primeira mulher que passe, gritando-lhe como um louco:

— Diga onde está Clotilde, diga!...



YARDLEY English Lavender

envolve a serenidade de uma manhã de primavera.

Foi criada para manter você fresca

e confortável — durante o dia inteiro



Agora Yardley vem novamente da Inglaterra

Agente Exclusivo para o Brasil Leo L. Prochownik, Rua Sorocaba 35, Rio de Janeiro

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

PELO REEMBOLSO POSTAL

CASIMIRAS ★ LÃS

Tropical Maracanã, 8 côres, larg. 150 cm	metro	Cr\$ 235,00
Tricotine Maracanã, 8 côres, larg. 150 cm	metro	Cr\$ 235,00
Casimira, fantasia, cor firme, larg. 150 cm	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 150,00
Tropical, liso e listrado, em 10 côres modernas	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 205,00
Casimira listrada, 10 côres modernas, 150 cm	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 215,00
Casimira "AURORA" azul marinho e preto	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 658,00
Casimira azul marinho, 150 cm larg., ótima qual.	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 200,00
Casimira, lã e seda, listrada, larg. 150 cm.	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 350,00
Cambraia listrada, 8 côres modernas	corte c/2,80 ms.	Cr\$ 210,00
Linhos, branco, bege e cinza	metro	Cr\$ 35,00
Linhos, irlandês, fantasia, várias côres	metro	Cr\$ 80,00
Linho "LONDON", branco, bege e cinza	metro	Cr\$ 60,00
Linho, extra-forte, bege	metro	Cr\$ 48,00
Brim, extra-forte, tipo tchecoslovaco	corte c/6,50 ms.	Cr\$ 100,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 côres modernas, larg. 140 cm.	metro	Cr\$ 60,00
Lã Jersey p/senhoras, 22 côres modernas, larg. 140 cm, de matéria prima estrangeira	metro	Cr\$ 75,00

LINHOS ★ TROPICAIS

As despesas de remessa correm por conta do comprador
ACEITAMOS REPRESENTANTES EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL

TECIDOS HELLER S/A

RUA DO SENADO 54 — Endereço Telegráfico: "TECIDOSHELLER"
Correspondência para a Caixa Postal 5.338 — RIO DE JANEIRO — D. F.

SURPRÊSAS DE UM PROFESSOR

Pelas sombrias estradas que ladeavam as montanhas das proximidades de Andorra, Henry Bow, lente de História na Inglaterra em férias pelo continente europeu, descia despreocupadamente em seu jeep, admirando as cambiantes do sol a descambar para o ocaso.

Os choupos em fila, lado a lado da rodovia, davam uma solenidade quase religiosa ao ambiente, e o professor de História já fazia seus cálculos para dedicar-se durante suas férias em boas e agradáveis pescarias por aqueles rios que cantavam entre as montanhas e se espraíavam pelos vales até ao mar.

Ele era um amante da natureza, e sempre dizia aos seus alunos lá em Londres: «Se querem escrever sobre histórias, viagem sempre». Nada como as observações pessoais, *in loco*. O mundo

é cheio de convencionalismos, e para sabermos história é necessário que examinemos os documentos da época, os manuscritos antigos, os monumentos e vestígios dos povos que já se foram com o andar permanente da civilização.

Cheio de sonhos, avançava com seu jeep sob as frondes umbrosas dos choupos viridentes, quando, ao dobrar uma curva próxima a uma ponte, surge-lhe à frente, a pedalar com vigor, um ciclista. O jeep esteve a pique de trombá-lo violentamente; mas Henry Bow eximio motorista de guerra, ex-oficial do exército britânico, com suas divisas de Major, possuía sangue frio e direção segura.

Freando o carro com um golpe feliz, evitou o abaloamento, mas infelizmente não pôde evitar que o ciclista, dando uma guinada desastrosa, se arremessasse sobre o tronco de um dos choupos, caindo com a bicicleta sob a árvore.

O professor Bow travou o carro e pulou em terra, correndo para socorrer o acidentado.

Tratava-se de um senhor ainda jovem, com seus trinta e poucos anos com camisa de esporte e calças protegidas contra o movimento dos pedais. Ninguém aparecia para auxiliar a salvação da vítima. Bow teve que contar consigo mesmo e tratou de saber até onde chegava a extensão do desastre.

Com muito cuidado falou ao desconhecido.

— Não foi culpa do senhor... — Disse o ferido a estorcer-se de dor.

O professor tratou de retirar a bicicleta que estava por cima do pobre homem e procurou erguê-lo.

— Oh! De vagar, por favor... — gemeu ele. A perna...

— Quebrada?

— Penso que sim... E me doi muito...

Bow se apresentou. Ex-oficial do exército, major inglês, e punha seu jeep à disposição do ciclista, que o fitava com desejos visíveis de falar. Logo que soube se tratava de um inglês em férias, professor de Histórias e ex-major do exército de S. Majestade Britânica, o ferido se abriu:

— Quero merecer-lhe um favor, major Bow.

— Pois não.

— Pelo amor de Deus não me negue este obsequio, suceda o que suceder... com a vida ou com a morte...

— Pode falar.

— Tenho confiança no senhor. Apesar de estranho e estrangeiro, leio em sua fisionomia traços de homem digno, incapaz de uma traição...

— O ciclista fez uma careta a contorcer-se de dor. — Chamo-me Garrigo... Juan Garrigo... e ia conduzindo o correio...

— Correio? — Indagou Bow sem compreender.

— Sim, o correio.

Lá em baixo o ribeirão que passava com suas águas serenas sob a ponte, murmurava a cantar entre as pedras no borbulhar das corredeiras na direção dos vales. Em torno a maior calma, e o vento do sol-por mal agitava as copas das árvores, num ligeiro sussurro de prece que a paisagem parecia dirigir à própria Natureza em recolhimento.

A um movimento mais forte com sua perna no esforço para sentar-se, reconheceu o acidentado que estava com a perna fraturada. Falou em espanhol:

— Cuidado!

O major Bow, como se estivesse a levar um vaso delicado e na iminência de partir-se, conduziu o espanhol até ao jeep. Com redobrados esforços o acomodou da melhor maneira.

Ja partir, quando Garrigo lhe falou:

— Espere! Há alguém vindo?

— Ninguém. Mas... de nada tema. Eu posso levá-lo ao hospital...

— Obrigado; mas prometa que me fará este grande favor... Cerrou os dentes com força, como se quisesse evitar a dor por que passava. E prosseguiu com esforços: vai a Andorra?

— Sim, amanhã.

— Ouça, irmão. Quando estiver no caminho de Andorra, através do Hospitalzinho, a uma milha deste lado e da primeira aldeia, o senhor encontrará uma vereda à borda de uma floresta, à sua esquerda. Há uma capelinha ao canto da vereda... não esqueça isto. Tem que seguir a vereda a pé. Está ouvindo?

— Sim, mas...

— Mais adiante achará uma jovem. Pergunte-lhe: «Miranda?» Se ela fizer um sinal afirmativo com a cabeça, duas vezes, diga-lhe: «Asas velozes». Ela então responderá: «Por causa dos falcões». Então aí o senhor lhe dirá que vai em nome de Juan Garrigo... Dê-lhe o que está aqui no bolso de minha blusa...

Bow meteu a mão num dos bolsos da blusa e retirou de lá dois tubos pequeninos, de alumínio, dêsse que servem para mensagens em pombos-correios. O ex-soldado se recordou também de trabalhos dêsse gênero que muito praticara quando nos campos de batalha.

Tomou o pulso do ferido. Estava fraco. Sua respiração denunciava grande fraqueza geral. Urgia levá-lo para o hospital mais próximo. Com um supremo esforço, Juan abriu levemente os olhos e murmurou:

— Não esqueça, irmão... Amanhã... às duas, sem falta...

Calou-se. Cerrou os olhos. Seus braços tombaram. O professor partiu levando o acidentado em direção da pequenina cidade de Ax, onde havia um hospital o dirigido por irmãs de uma ordem religiosa. Já era noite. Do espírito de Bow não se apagavam as palavras da senha e aquela recomendação: «Pelo amor de Deus! Irmão... ajude-me... com a vida ou com a morte...»

Não conhecendo o lugar, Bow parou o carro e chamou um policial.

— Por favor, onde fica o hospital?

— Um acidente? — Perguntou o polícia. — Ora veja! Um outro espanhol exilado! Juan Garrigo! Tudo isto por aí está cheio dêles, e eles sempre em complicações. Vá nessa direção, senhor. Eu mostrarei o hospital. As irmãs tomarão conta do espanhol.

Momentos depois, sempre a orientar o jeep, o soldado mostrou:

— Eis aí o hospital.

As irmãs receberam o acidentado com aquela bondade tradicional de damas de caridade.

— Chamarei o médico. Ele está cuidando de Carlos Cajal, outro rebelde compatriota dêsse, explicou a irmã Lederc.

Depois de examinado, o médico recomendou absoluto repouso, e que ninguém incomodasse o recém-chegado.

Era natural que, impossibilitado de interrogar mais longamente o doente, e com êsse contra-tempo de não poder visitá-lo, nada podia fazer o professor para inteirar-se da natureza daquela mensagem que teria de entregar a «Miranda». Nada mais podendo fazer no hospital, Bow deixou o nosocomio em companhia do policial que o acompanhara até ali.

No dia seguinte, já passava uma hora de meio dia, quando Henry Bow chegou ao lugar descrito pelo espanhol. O dia estava maravilhosamente iluminado por um sol glorioso. Bow subiu pela trilha e chegou a uma pequena casa de pedra no pico de uma montanha.

Do seu interior saiu uma linda moça de seus vinte e poucos anos. Trajava um vestido de algodão azul já desbotado pelo tempo, calçava sandálias tipo alpercata, cinto branco, segurando na mão direita uma espécie de caneca de esmalte, a qual levava à boca sorvendo-lhe gostosamente o conteúdo.

A um movimento de cabeça, Henry viu-lhe brincos dourados a balouçar fazendo contraste com a bela cabeleira negra a descer-lhe pela nuca. Por entre as pedras da vereda, ele a viu em toda a sua plenitude graciosa e louçã. Era uma linda garota, de rosto inteligente e olhos negros. Perto um riacho se despenhava em torrente, quebrando a monotonia do silêncio ambiente. Henry pensou que aquela jovem era a da senha que lhe dera o espanhol. Adiantou-se até ela; seus passos, porém, não foram percebidos em virtude do ruído das águas encachoeiradas.

Henry avançou e, tirando o chapéu saudou:

— Boa tarde.

A jovem fitou-o meio assustada.

— «Miranda»? — Perguntou Henry, seguindo à risca a recomendação de Juan Garrigo. A jovem afirmou com um movimento de cabeça, por duas vezes. Henry olhou lá para baixo e continuou:

— «Asas velozes».

— «Por causa dos falcões», respondeu a jovem. Henry não teve nenhuma dúvida. Retirou do bolso os dois tubos e informou:

— Da parte de Juan Garrigo. E lhe entregou a encomenda, o «correio».

— Muito obrigado, senhor...

— Meu nome é Henry.

— «Enrique», diz ela em espanhol, a sorrir. Espere, por favor.

Afastou-se em passos rápidos através do terraço e foi a um recanto à direita de Henry, por entre as árvores.

Ora bem, diz ele com seus botões. O que está feito está feito.

Logo depois ela trouxe uma caneca de café quente para ele.



— Deve estar com sede e fome, disse ela graciosamente.

Em seguida abriu uma espécie de cesto de vime e retirou dali um pombo. Amarrando-lhe um dos tubos à perna. Afagou-lhe as penas e com ligeiro movimento de braços para o alto, soltou-o com um impulso, dizendo:

— Voe rápido, «chicito»!

O pombo elevou-se no espaço, deu uma volta sobre o local em que estava Miranda, rufou as asas, subiu mais, orientou-se e desapareceu da vista de ambos. A jovem com um suspiro, voltou-se para Henry e disse:

— Agora vou arranjar-lhe algo para comer.

Foi lá dentro e voltou com salsichas, pão, torta, queijo e um vaso com vinho.

— A senhorita ainda tem um pombo na cesta? — Perguntou Henry.

— Sim. Mas devemos aguardar um pouco antes de despachar o segundo. Esse correio é de emergência, exclusivamente. É um meio de comunicação. São portadores clandestinos sobre a Espanha e não sabemos de onde vêm e para onde vão. Só um o sabe: o chefe.

— Juan Garrigo? — Pergunta Henry.

— Sim. Esse meio é desesperadamente urgente. Mandamos despachos em duplicata, pois se perdemos um, o outro será aproveitado.

— Era para ter chegado aqui aí pelas duas horas.

— O senhor veio a pé?

— De carro. Mas o deixei lá em baixo escondido entre as árvores.

— Viu alguma pessoa? Isto é, guarda-móveis na fronteira francesa? Eles são amigos; mas... não viu outras pessoas?

— Somente alguma tropa no posto espanhol, justamente num espaço anfitrião a leste daqui. Depois perguntou:

— Você é espanhola?

— Sou de Aragão. Ainda voltarei. Mas... por que Juan Garrigo mandou um estranho e estrangeiro? O segredo deste correio é guardado com absoluto cuidado.

— Porque ele está internado no hospital do convento com uma perna quebrada, Miranda. E explicou o que sucedera na véspera.

— E agora?

— Estou numa encruzilhada; permanecer nesta missão ou continuar meu caminho.

— Que vai decidir?

— Protegê-la.

Ela o olhou meio séria.

— O senhor talvez tenha dúvidas acerca do ato que praticou, não?

— Não sei bem... talvez se trate de guerrilheiros espanhóis... Não sei...

— Agora vamos despachar o outro mensageiro.

A jovem retirou o segundo pombo do seu cesto, afagou-o, esteve por uns instantes a segredar-lhes umas recomendações como se à arte a compreendesse muito bem. Adaptou-lhe o tubo à tina das perninhas e soltou-o para os seus, repetindo:

— Voe rápido!

O pombo alçou-se com incrível velocidade, fez curto círculo sobre a cabeça da moça e tomou o rumo de sua viagem.

Instantes depois, ainda à vista de Miranda, ouviu-se um estampido e ei-lo ferido de morte, a rolar para terra. Não estavam refeitos da surpresa, quando dois homens surgem a poucos passos da casa de Miranda e se dirigem para onde estava ela com o major inglês. O aparecimento daqueles dois homens armados de carabina causou-lhes imediatamente grande preocupação. Eram os matadores do pombo-correio, capitães do mato em busca de guerrilheiros espanhóis. Estavam sem chapéu e seus cabelos partidos ao meio davam a impressão de que não andavam desalojados há muito tempo. Um deles usava botas e blusa; esses desconhecidos estavam a serviço do governo espanhol contra os «rebeldes», com certeza — pensou Bow.

Logo que se aproximaram, um deles disse para Henry:

— Bonito tiro, não é verdade? E, virando-se para o outro, ordenou:

— Pablo, dê uma busca aí nessa casa.

Esse Pablo, pelo seu trajar parecia que era perito em alpinismo. Munido de cordas e calçando alpercatas, já apontava seu rifle para a jovem e Bow, quando recebeu aquela ordem do outro, que parecia o chefe. Nesse momento veio juntar-se a eles um terceiro personagem, armado de fuzil, ordenando o chefe:

— Veja se ele está armado, Miguel.

Henry ergueu-se Miguel apalhou a cintura de Henry e respondeu:

— Não está armado, Don Salva.

— Don Salva? — Perguntou Henry aflito, com o coração aos pulos, temendo pela sorte da moça. E se dirigindo a Don Salva: — Meu nome é Bow, Henry Bow, senhor; inglês e professor de história...

— Um amigo dos rebeldes, um sócio de espões!

O petulante chefe dos legais olhou com desdém o professor e lhe disse curvando-se em tom de ironia: muito prazer, professor Bow!

A esse tempo outros homens da tropa vieram juntar-se aos três descobridores do esconderijo de Miranda. Uma mula de carga trazia um veado morto.

— Vamos comê-lo aqui, Martin. — Diz Don Salva. Descansando a arma a um lado, Don Salva puxou uma cigareira do bolso e começou a mirar o professor, com curiosidade. E continuou: como vê, professor, isto nada mais é do que uma festa, uma caçada, ou como dizem os seus patriotas — «a shooting party».

Acionando um isqueiro, ele acende o cigarro e tira grossas baforadas. Olhou mais uma vez para o professor e voltou a falar-lhe:

— Alguma coisa errada aí pela fronteira, professor Henry? Mas... como pôde o senhor vir até aqui?

— Oh! eu estou em férias... viajava justamente...

— Ah! em férias... um viajante... E que pensa o senhor desta jovem a despachar pombos-correio com cartinhas de amor? Vamos! Chegamos justamente num instante de sensação. Vejo longe, meu sábio mestre. Estou certo de que se você veio até aqui é porque está servindo de portador de boletins e notícias para os centros revolucionários. — De súbito sua voz se alteou: — Quem o mandou?

Henry fez um gesto com os ombros.

— Muito bem. — E se voltando para a moça: talvez nós dois nos compreendamos melhor. Em primeiro lugar, menina, eu sei de tudo acerca deste posto. Sei o destino que levam os pombos que voam daqui. Neste momento já estão sendo tomadas providências para destruir os destinatários. Acho que as mensagens que mandou, lhe foram trazidas por este nosso intelectual aqui ao lado, uma comunicação já retardada a seus amigos. Mas a senhorita não pensou na contra-espionagem, e eis o que sucedeu às suas mensagens!

As faces da moça estavam pálidas; mas, pelo brilho de seus olhos, reconheceu Henry que ela estava intimamente satisfeita, por ver que a mensagem estava a salvo e a atingir seu destino, uma vez que somente um pombo fora abatido. Ele prosseguiu:

— Então, senhorita Miranda, este seu posto já não tem mais do que uma remota importância. Não sou nenhum falcão enviado para dar cabo de seus pombos. Vim até aqui porque sabia que entre os recalcitrantes e exilados aqui de Ax e por aí a fora, um somente, — o líder — redige as mensagens destinadas a este posto. Diga-me agora, menina, qual o nome desse chefe que organiza as mensagens para este correio ilícito?

— Não sei, responde Miranda.

— Menina! Brada Don Salva. Você mente! Julgando que ele ia esbofetear Miranda, Henry interveio, defendendo-a. Don Salva olhou para os dois e murmurou:

— Está bem. Temos bastante tempo.

Tomando o vaso com vinho que ela havia trazido para Henry, enfiou o líquido à altura da boca, sem tocar-lhe os lábios. Depois arremeçou o garrafão contra as pedras, espatifando-o de grotão a baixo. Voltando-se depois para seus homens, gritou:

— Martin!

— Agora mesmo! — Respondeu o assecla — Martin era um homem magro e desajeitado. Trouxe uma espécie de bolsa de pique-nique. Colocou-a ao chão, e tirando da mesma uma toalha e pratos, preparou a «mesa», onde também foram colocados algumas garrafas. Henry suava pelas frentes. O professor estava aturdido diante daquela cena de um drama absolutamente inédito em toda a sua vida. Se escapasse daquela... muita coisa teria que contar aos seus alunos. Estava certo de que sua vida e a de Miranda estavam por minutos. Com um relancear de olhos, procurava situar a posição dos homens que os haviam capturado. Contara-os. Eram quatro, incluindo Don Salva. Outros quatro cuidavam da mula e das cargas ou caçadas. Estava o professor a meditar em seus últimos minutos de vida e na sorte amarga daquela menina, quando estrugiu a voz de Don Salva:

— Joga xadrez, professor? Caso jogue, há de reconhecer xequemate quando vir nossa mesa.

Encheu um copo de vinho e se voltando para Bow, prosseguiu em tom de chacota:

— Você e a menina aí, têm informações de que muito preciso. Agora ouçam: ou de um, ou de outro, eu arrancarei essas informações, custe o que custar, compreendem?

Jogou fora o resto de vinho do copo e tomou uma perna do carneiro já assada e prosseguiu:

— Não sei como foi que o senhor, meu caro professor, veio meter-se numa embrulhada destas; mas, pelo que estou observando, parece que se trata de um fato acidental, talvez. É inconcebível que ser o senhor encarregado por um amigo incognito de trazer para este posto de pom-



bos-correio, mensagens secretas! É incrível tanta confiança! So mesmo um fato puramente acidental. Agora, imagine o caro mestre, que se eu quisesse o arremessaria por esse despenhadeiro, e, quando seu corpo fôsse encontrado todo mundo dizia: acidente! Pobre sorte de um educador! — E soltou uma gargalhada.

— E que lucraria com isto? — Perguntou o professor calmamente.

— Nada, absolutamente.

Don Salva, depois de roer o osso do veado, jogou-o contra as pedras, tirou de um dos pratos um biscoito, e continuou: não quero que seja incomodado o «Intelligence Service». Por sua vez, também o senhor não poderá recorrer ao seu Embaixador. Ele não vê com bons olhos os patriotas que se metem com rebeldes, e servem de portadores de correios clandestinos. Quanto a esta menina, ela não é nada. Não a queremos. Pode ficar com ela. Estou, porém, numa situação que lhe pode ser propícia. Quero ser generoso com vo-

(Continua na pág. 52)

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

ÀS QUINTAS-FEIRAS NO ESPORTE Ilustrado

Levy Kleiman Fala aos Desportistas de todo o Brasil, um comentário abalizado sobre a atualidade esportiva. ★ O Album de Família, por Charles Guimarães, focalizando em cada número a história de um jogador. ★ BOX, por R. A. A. Coutinho, apresentando Desde o Ring-Side, Crosses & Gravatas, e Os Favoritos do Ring. ★ Diário da Vida Esportiva, os sete dias da semana esportiva. ★ Placard Futebolístico, com os resultados das principais partidas, goleadores, juiz, renda e quadros. ★ Dança dos Pontinhos, com os "fatos" dos campos de futebol, que os jornais não contam. ★ BASQUETEBOL, por Saldanha Marinho, com: De Bandeja, Ataque Bola... e Lance Livre. ★ VOLEI, por Sylvio Cintra Filho. ★ TENIS DE MESA, por Sylvio Rangel. ★ AUTOMOBILISMO, por Max Gold. ★ TENIS, por Djalma De Vicenzi. ★ NATAÇÃO e ATLETISMO, por Mauro Pinheiro. ★ De Binóculo em Punho, por Galhardo Guayanaz, focalizando a semana turísta. ★ A Crítica Internacional, com os fatos pitorescos do esporte mundial. ★ Pelo Velho Mundo, as últimas novidades do esporte europeu, por Alvaro Silva, de Lisboa.

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

BRUXELAS, outubro de 1948 — Quando alguém em Bruxelas quer abrir um "caba-ret", uma bomba de gasolina ou uma fábrica de sabão, dentro da cidade, a Prefeitura manda colocar um cartaz na porta do local e a vizinhança é convidada a fazer suas alegações quanto à viabilidade ou não do novo negócio. Se, durante quinze dias, ninguém reclamar, então o interessado pode meter mãos à obra e arriscar seus francos. Isto é, positivamente, digno de nota.

A Municipalidade não gosta de andar trocando os nomes das ruas só porque aparece um político novo (ou desaparece um velho) ou porque alguém seja amigo do prefeito. Vejamos os nomes de algumas delas: "Rue Montagne aux Herbes Potagères", "Marchand de Poules", "Des Chiens", "De Lievres", "Des Comédiens", "Des Bouchers", "Des Vers", "Chevreu Renard", "Boiteux", "Des Cendres" e assim por diante. Quando desejam honrar uma pessoa dão-lhe o nome a uma rua nova, num bairro novo qualquer.

A Municipalidade assusta o povo com letreiros ameaçando multa imediata e processo verbal a quem atirar papel no chão; entretanto, não coloca receptáculos nas ruas ou lugares públicos. Na Dinamarca há lugares para esse fim até nos bondes e em Stockolmo vimos no meio do mato.

Aborreço-nos o ter que andar com pepéizinhos no bolso para jogar fora ou na cesta da papel do nesso quarto de hotel, mas a realidade é que ninguém aqui joga papéis nas ruas, nem no mercado de peixe, de flores ou de verduras; não se encontra lixo nas calçadas ou nas ruas. Mas as casas não são pintadas ou lavadas como na Escandinávia onde é raro encontrar-se uma casa, por menor ou mais pobre que se a, que não esteja pintada de novo. Parece até que os vizinhos fazem uma subversão para ajudar a pintura das casas de poucas pessoas. E' mesmo uma espécie de religião, isso de pintar os exteriores e em panelarem pintarem e envernizarem o interior das moradias. Para nós tais cuidados e atenções com esses detalhes é coisa quase inacreditável. As fábricas de tintas lá nos países escandinavos devem vender muito os seus produtos.

Achávamos Amsterdam um encanto de antiguidade devido às suas centenas de becos de todo jeito: retos e sinuosos, de metro e meio, de dois ou quatro metros; são vias antigas que foram ficando entre os grandes "boulevards" e os encontramos com suas calçadas de 30 centímetros ou pouco mais, outros sem calçada alguma, mas todos repletos de pequenas casas de residência e de negócios, com um, dois ou três andares.

Nos novos "boulevards" que cruzam vários bairros da cidade já há inúmeras casas de apartamentos bem construídas e modernas, com oito e dez andares. Na Avenida Louise, onde está a Embaixada Brasileira, há muito desses prédios de apartamentos. Para dar uma idéia da fartura de alimentos que há pela Bélgica basta dizer que vimos queijo da Itália, França, Suíça, Dinamarca, Estados Unidos e salmão do Canadá, "petit-pois", sopas em latas e biscoitos dos Estados Unidos; chocolates e bombons da Suíça e Inglaterra; cervejas da Inglaterra, Dinamarca, Escócia e até de Bergen, Noruega, que tomamos lá e achamos muito amarga.

Camisas americanas e inglesas, meias americanas, inglesas e francesas, chapéus da Itália, Inglaterra e França, cuecas e ligas americanas, canetas-tinteiro da América e Inglaterra, vestidos da Itália, cabas e "sweaters" da Inglaterra, cigarros ingleses e americanos e assim por diante. Uma abundância e variedade que provam o potencial econômico dos belgas e a sua aparente liberdade cambial e pujança financeira. Até agora só conseguimos achar um artigo racionado: fui comprar meio quilo de açúcar em tablets para levar à Inglaterra e o homem pediu-me o "timbre", não tínhamos "coupons", e não nos foi possível comprar o artigo.

O "petit-caporal" foi mesmo um grande homem — não é à toa que há mais de mil livros de mais de mil autores de muitas nacionalidades sobre sua vida movimentada. Quando o corso andou por aqui, fez abrir uma avenida circular com mais de uma légua de extensão e 50 metros de largura — isso há muito mais de um século. Como resultado dessa magnífica idéia, outros governos seguiram o mesmo plano e há dezenas de largas avenidas que cruzam Bruxelas em todos os sentidos, ligando seus numerosos subúrbios entre si — pois a cidade e bairros andam por um milhão de habitantes.

Os vendedores ambulantes amolavam os donos das grandes lojas, faziam pontos nas largas calçadas tomando a atenção para eles em vez das vitrines das lojas e, consequentemente, a freguesia. Numa grande reforma do prédio "L'Innovation" o reeuou muito deixando uma calçada ainda mais ampla e ali instalou diversas barracquinhas temporárias, exatamente como os próprios "camelots" profissionais, e ali, os seus próprios vendedores ambulantes faziam demonstrações, discursos e venda de produtos, da própria loja, na rua, na calçada!

Dêse modo a grande loja resolveu completamente o problema dos vendedores ambulantes pois ocupam o espaço na calçada sem atrapalhar os fregueses que desejam examinar as grandes vitrines; junta, em seu próprio benefício, o público curioso que quer ver e ouvir os vendedores de rua, não os deixa falar mal da loja ou fazer referências aos seus preços "mais altos"... limpa os abacaxis e alcaides do "stock", mantém os vendedores com roupa limpa e decente e, além de tudo, ainda ganha dinheiro e faz propaganda...

Fomos visitar o lugar da batalha de Waterloo e ver a colina de 45 metros com um leão de bronze que os ingleses ali colocaram como recordação do feito glorioso do duque de Wellington e seus comandados.

Passamos por uma grandiosa floresta de 14 quilômetros, onde existem muitos lagos pitorescos e bucólicos, caminhos para excursões de bicicleta. Nas cercanias vimos um castelo de Monsieur Cheval dotado de 102 janelas. Perguntamos a um amigo qual seria o nome da filha dele, mas não soube explicar. Ao lado do castelo vimos a casa onde Victor Hugo escreveu uma boa parte de "Les Misérables", porque a outra foi escrita em Bruxelas. Tomamos café no "campo da batalha" e fomos ver um panorama cênico muito interessante sobre o desenrolar da luta titânica entre os exércitos de Napoleão e dos Aliados daquela época. Visitamos vários bairros residenciais elegantes e paramos numa casa para ver o trabalho que é fazer renda de Bruxelas à mão, linha por linha. Essa linda renda é muito cara; mesmo ali, vimos lençinhos para senhoras por mais de 500 cruzeiros, cada um. Verdadeiras preciosidades artísticas.

Em geral achamos os preços do vestuário ali muito elevados. Um terno de boa casemira custa de Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 1.750,00, camisas americanas a Cr\$ 150,00; vimos sob medida com tecido inglês por Cr\$ 190,00; lenços ingleses a Cr\$ 15,00, e nacionais a Cr\$ 8,00; sapatos de Cr\$ 150,00 a Cr\$ 250,00.

Aqui a cozinha é fantásticamente boa e come-se muito bem em qualquer restaurante — custa Cr\$ 30,00 mas há também de Cr\$ 75,00 — "table de jour".

"Sweaters" e artigos de lã são geralmente mais baratos, pois se encontram bons modelos de Cr\$ 75,00 a Cr\$ 120,00, tanto para homens como para senhoras. Na Holanda se tivéssemos os "coupons", poderíamos ter comprado por menos do que na Bélgica, pois, apesar da União Aduaneira entre os dois países, num há racionamento e no outro, não.

Encontramos em Waterloo uma família brasileira do Rio. Estávamos comentando a batalha, quando uma simpática e elegante senhora nos perguntou se éramos brasileiros. Batemos um ligeiro papo sobre este país e os que já visitamos. A família Piccoli vai agora à Holanda por que está achando que aqui faz muito frio. Nós, que viemos do Círculo Polar Ártico e adjacências, andamos na Bélgica sem sobretudo e com poucos agasalhos, pois já nos acostumamos com o termômetro lá em baixo. E qualquer coisa acima de dez, é "canja" para os lapônios...

PELAS estradas do CÉU

Por ANDRÉ MAX

NESTA parte do hemisfério não há dúvida de que cabe ao nosso país um dos pontos mais altos no progresso aviatório, especialmente no que toca ao preparo técnico da mocidade que se lança nas estradas do céu.

No dia em que dispusermos de uma indústria pesada eficiente e completa, com farta produção de aço e alumínio, fabricação de motores e outros produtos indispensáveis ao desenvolvimento industrial de aparelhos voadores, o Brasil se colocará em posição paralela aos maiores países do mundo em matéria aeronáutica. Pessoal habilitado e culto já temos. E isso representa o mais importante: o capital humano.

Não basta que acompanhemos o progresso da aviação, importando aparelhos de fabricação estrangeira. É necessário que nos antecipemos, construindo nossos próprios tipos de pássaros aéreos, seguindo o exemplo de outros países, que, como sucede com a Inglaterra, vêm oferecendo novidades ininterruptas, com modelos novos de grande efeito. Não se trata de invenções para guerra, desses enormes engenhos para transportar tanques e canhões e centenas de soldados equipados. Trata-se, sim, de aviões destinados ao serviço de paz, como acaba de verificar-se com o "super-ace" britânico.

Nada menos de onze países realizaram encomendas, na Grã-Bretanha, do aparelho tipo "super-ace", um novo avião de quatro lugares construído nas fábricas britânicas. Entre os países que adquiriram aviões desse modelo estão



Novos aspirante aviadores, a 21 de dezembro p.p. no encerramento do curso, recebem as espadas das mãos de suas madrinhas e felicitações do sr. Ministro da Aeronáutica na Escola de Aviação

a Argentina, Dinamarca, Rodésia, Nova Zelândia e Austrália. Os fabricantes esperam poder normalizar as vendas, em futuro imediato, para a África do Sul, a Índia, a Maláia e o Uruguai. O "super-ace" é um avião de asa elevada, com trem de aterrissagem de roda na proa, motor "Gipsy Major", da Havilland, a 145 cavalos. Sua velocidade é de 185 quilômetros horários, com velocidade de aterrissagem de uns 65 quilômetros, e um rádio de voo de 675 quilômetros. Seu acabamento permite-lhe resistir às mais extremas condições de clima.

★

Durante muito tempo perdurou a crença de que os transportes aéreos constituíam um luxo só utilizável pelos ricos. Desde o fim da guerra, porém, as linhas aéreas britânicas vêm transportando quantidades cada vez maiores de mercadorias. Esse tipo de transporte, sobremaneira rápido e eficiente, era tido como impossível pouco tempo atrás. Durante o primeiro semestre de 1948 a British Overseas Airways Corporation transportou 1.233 toneladas de carga para todas as partes do mundo, inclusive a Índia, o Paquistão, o Canadá, a Austrália e a União Sul-Africana. É verdade que ainda hoje o transporte aéreo é sensivelmente mais dispendioso do que em navios, mas é indiscutível que os ganhos de tempo já representam, por si sós, fatores de lucro suficientes para proporcionar compensação correspondente.

As inundações na Zona da Mata Mineira constituíram uma calamidade de gravíssimas consequências.

Dê o seu auxílio em favor dos flagelados pelas enchentes em Minas Gerais. E faremos um apelo ao Correio Aéreo Nacional para que facilite o transporte de donativos.

ONDE CAFIASPIRINA CHEGOU
A DÔR PAROU



CAFIASPIRINA
ALIVIA E REANIMA

**AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES
DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e conforto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem
SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA
INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS
Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649



A saúde do BEBÊ

LEITELHO E ALEITAMENTO ARTIFICIAL

DR. SABOLA RIBEIRO

O aleitamento artificial ao leite de vaca, máxime se instituído nos primeiros três meses, acompanha-se com muita assiduidade de sérios acidentes que todos os pediatras conhecem, e que põem em jogo, não raro, a vida da criança. É conhecida a frase de Pflaunders, tantas vezes citada, traduzindo este fato da observação de todos: "As crianças adoecem por causa da alimentação errada e morrem pela infecção superveniente".

O leite de vaca não é o leite próprio da criança e somente depois das adaptações sempre necessárias à sua boa digestão, não irá ocasionar-lhe distúrbios diversos, quer refletindo-se no estado geral, quer no funcionamento de seu aparelho digestivo.

Além disso, como temos aludido por vezes, em geral o leite comercializado já contém os germes da infecção (principalmente o coli, o desintérico, o estreptococcus), e daí frequentes manifestações gastro-entéricas, que não encontrem outra explicação que não o leite poluído.

Os leites em pó representam, a esse respeito, um grande progresso, pois colhido nas melhores condições higiênicas, e esterilizados nas melhores condições de técnica, merecem toda a confiança como um leite absolutamente isento de germes.

Nas contingências habituais, o leite de vaca provoca, ora a anemia e a prisão de ventre na criança, ora a diarreia, acarretando, ao mesmo tempo, uma desidratação, vezes um tanto lenta, vezes verdadeiramente brusca, de tantas consequências para a criança.

Se a criança está ainda no primeiro trimestre, quando são maiores as necessidades de embebição dos tecidos, conforme o grau da diarreia e certas particularidades de seu organismo, ela é logo vitimada pela "toxicose", estado já caracterizado pela febre e pelo desmoraçamento da própria célula.

A prisão de ventre corresponde, quase sempre, um estado de desmineralização da criança, não sendo assimilados os sais de cálcio do leite, pelo organismo. ao mesmo tempo que se inicia um processo irritativo do intestino da criança; no estado de diarreia, o intestino torna-se sede de fermentações anormais, e deixa-se invadir pelos germes que, assim, encontram um meio de cultura amplamente favorável ao seu desenvolvimento. Geralmente o colibacilo vem povoar o intestino da criança, e aquelas manifestações se juntam as de uma infecção por um germe, justificando a frase de Pflaunders.

Até fazer a criança três meses, há hoje um leite especial que substitui, melhor, do que qualquer outro, o leite materno. É o leitelho em pó. De fácil preparo, sua digestibilidade é perfeita na criança. Uma parte do pó em 9 de água, acrescidos de farinha e açúcar, respectivamente 2 e 5 por cento, são as proporções a empregar. Prepara-se o leitelho partindo do pó, do modo seguinte (para 100 grs.): Desmancha-se uma colher de chá nágua, cozinha-se a fogo brando (dez minutos) e iguala-se na mamadeira graduada para 90 gramas, com água fervida. Junta-se 1 medida do pó, adoça-se (5%).

Assim preparado o leitelho corresponde a 65 calorias (a mesma quantidade do leite de vaca fornece 70 calorias).

Essencialmente a diferença entre o leitelho, uma vez preparado, e o leite de vaca consiste, justamente, em que o leitelho é um leite hipogorduroso (as gorduras do leite de vaca que, de ordinário, provocam inicialmente os distúrbios da nutrição da criança; fezes duras, ou diarreia, são elementos que quase nunca faltam nesses distúrbios). É, além disso, um leite acidificado que, por certas transformações, por que passa no intestino da criança, garante a normalidade do meio intestinal, opondo-se em consequência, às fermentações ou putrefações, e portanto ao desenvolvimento dos germes da infecção. (Na criança o colibacilo é o mais frequente, ante infecções desencadeadas pelo alimento impróprio).

Empregamos sempre o leitelho Eledon, da Nestlé, no aleitamento artificial da criança até o 3.º mês.

Como alimento, propriamente, usamo-lo, ainda, depois do 3.º até ao 6.º mês; apenas, a partir do 3.º mês, procedemos a modificações periódicas que adiante indicaremos. A esse respeito, organizamos a seguinte tabela no intuito de instruir as mães:

Meses da Criança	Leitelho	Água Fervida
1.º	1 medida rasa	77 gramas
2.º	1 " cheia	102 "
3.º	2 medidas rasas	126 "
4.º e 5.º	2 " cheias	138 "

Ao 6.º mês, leitelho, 2½ medidas cheias; água, 161.

Em todas essas quantidades, juntar farinha a 2% e açúcar a 5% (2 colherinhas de cada, mais ou menos cheias).

Correspondem essas mamadeiras — em substâncias e líquido — a cálculos cuidadosos das necessidades da criança nessas idades, com base no peso estabelecido para a média dos dois sexos, mês por mês.

O horário, nessa fase, pode ser: às 7, 10, 13, 16, 19 e 22 horas.

As modificações, acima do 3.º mês, consistem em introduzir ao 4.º mês, nas mamadeiras, um caseinato de cálcio (2 grs. por mamadeira), e no 5.º e 6.º meses, respectivamente, 1 e 2 mamadeiras de leitelho amantelado (às 10 e 16 horas, em lugar do simples leitelho).

Eis como se preparam 200 grs. de leitelho amantelado: manteiga, 4 grs. (2 colheres de chá); farinha, 14 grs. (¾ colher de chá); açúcar, 10 grs. e leitelho (Eledon), 20 grs. (respectivamente 4 e 6 colheres de chá). Dissolver o "Eledon" nágua quente e fervida, à parte; numa caçarola esmaltada aquecer, a fogo brando, a manteiga até que haja espuma (2 a 3 minutos); juntar então a farinha mexendo com colher de pau, até a massa adquirir uma cor marrom. Reunir, então, com o "Eledon" na mamadeira, agitar, e dar à criança.

O PESO DO TESOURO

(Continuação da página 20)

Imensa fortuna... As vezes, na calada da noite eu me erguia do catre, com o corpo doendo e ia verificar si o cadeado não tinha sido aberto, depois adormecia e sonhava que vultos de negro vinham reclamar o tesouro perdido! Acordava suarento e minha velha que ainda vivia afligia-se muito.

Ela, porém, não conhecia a causa de tudo aquilo; eu nada lhe havia revelado a respeito.

— E que fez de tamanha fortuna?

— Enterrei-a e terminei decidindo nada fazer com ela. Depois que a minha boa companheira morreu, dei-lhe um túmulo e cobria-lhe sempre de flores. Mas não gastei sequer uma moeda. Não achei digno.

— Mas, afinal, por que assim procedeu, bom amigo?

— Não sei explicar. Sinto que aquele tesouro não me daria a felicidade desejada! Demais, o mar, não poderia abandoná-lo! De que me serviria um palácio na cidade, se eu não poderia me afastar da cabana de pescador que sou!

Ó! morrerrei escravo do mar, amando estas águas negras ou verdes, azuis ou multicores.

— Começo a compreender. Agora sei também, porque divago tanto e agarro-me aos meus quadros com pena de vendê-los. Assim são os artistas, eternamente escravos da arte. Meu grande amor são meus quadros e o seu é o mar.

Onde escondeu seu tesouro, bom velho?

— Onde escondi? — ali mesmo perto do tronco que tombei naquela tarde. Se quiser, a fortuna é sua, leve-a e construa seu atelier e seu lar sonhado!

O pintor, tentado por tamanha oferta, foi instintivamente se aproximando do local onde estava enterrado o cofre. Pegando de uma picareta que havia ficado ali, começou a dar golpes.

Lá estava o cofre contendo a misteriosa fortuna.

— Poderá levá-la si quiser — repetiu o velho com todo o desprendimento para espanto do pintor.

Ele próprio auxiliou o rapaz a conduzir o cofre para bordo do barco que flutuava junto da pedra onde fora amarrado na véspera. O rapaz ainda relutava um pouco em aceitar aquela generosa dádiva, admirado com o desinteresse do velho que não desejava nada para si. Seria justo que ele, tão moço, aceitasse daquele pobre pescador alquebrado uma fortuna que lhe pertencia de direito? Mas o velho insistia com veemência e parecia mesmo ansioso por livrar-se daquele cofre cujo peso e valor tiravam-lhe o sono por tantos anos! Leve-o, peça-lhe, e que Deus o proteja e abençoe.

Com essas palavras o pintor não mais relutou e partiu, levando o cofre no barco que agora já não flutuava tão leve ao péso daquela inesperada fortuna. Pelo caminho Roberto já não reparava na beleza da radiosa manhã que surgia em nuances de festa multicolor.

Mas, aos ouvidos do pescador que sorria filosoficamente enquanto o barco desaparecia ao longe, na praia uma orquestra de pássaros enchia-lhe o coração de alegria intensa, e, satisfeito, contemplava mais uma vez a natureza pródiga e bela que lhe empolgava a alma como nunca!

Estranho! Tinha o pobre velho a sensação de estar livre de um grande péso e o espírito readquirira uma leveza despreocupada!

Começou a assobiar aquela ária costumeira dos bons tempos, a qual parecia acompanhada de um som mavioso de violino distante. E já não monologava taciturno e absorto, preso à terra.

Rápido, aproximou-se do velho barco esquecido num recanto, preso às pedras com amarras que há muito não desfaziam o nó. Alegre e quase juvenil içou as velas que se desdobravam, libertando-se ao sopro do vento.

Levando a réde, parte em busca da pesca e do mar enfim!

— Boa pescaria! gritou-lhe de longe o pintor sumindo no horizonte.

O mar não perdera o pescador!

Mas, quem sabe se a cidade não perderia o pintor!

FIM.

A VIDA DE THACKERAY

(Continuação da página 18)

No entanto, não largava essa desgraça. Estava resolvido a mostrar ao mundo que ele "valia muito mais do que pensa". Essa determinação resultou (1817) naquela interessante experiência literária — *Feira das vaidades* "um romance sem herói".

Thackeray tinha suas dúvidas sobre o valor de *Feira das vaidades*. "Gostaria de saber se isto vai pegar, se os editores o aceitarão, se o mundo o lerá". A princípio, o livro não agradou. Thackeray submeteu os primeiros capítulos ao *Colburn's Magazine* e o diretor devolveu o manuscrito. "Este homem", disse ele, "não pode escrever ficção". O diretor de outra revista também devolveu a história com o seguinte comentário: "As palavras são leves como penas de chumbo". Um terceiro diretor, Macvey Napier, da *Edinburgh Review*, observou que "deve-se ter todo o cuidado quando se trata de trabalho de desconhecidos... Em uma publicação como a *Edinburgh* é sempre importante respeitar os nomes".

Várias outras revistas e editoras recusaram *Feira das vaidades* até afinal ser o livro aceito pelo diretor de *Punch*.

O público foi muito lento em reconhecer os méritos do livro. Mas os críticos e os escritores viram imediatamente que se tratava de um novo marco na literatura inglesa. "Trouxe comigo os 4 últimos fascículos de *Feira das vaidades*", escreveu Mrs. Carlyle ao marido, "e os li durante a noite... Deixa Dickens a perder de vista". E Abraham Hayward, numa nota que apareceu após a publicação de apenas alguns fascículos do livro, profetizou que a *Feira das vaidades* "tem sua imortalidade assegurada tanto quanto noventa e nove por cento dos romances modernos têm seu desaparecimento assegurado". Vários outros críticos acolheram o livro como uma obra-prima. Estava, porém, reservado à romancista Charlotte Brontë apreciar na sua justa medida o trabalho de seu confrade. Seu romance *Jane Eyre*, então recém publicado, causara sensação. Contudo, em pleno transe, encontrou o tempo necessário e teve a generosidade suficiente para proclamar que, na sua opinião, o livro de Thackeray merecia um triunfo ainda maior. "Existe um homem em nossos dias", escreveu ela no prefácio à segunda edição de *Jane Eyre*, "que, a meu ver, está acima dos maiores da sociedade, como o filho de Jemla estava acima dos coroados reis de Judá e de Israel; homem que fala a verdade com a mesma profundidade, com a mesma força profética e vital, com o mesmo ar intrépido e ousado...".

"Por que me referi a esse homem? Porque, leitor, acredito ver nele uma mentalidade profunda e única até agora não reconhecida por seus contemporâneos; porque o considero o primeiro dentre os regeneradores de hoje... porque penso que nenhum comentarista dos seus trabalhos ainda encontrou a comparação que lhe convém, os termos que caracterizam perfeitamente seu talento. Dizem que ele é como Fielding; falam da sua inteligência, do seu humor, da sua veia cômica. Ele se parece com Fielding como uma água se assemelha a um abutre; Fielding às vezes se debruçava sobre a carne, mas Thackeray nunca o faz. Seu espírito é brilhante, seu humor atraente, porém a relação existente entre seu gênio ponderado e aqueles dois predados é a mesma que a que existe entre o veloz relâmpago de calor, a brincar sob a orla de uma nuvem, e a centelha elétrica de morte oculta em seu seio. Finalmente, referi-me a Mr. Thackeray porque a ele — se quiser aceitar o tributo de uma desconhecida — dediquei esta segunda edição de *Jane Eyre*".

Para compreender um romance excelso como *Feira das vaidades* foi necessária a presença de uma excelsa romancista. Essa história, não só sem protagonista mas ainda num sentido técnico, sem enredo, é um pedaço de nossa própria vida, que não tem nem enredo nem protagonista. O livro inteiro pode ser resumido numa simples estância que Thackeray escreveu vários anos depois da publicação de *Feira das vaidades*:

O, vaidades de vaidades,
Quão caprichosos são os decretos do
destino!
Quão fracos os muitos sábios,
Quão pequenos os muito grandes!

IV

Thackeray tinha adquirido agora um grande renome e uma vida confortável. Mas continuava infeliz. E' que também ele, como os tipos que criara, era um boneco da *Feira das vaidades*, girando perpetuamente no carrossel da ambição humana e procurando sempre atingir algo que estava além do seu alcance. Quando conseguiu um lar, quis uma carruagem e quatro cavalos; quando os conseguiu, quis uma posição na sociedade; conseguida esta, quis uma cadeira no Parlamento. E, embora não tivesse a menor queda para a política, arriscou-se a apresentar-se como candidato a uma cadeira na Câmara dos Comuns.

Felizmente para ele — e talvez também para a Inglaterra — seu senso de humor impediu-o de lutar com muito afino pela sua eleição. Quando Lord Menck, presidindo um dos seus comícios, disse: "Que o homem mais capaz seja o vencedor", Thackeray retorquiu: "Espero que não!" Ele sabia que o seu oponente, Edward Cardwell, seria muito melhor estadista que ele. Cardwell foi eleito e mostrou-se à altura dêsse conceito.

Thackeray continuou no setor em que ele era o mais capaz, isto é, no da literatura.

Porém sua ambição não o deixava em paz. Empreendeu uma série de conferências "pelo bem dos meninos". Aceitava toda espécie de convites para ouvir elogios a si — "este festim da lisonja é ainda mais agradável depois de um tão longo período de fome". Fez duas viagens aos Estados-Unidos e voltou de lá cheio de honras e indigestões. "Agora que os meus meninos estão com seu sustento garantido, a grande ansiedade que me dominava desapareceu de minha vida e posso respirar livremente durante algum tempo".

Mas não respirou livremente. Continuava inquieto, ainda ansiando por atingir o inatingível. Tinha de substituir seu cabriolé por uma carruagem, seu laço por um séquito de criados, sua pequena casa por uma grande propriedade. Na sua louca corrida com a classe-média da Feira das Vaidades, não era possível que ele fosse ficar atrás. "Tom Carlyle" escrevia ele à sua mãe, "vive com absoluta dignidade numa casinha de 40 libras, em Chelsea, tendo uma empregada escocesa pouco assada para atender à porta e a melhor gente da Inglaterra batendo a ela". Mas esta espécie de glória reatada não lhe servia. Ele queria ser um homem de sociedade. "Veja a popularidade de Dickens!" Também ele devia ser um leão a rugir nos salões e nas tabernas do mundo. Que alegria ter Lord Flamdoodle a apertar-lhe familiarmente a mão, e Lady Flamdoodle a sorrir-lhe com aquela graciosa "aimable liberté" enquanto os garçons iam fazendo com a cabeça sinais uns aos outros em muda mas eloquente admiração ao serv-lo em jantares dados em sua honra. Gostava muito de contar a história de dois garçons irlandeses cuja con-

versa ouvira por acaso enquanto jantava em Saint Louis:

— Sabe quem é esse homem?
— Não. Quem é?
— Esse é o famoso Thacker.
— Que foi que ele fez?
— Sei lá! Mas ele é um grande homem.

E a cada novo romance seu renome aumentava, as línguas do público não paravam de agitar-se em sua honra, embora ninguém soubesse por quê. Pois, para parafrasear um crítico da época, todos o admiravam e ninguém o lia. Até mesmo o maior dos seus romances *Henry Esmond* ("Por este livro eu me responsabilizo", escreveu Thackeray ao seu editor norte-americano, James T. Field, "e estou disposto a deixá-lo como meu cartão de visita onde quer que vá") mesmo este romelante a adoração. E chegou a amar seus e o menos popular da literatura inglesa". O público devorou as críticas sobre o livro, discutiu-lhe os tipos, endeusou o autor, comprou o livro... e deixou-o na estante com as páginas por cortar.

Cortemo-las e lancemos um olhar à história de *Henry Esmond*.

Nos últimos dias dos Stuarts, vivia em casa de Lady Castlewood um sujeitinho que pensava muito e falava pouco. Seu nome era Henry Esmond e era, segundo todos julgavam, filho legítimo do visconde Thomas Castlewood. Quando o menino cresceu, sua educação foi confiada ao jesuíta Padre Holt, conselheiro espiritual dos Castlewoods.

A seu tempo, morre o senhor de Castlewood no serviço do rei deposto James e Francis Castlewood tornou-se o novo senhor do solar.

Henry Esmond aceitou esta mudança de sorte à sua maneira calada e pensativa. Novos senhores, novas cargas. E uma nova e suprema alegria. A jovem e bela Lady Castlewood que mais parecia filha que mulher de Francis Castlewood afeiçou-se a Henry. E Henry nutria para com Lady Castlewood um sentimento semelhante a adoração. E chegou a amar seus dois filhos Beatriz e Frank com o amor de um irmão devotado.

A princípio a paz reinou no solar dos Castlewoods, mas depois uma dupla tristeza desceu sobre ele. Um ataque de varíola desfigurou o formoso rosto de Lady Castlewood e seu marido começou a buscar consólo nos braços de outras mulheres.

Contudo, a frieza do visconde para com a esposa não impediu que ele ficasse enciumado quando outro homem, Lord Mohun, tentou cortejá-la. Desafiou Lord Mohun para um duelo; e embora Henry, agora homem feito, se esforçasse por lutar no lugar do seu senhor, o visconde insistiu em tomar ele próprio a desforra e foi morto na pendência. Pouco antes de expirar, o visconde confessou que Henry Esmond era filho ilegítimo de Thomas Castlewood e, portanto, o herdeiro legal de Castlewood. Mas a afeição de Henry a Lady Castlewood e a seus filhos era maior que seu amor à glória pessoal. Queimou a confissão e continuou sendo "um servo da casa".

E não somente isso, mas um servo detestado. Pois, enquanto permanecia ferido e encarcerado pela parte que tomara no

(Continua na pág. 51)

Artes PLASTICAS

ANGELUS RAVEL



Manuel Madrugá em seu atelier

MANUEL MADRUGA é brasileiro nato, fluminense, de Terezópolis. Tem no espírito as alturas audazes que os pináculos da serra dos Órgãos lhe deixaram nalmá como estímulos aos seus vãos geniais na seara da Arte.

O seu grande talento artístico foi estimulado também pelos triunfos em Paris. Coursou nossa Escola de Belas Artes, recebendo lições de Zeferino da Costa e Medeiros; em Paris, seus mestres foram Marcel Bachel e Jean Paul Laurent, na Academia Julien.

Suas telas têm valor internacional. E' um artista de vocação. Sabe interpretar a natureza sem molhar o pincel com as tintas de pura imitação. O que reproduz parece viver sob nossa retina, na beleza da luz e das cambiantes do conjunto. Não há futilidades em seus quadros. Quando é preciso dar poesia, ali a temos; se é necessário elevar os corações a episódios épicos, seus quadros são um hino de patriotismo. Assim é em "Montanha de Cristo" e na formosa concepção de "A Volta dos Expedicionários à Pátria".

Dêle disse Daniel Fonseca: — "A Volta dos Expedicionários", grande composição apoteótica, na qual o pintor materializa o civismo e a bravura de nosso povo. Como o título esclarece, a "Cidade Maravilhosa" recebe nos braços, agradecida, os invencíveis praçinhos. Este painel que constitui, no gênero, trabalho dos mais arrojados, voltou ao atelier do artista. Entretanto, a comissão de cultura de uma de nossas casas legislativas, adquiriu, como é público e notório, pintura de valor artístico duvidoso".

"Súplica", que é considerada pelos técnicos verdadeira obra-prima, já foi exposta no Brasil. E' opinião geral que o nosso Museu de Belas Artes devia adquirir telas dêsse elevado teor artístico, que pudessem ser expostas à visita e admiração do povo e dos estudantes e mestres.

Infelizmente, essas grandes obras quase sempre, ou voltam ao atelier dos seus autores, ou são adquiridas por particulares, sofrendo o público com êsses acontecimentos.

De Manoel Madrugá já se disse que é o pintor brasileiro que o nosso país descobriu... na França. Ainda outros afirmam que ele, sentindo na capital francesa saudades de sua terra, voltou ao Brasil, sob a pressão da saudade.

Voltou, porém, envelhecido e mais cheio de experiência da vida e da Arte. Estando aberto o "Salão", a ele compareceu, ali expondo uma tela que julgaram excepcionalmente bela: "Filho do Pescador". A mais justificada curiosidade envolveu sua exposição, arrancando exclamações de entusiasmo a quantos tiveram a felicidade de ver o que Manoel Madrugá mostrava aos seus patricios.

Um crítico, apreciando suas arrojadas concepções, disse: "A natureza é por ele devassada sem artificialismo tantos. Na pesquisa que empreende, nem pieguices tão do gosto de uns nota-se a observação arguta de um analista a materializar o que cria, em estilo pessoal e vigoroso, tendo, ao que parece, os pinceis em per-

manente contacto com o cérebro. Sua fatura larga e pastosa, salta em pinceladas bem dirigidas; soltas aqui, frotantes ali; cruzadas além, na procura definitiva da solução para os problemas de espaço, luz e ar. Notável, a capacidade interpretativa de Manoel Madrugá, pintor de fatura. Inimitável. Analisando-se a maioria de suas telas, tem-se a impressão de que as suas tintas, verdadeiros vocábulos coloridos de uma linguagem manejada com segurança, vão da palheta para a tela, delineando desembaraçadamente os planos essenciais, o arcabouço pictórico de sua arte. Digno de notar-se o surpreendente resultado conseguido: a beleza comparece sem ser solicitada, como resultante lógica de análise cuidada e precisa. O total das telas apresentadas mostra sua preferência pelos temas difíceis".

Esse talentoso pintor já expôs em grandes meios daqui e do estrangeiro. No Brasil, sua mostra de arte teve admiradores no Rio, no Salão de Belas Artes, o mesmo sucedendo nos Salões de São Paulo, Porto Alegre, Pelotas, Niterói.

Na França, expôs: No Salão Oficial dos Artistas Francêses de Paris, anualmente, no "Grand Palais" e nos salões do "Cercle Volney". "Musée Carnavalet", "América Latina", ou "Foyer Brésilien de Paris".

Muitos prêmios já conquistou. Em 1908, sob o professor Bernajelli, a Medalha de Ouro no Salão de Belas Artes do Rio; em 1942, a Grande Medalha de Prata no Salão Paulista de Belas Artes; em 1944, a Medalha de Ouro e Primeiro Prêmio Interventor Fernando Costa, além de outros.

Na França foi distinguido com as seguintes condecorações, pelo valor de suas obras: "Oficial da Academia", em 1910; "Oficial da Instrução Pública", em 1924 e "Cavaleiro da Legião de Honra", em 1936.



"Volta dos Expedicionários à Pátria", de Manuel Madrugá

...E O VERAÕ chegou

RABEEL



— Então, sr. presidente... A sucessão?

Dutra — Depois, depois do inverno... "verão".



— Vê. Tua mãe está usando o teu "maillot".

— Não. Eu é que uso de vez em quando o dela.



— Não se espante, querida. Foi sugestão do meu marido...



Foi ela chegar...

.....
.....
E o tempo esquentar...

(Continuação da página 49)

duelo, Lady Castlewood o denunciou como causador da morte do seu marido.

Em tais condições a vida tornou-se insuportável para Henry. Alistou-se no exército, lutou e foi ferido sob o comando de Marlborough, aos poucos chegou ao posto de coronel, depois ajudante de ordens do general Webb e finalmente, combatendo nos Países Baixos, encontrou-se casualmente com seu antigo professor, o padre Holt. Este contou-lhe a verdadeira história de sua origem. O pai de Henry, visconde Thomas Castlewood, casara-se com a filha de um tecelão e mais tarde a abandonara. Ela morrera num convento, e seu pai o tomara como "um enjeitado" para criar.

Ele, porém, continuou guardando para si o segredo de seu nascimento. Não queria melindrar aqueles a quem amava, embora estes já não o amassem.

Um dia, enquanto estava rezando na catedral de Wischester, descobriu com grande alegria que suas preces haviam sido atendidas. Pois diante dele lá estava Lady Castlewood. Mal seus olhares se encontraram, os corações reataram o antigo afeto.

E então uma nova emoção penetrou no coração de Henry uma verdadeira paixão pela filha de Lady Castlewood, Beatriz agora com dezessete anos e dama de honra na corte e a mais bela mulher de quantas fizeram pulsar corações ingleses. Durante dez anos Henry concentrou nela suas esperanças, mas em vão. Ela não queria saber daquele soldado sem títulos e sem dinheiro, enquanto tantos brilhantes cortesãos chamuscavam as asas nas chamas dos seus encantos.

E agora o velho amor de Henry pelos Castlewood, descobriu uma nova expansão no seu afeto para com Fran, irmão de Beatriz, rapaz tão simpático, leviano e encantador como sua irmã. Henry combateu a seu lado e protegeu-o em várias batalhas, assistiu-lhe à educação, tomou um interesse paternal e algo apreensivo pelo seu casamento com uma nobre holandesa bem mais velha do que ele.

Nesse interim Beatriz continuou com seu passatempo agora um tanto gasto, de partir corações. E finalmente ia partindo o seu próprio. Passava rapidamente a primavera de sua formosura e ela continuava solteira. O sistema dos homens era "morrer" por ela, porpor-lhe casamento, noivar e depois preterir-la por um partido melhor. Quanto a Henry Esmond, ela continuava a recusá-lo, sempre na esperança de conseguir coisa melhor.

Finalmente agarrou o homem que queria — o duque de Hamilton, um viúvo que tinha uma posição duas vezes superior à dela e o dobro de sua idade. Conformando-se com a derrota, Henry Esmond ofereceu-lhe, como presente de núpcias, um lindo colar de diamantes que recebera de Lady Thomas Castlewood, segunda esposa de seu pai.

Mas o duque de Hamilton recusou a lembrança, declarando que sua noiva não podia aceitar o presente de um plebeu.

Ao que, respondeu zangada a mãe de Beatriz: "Henry Esmond não é nenhum plebeu. Ele é filho legítimo do visconde de Castlewood e real herdeiro de seu nono e

bens. Nós somos apenas os beneficiados de sua generosidade".

E passou a explicar que ouvira a história da origem de Henry da própria velha viscondessa. "E ele nunca disse a ninguém uma palavra sobre isso".

Estamos na véspera do casamento de Beatriz com o duque de Hamilton. Batem-se em duelo o duque e o velho flagelo dos Castlewoods, Lord Mohun. Hamilton é morto no duelo e Beatriz fica mais uma vez entregue a si.

Mas ainda assim rejeita as propostas de Henry, porque agora tinha outro homem a cortejá-la e dessa vez o melhor dos partidos, o jovem príncipe Stuart, pretendente ao trono inglês.

O príncipe, no entanto, queria Beatriz não para sua esposa mas para sua amante. Henry Esmond e Frank Castlewood, irmão de Beatriz, tinham ambos esposado a causa do príncipe Stuart. Quando, porém, souberam dos intentos do príncipe com referência a Beatriz, quebraram suas espadas, denunciaram o príncipe e o abandonaram ao seu desgraçado destino.

E então, enquanto o pretendente e Beatriz fugiam para a França, a atmosfera de Londres se eletrizava com o grito sinistro de: "A rainha Ana morreu! Viva o novo rei, George Hanover!"

Quanto ao Henry Esmond e Lady Castlewood, voltaram-se um para o outro em busca de consolação, resultando esta em amor. Renovaram o amor dos dias passados, porquanto "os amores mais velhos são os mais novos e os melhores".

V

O que Thackeray experimentou ao reatar uma velha amizade, foi semelhante ao que experimentou Henry Esmond num velho amor. Charles Dickens fora sempre um dos primeiros e melhores amigos do autor de *Feira das Vaidades*. Mas surgira uma desinteligência entre eles (entre literatos basta uma fagulha para atear uma chama da dissensão) e durante anos os dois homens estiveram de relações cortadas. Uma noite (Thackeray contava então 53 anos) os dois se encontraram na escada do Athenaeum, e Thackeray num gesto impulsivo, estendeu a mão a Dickens. Este retribuiu o cumprimento, ficando assim soldada a velha amizade.

Era como se Thackeray adivinhasse que precisava apressar-se a saudar o antigo camarada e despedir-se dele. Com efeito, algumas noites depois, a 23 de dezembro de 1863, ia ele dormir o seu derradeiro sono. O Senhor fizera a chamada suprema e Thackeray, como o amado coronel Newcome de um de seus romances, acudiu com brandura, "Adsum — Presente!"

OBRAS IMPORTANTES DE THACKERAY

O grande diamante de Hoggarty, The yellowplush Papers, Barry Lyndon, O Uvro dos esnobes, Feira das vaidades, Pendennis, Henry Esmond, Os Newcomes, O virginiano, Lovel o viúvo, Numerosos ensaios e poesias.

PEQUENINA

(Continuação da página 13)

de escala, transmitindo recados do marido amoroso que não a esquecia um momento.

Cada vez que tilintava o telefone, Pequenina dava um pulo da poltrona e corria a atender. Em sua cabeça turbilhonavam suposições.

— Que teria havido?! Algum desastre?!

Mas as notícias eram sempre tranquilizadoras. Arnaldo ia bem, sem novidade, o tempo bom ajudava-o. Aquela boa estrela de Arnaldo enervava.

Pequenina voltava a enterrar-se na poltrona da sala, seu ponto de observação sobre o telefone. E novos pensamentos a assaltavam. Arrependia-se, envergonhava-se de desejar tanto mal ao pobre e dedicado Arnaldo que tanto a amava. Mas, simultaneamente, a figura máscula de Zé Luis enchia-lhe os olhos numa vertigem irresistível: amava-o! amava-o!

Naquela nublada manhã de agosto, Arnaldo partiu para a Bolívia. Sem mesmo saber por que, Pequenina ficara inquieta: sua sensibilidade apurada adivinhava qualquer coisa anormal. Vira-o sair como se fosse pela última vez e uma emoção diferente estrangulou-lhe o coração. Que seria aquilo?

Dos Afonsos Arnaldo ainda lhe telefonou: levava Zé Luis como companheiro de viagem. Retardara um pouco a partida por ter notado um defeito no motor do avião. Ordenara que se fizessem os reparos e telefonara minutos antes de deixar o campo.

Pequenina sentiu uma estranha angústia quando largou o fone. Pressentia que ali estava um dia difícil de suportar. Qualquer coisa lhe falava intimamente que por fim chegara o momento desejado. Sentia que ia suceder alguma desgraça a Arnaldo. O pressentimento pesava-lhe terrivelmente na consciência: ela desejara tanto ver-se livre de Arnaldo! Nem se lembrou de que Zé Luis ia com ele; era sorte do marido que lhe tirava a calma! Era o que sucederia a ele que a aterrorizava!

Ligou desesperadamente para os Afonsos. Tentava deter uma coisa irremediável. — Por favor! O major Ribeiro que deveria sair para a Bolívia...

— Já decolou, minha senhora, sinto muito.

Pequenina desligou, desolada.

Ao meio-dia deram-lhe notícias de Arnaldo: ia bem de viagem, tudo corria normalmente. Mas foram essas as únicas palavras que lhe transmitiram. Daí por diante o telefone emudeceu. Pequenina insistiu mais de uma vez em saber o paradeiro do marido, mas não conseguiu: o aparelho de Arnaldo estava desaparecido.

Que terríveis horas viveu Pequenina! Que angústia e que remorso! Chorou amargamente a sua leviandade de pensamento. Que tola era, trocava o único bem de sua vida pelos acenos de uma quimera: estendia os braços para uma coisa distante, possivelmente uma nuvem: bonita de longe mas impalpável ante as mãos da realidade.

Um dia e uma noite durou aquela tortura. Por fim puderam lhe dizer: o aparelho caíra no interior de São Paulo: Arnaldo e Zé Luis estavam num hospital.

Pequenina tomou um avião especial e despencou-se para São Paulo: sabia que ambos os rapazes não se achavam em estado grave; isto a tranquilizava. E durante a viagem o terrível demônio da indecisão veio flutuar em seu espírito: amava Arnaldo? Amava Zé Luis?

Saltou no aeroporto e correu ao hospital. Mas ao tomar o taxi levava no rosto

SENUN

AFASTADO O PERIGO DAS SALADAS!

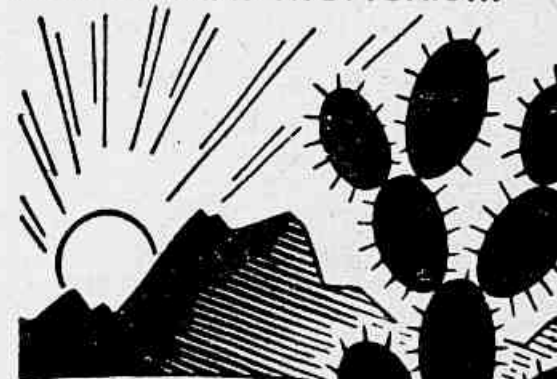
NAO SE PRIVE DAS VITAMINAS NECESSARIAS A SUA SAUDE, USE AS SALADEIRAS ESTERILISANTES

FABRICADAS PELO PROCESSO **SENUN**

ESTERILISANTE



NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES DELICADAS PEDEM

A Polvilho Antisséptico

GRANADO



BROTOEJAS ASSADURAS FRIEIRAS SUORES FÉTIDOS

BUSTO IDEAL

EM DOIS MESES COM AS

PILULES ORIENTALES

TONICAS E RECONSTITUINTES

Sempre bemfezejas para a saúde



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. RATIE, — farmacêutico — 45, rue de l'Éclairer — PARIS — É vendida em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Caixa Post. 2552, RIO DE JANEIRO (Apro. J.N.S.P. sob o N. 57 em 26-6-1917)

Publicidade para A CENA

MUDA em São Paulo: —

Rua Álvares Penteado, 180,

Sala 502 — Telef.: 3-2649



Metrolina

anlisséplico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

SURPRESAS DE UM PROFESSOR

(Continuação da página 45)

cês. Dê-me as informações de que preciso e podem ir embora. Ambos. Você e ela.

Em tórno, lá estavam todos os homens a comer salsichas, pão e a beber vinho.

O professor sentia bater com força o coração. Mas seu olhar e sua voz estavam firmes.

— Quer dizer que o senhor está nos oferecendo uma barganha; o nome do tal homem contra nossas duas vidas, não é?

A moça interveio aflita:

— O nome não: a vida dele, Enrique! Eles o matarão!

Henry franziu a sobrancelha e perguntou:

— Atravessarão a fronteira?

— O senhor não compreende... — disse ela angustiada. — Tais cousas...

— Tais cousas, acrescentou Don Salva — acontecem de ambos os lados, não é isto menina?

Miranda olha desesperadamente para Henry, e diz:

— Se lhe dissermos o seu nome, não nos mandarão embora imediatamente. Primeiro o matarão, para depois nos soltarem.

— E' isto mesmo, Don Salva? — Pergunta Henry.

— Pablo, diz Don Salva, quanto tempo você levará para ir a Ax e voltar usando sua vereda de contrabandista? Pode levar o burro.

Pablo olha a altura do sol.

— Estarei lá um pouco antes de meia noite. Se tudo correr bem, estarei de volta um pouco antes do escurecer.

Don Salva salpica um pouco de sal nos ovos cozidos, devora-os e diz:

— Você está vendo aquele pico ali, Pablo? Quando regressar nos dê aviso com o reflexo de um espelho, por três vezes, sinal de que tudo saiu bem. Assim economizaremos duas ou três horas. — Seguramente, respondeu o capanga.

— Agora, professor Henry, diga-me o nome dele, e quando Pablo fizer o sinal com o espelho, você e a menina poderão ir sem medo nenhum. Dou-lhes minha palavra. Acha que minha palavra não basta, professor?

O professor Bow estava numa situação difícil. Sabia que aquele homem rústico podia cumprir a palavra. Mas lhe respondeu:

— Não aceito sua proposta.

— «Muy bien», bradou Don Salva na sua língua nativa e a derramar vinho pela boca. Limpou seus dedos num guardanapo, passou-o depois no bigode elegante e jogando-o como uma bola a Martin, ergueu-se e disse:

— Esperava evitar medidas extremas. Desejei levar a coisa pelo lado mais brando, especialmente por se tratar de um estrangeiro. Mas o senhor não aceita. Muito bem. Força-ma a agir de outra maneira. — Voltou-se para um lado e bradou: Pablo! Miguel!

Os dois homens acorreram.

— Levem a moça para a casa. Amarrem-na e raspem-lhe o cabelo. Se isso não surtir efeito, metam-lhe estiletes sob as unhas. Ela falará.

Pablo e Miguel agarraram Miranda. Outros homens apontaram suas armas para Henry. Ela lhe lançou um olhar suplicando que nada dissesse, ficasse em silêncio.

— Não se mexa, professor Bow. — Diz Don Salva. Um homem morto não poderia socorrê-la. Só mesmo um homem inteligente poderia salvá-la. — Fez um sinal para Miguel e Pablo e estes esperaram novas ordens. Don Salva como que recorrendo a um último esforço falou em tom sussurrado:

— Talvez você não creia, professor; mas estou sendo forçado a fazer isto contrariamente. Com uma palavra sua, ambos estaríamos livres desse episódio que muito me incomoda. Quero apenas uma informação, mas vocês dois se obstinam e preferem passar à lista de heróis, futil e inutilmente. Confesso que sou forçado a fazer isto por sua teimosia, professor, que expõe esta menina a uma tortura inútil. Em nome de Deus lhe pergunto, professor Bow, por que me força a proceder desta maneira?

Henry Bow ouvira aquele sermão com o coração oprimido. Sabia que, se não revelasse o nome daquele homem, Miranda seria barbaramente torturada, talvez assassinada, e ele depois estaria à mercê daqueles bandidos. Don Salva expusera a situação com a calma e a técnica de um professor a dar aulas em sua cátedra diante de discípulos. Sua lógica era sólida. O calor ruborizava as faces de Henry e ele sentiu na boca o gosto salgado das gotas de suor que deslizavam pelo rosto afogueado. Olhou a altura do sol. Nada obtendo em resposta, Don Salva ordenou:

— Levem-na!

— Espere! — Exclamou Henry.

— Não! Henrique! — Gritou aflita a jovem temendo a confissão do professor.

— Ele está no hospital de «Ax-les-Therms», revelou Bow. Encontrei-o por acaso. Ele...

A jovem arranca com violência das mãos dos dois homens que a subjugavam e grita na cara do professor, com toda a força de sua indignação:

— Covarde! Covarde! Covarde!

Os homens a detêm, enquanto Henry procura tapar-lhe a boca com a mão. E continua a contar a história:

— Ele foi acometido de um ataque cardíaco; encontrei-o na estrada perto de Ax. Coloquei-o em meu carro e o levei ao hospital, em estado desesperador. Foi aí que ele me pediu que trouxesse a este posto as mensagens...

Miranda parecia querer vará-lo com os olhos.

— E seu nome?

Bow se lembrou da recomendação da irmã Leclerc quando disse: «Ele não pode ser visitado por ninguém até amanhã, à noite». E então respondeu à pergunta de Don Salva.

— Chama-se... Carlos Cajal.

Um silêncio tumular se seguiu a estas palavras. Apenas o ruído da cascata se fazia ouvir.

Bow evitava olhar a jovem, que, exausta se sentara numa pedra.

— Pablo! — Ordena Don Salva. — Cumpra as instruções. E voltando-se para Martin: monte guarda ao posto esta noite.

Bow, mais aliviado, tirou um cigarro do bolso. Mentalmente dava balanço nessa partida desigual e perigosa em que estivera metido. Tudo agora dependia da missão que levava Pablo ao hospital de Ax.

No dia seguinte...

Precisamente à hora prevista, viram eles três lampejos cintilar no topo de um monte dirigidos para o posto. Era o sinal.

— Ele está morto! — Bradou Don Salva.

No seu íntimo o professor gozava o blefe que havia passado naquele falcão, que estava a comer gato por lebre. Contudo, ainda estava preocupado com Garrigo.

— Está livre, professor! — Disse ele. — As portas desta «prisão» estão abertas... para ambos. Podem ir.

O professor tomou a mão da jovem. Nenhum dos dois pudera dormir. Nenhum deles estava tranquilo. Ambos temiam traição dos seus dominadores. Desceram até ao jeep, quando já estavam além das fronteiras, é que puderam respirar desafogados. Que pesadelo!

— Ainda nos resta uma dúvida, Miranda.

— Sei qual é, professor.

— Mas, já saberemos.

O carro parou à porta do hospital. Eles saltaram e tocaram a sineta. A mesma irmã Leclerc veio falar-lhes.

— Como está Carlos Cajal, irmã?

A freira olhou Henry com seus claros e mansos olhos azuis, e informou:

— Morreu ontem, um pouco antes do crepúsculo. O senhor é o segundo visitante que pergunta por ele... muito tarde.

— O segundo?

— Sim. O primeiro foi um camponês que veio vê-lo, cerca de meia noite. Disse-me que embora muito tarde da noite, mas precisava dizer adeus ao seu amigo... o que não foi mais possível.

— Sei, disse Henry. Muito obrigado.

— E Juan Garrigo, irmã?

— Ele tem perguntado pelo senhor.

— Poderei vê-lo, irmã? — Falou Miranda.

— Conhece-o também? — Perguntou a irmã a sorrir.

— Sim... sim... ele é meu espôso.

A irmã seguiu para a enfermaria onde estava Garrigo e fez sinal para Miranda a acompanhar. A jovem, não podendo conter a lágrimas de gratidão pelo golpe que Henry aplicara em favor de sua salvação e da de seu espôso, tomou-lhe a mão beijou-a como se beija a mão de um benfeitor enquanto lhe perguntava em voz baixa:

— Ainda duvida «Enrique...» Ainda?...

E seguiu a irmã, para levar ao espôso o sorriso de seu amor.

uma resolução inabalável, fruto de todas as oscilações em que se debatera quase um ano. Finalmente encontrara a verdade, a única e positiva verdade.

Chegando ao hospital, indagou o número dos quartos de Arnaldo e Zé Luis. Seguiu com passo firme, o coração batendo loucamente como se começasse a amar pela primeira vez. Ao fundo do corredor estavam os dois quartos. A porta da esquerda era Arnaldo; a da direita era Zé Luis. Pe-

quenina tomou resolutamente o lado do coração. Abriu a porta, trêmula de emoção: da cama, muito pálidos, aqueles lá-

bios queridos abriram-se num sorriso. Pequena teve um frêmito de paixão. Atirou-se para os braços que a chamavam.

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr\$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

— Querido! Meu querido! Pensei que não o veria mais! — e as lágrimas lhe caíam no rosto enquanto o beijava.

— Minha tola!

Ela afastou-se ligeiramente para lhe ver o rosto. Passou-lhe a mão nos cabelos, fitou-lhe os olhos suaves. Depois tornou a beijá-lo e escurteou seus lábios até seu ouvido. Do fundo do seu peito uma voz que não mentia fez-se ouvir de mansinho:

— Arnaldo... eu o adoro!



DRAGO

Nº 27

Por
Hogart

DEIXANDO DARBY COM TABASCO NO ESCONDERIJO, DRAGO PARTE PARA TENTAR DESVENDAR O SEGREDO DO MISTERIOSO CARRETEL

TENHA MUITO CUIDADO, DRAGO. RODRIGO ESTA' DISPOSTO ATE' A MATAR PARA APODERAR-SE DO IDOLO! NÃO SE ARRISQUE!

NÃO SE PREOCUPE COMIGO, DARBY QUERIDA. TENHO UM BOM REVOLVER PARA ME DEFENDER... ATE' LOGO! NÃO DEMORAREI MUITO!



ESTOU CONVENCIDO DE QUE RODRIGO ESTA' ENTERRADO ATE' O PESCOÇO EM ALGUM NEGÓCIO ESCURO! NÃO SEI DE QUE SE TRATA... MAS TENHO UMA PISTA



ESTE CARRETEL É A CHAVE DE TUDO... VEJAMOS... A ESTAÇÃO DE RÁDIO FICA NESTA DIREÇÃO. QUERO COLOCAR O FIO NUMA VITROLA ESPECIAL...

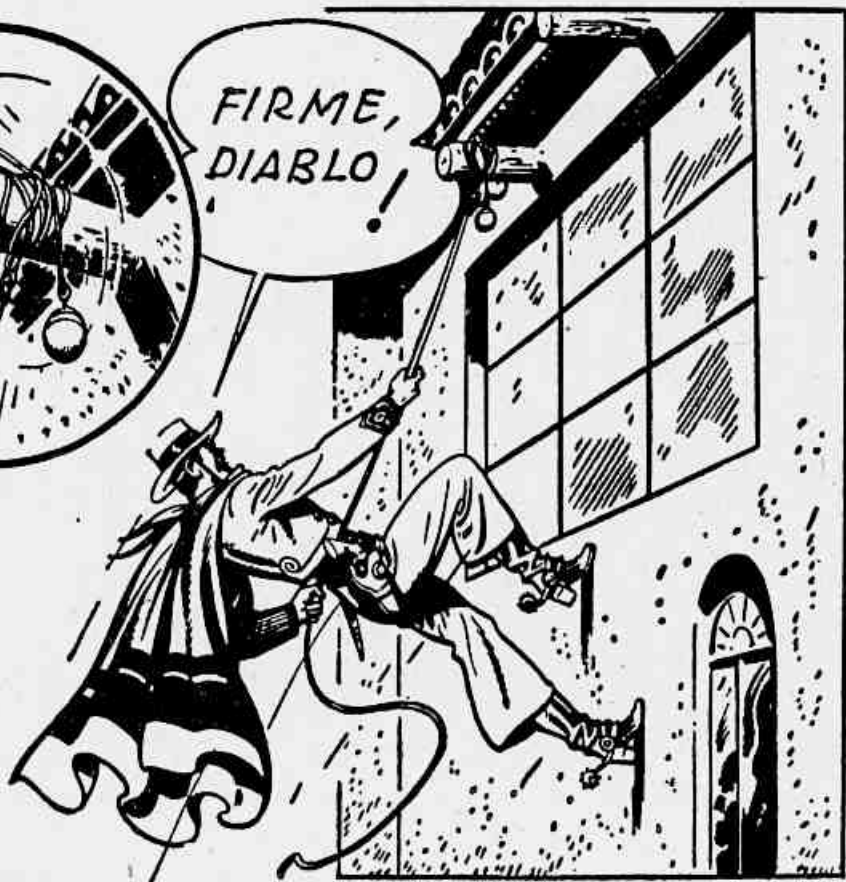


CHEGANDO A' ESTAÇÃO DE RÁDIO, DRAGO LANÇA MAO DAS BOLAS

AS BOLAS ENROSCAM-SE NUMA VIGA

FIRME, DIABLO!

FIRME, DIABLO!



... A' NOSSA MODA!

EHHH! QUE SIGNIFICA ISSO?



NÃO TENHA MEDO, CARO AMIGO. SABE O QUE É ISTO?

SEI SIM!



É O FIO DE UMA MÁQUINA MAGNÉTICA DE GRAVAR!



EU JÁ SABIA! QUERO QUE TOQUE ISSO PARA MIM!

É JÁ!



Cop. 1946, N. E. Ford Corp.

5-5-46

DRAGO OBRIGA O OPERADOR DA
ESTAÇÃO RÁDIO A TOCAR O FIO

EU BEM SABIA
QUE HAVIA
MENSAGEM
GRAVADA NESTE
FIO! ESTE FIO
HÁ DE CANTAR
BEM ALTO...

FRANCAMENTE
RAPAZ, NÃO
ESTOU ENTEN-
DENDO
NADA.

JA' SEI!
A MENSAGEM
ESTA' EM
CÓDIGO!

SO' HA' UMA MANEIRA DE RESOLVER O PROBLEMA. A MENSAGEM ESTA' EM CO'DIGO E RODRIGO PODE DECIFRA-LA. VAMOS VOLTAR PARA DEL OMBU. ELE REAVERA' O IDOLO, MAS PRIMEIRO TROCAREMOS O CARRETEL POR ESTE AQUI!

NÃO DISCUTA, AMIGO.
TOQUE O FIO E
BICO
FECHADO.

SIM...
ESTA-
VA
BRIN-
CAN-
DO...

3. PRIMEIRO
COLOCO-O NA
MAQUINA ...
FRONTO... AGORA
LIGO...

QUE DIABO
DE BARULHO
E' ESTE?

E' O QUE ESTA
GRAVADO NO
FIO.



OBRIGADO, AMIGO!
VOU LEVAR O CAR-
RETEL... É MAIS UM,
OUTRO, SÓ PARA DAR
SORTE. ADEUS!

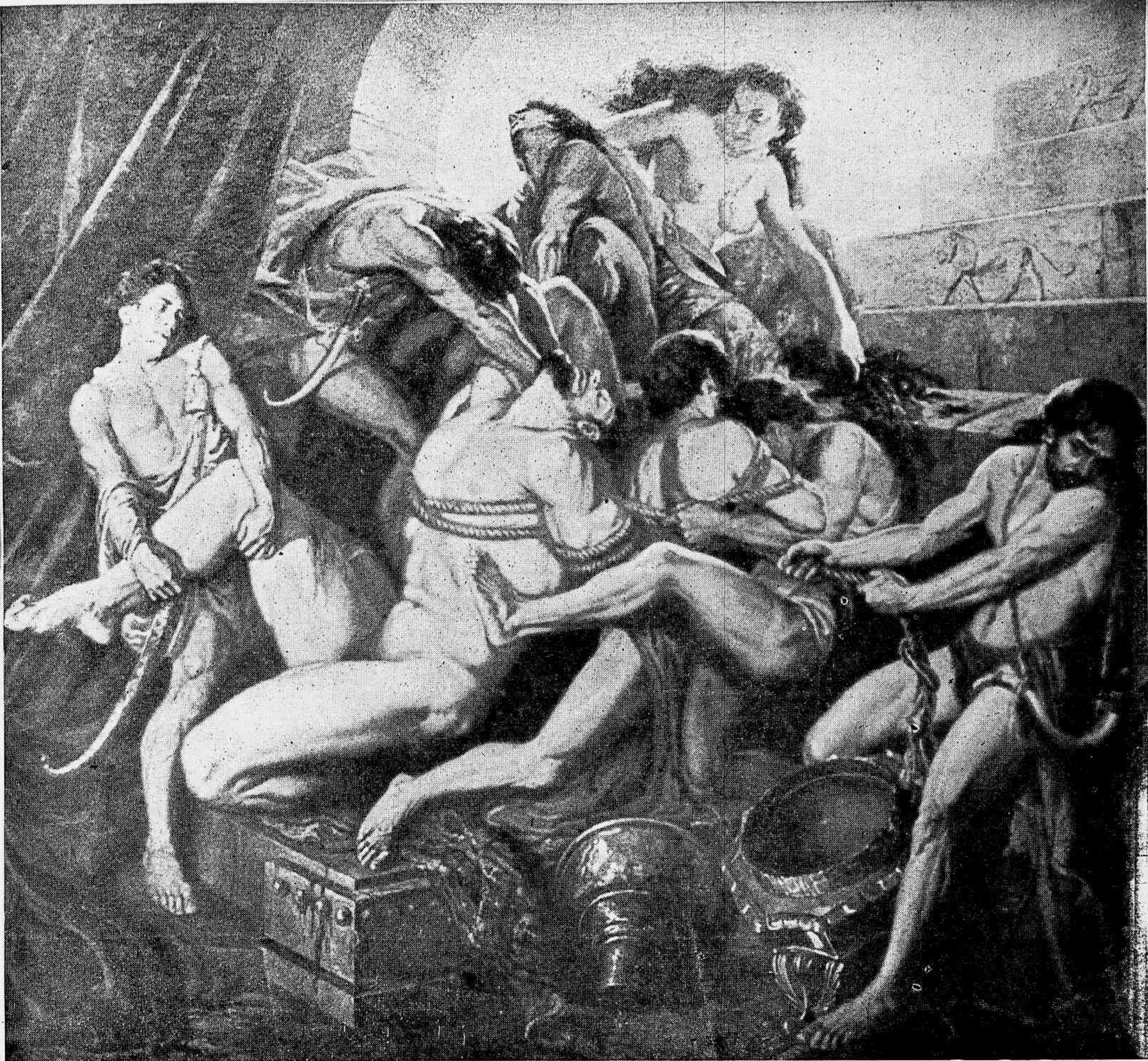
VAMOS
EMBORA,
DIABLO.

ELES NOS ESFO-
LARÃO VIVOS
QUANDO SOBEREM
QUE O IDOLO
DESAPARECEU

ESCUTE!
ONDAS CURTAS
É O NOSSO
SINAL.

CHAMANDO XI
A POSTOS!

NUMA SALA
SECRETA,
EM DEB
OMBU



"Vingança de Dalila" é o quadro de Osvaldo Teixeira que estampamos acima. Indiscutivelmente, trata-se de um trabalho de valor que vem confirmar os méritos do seu autor

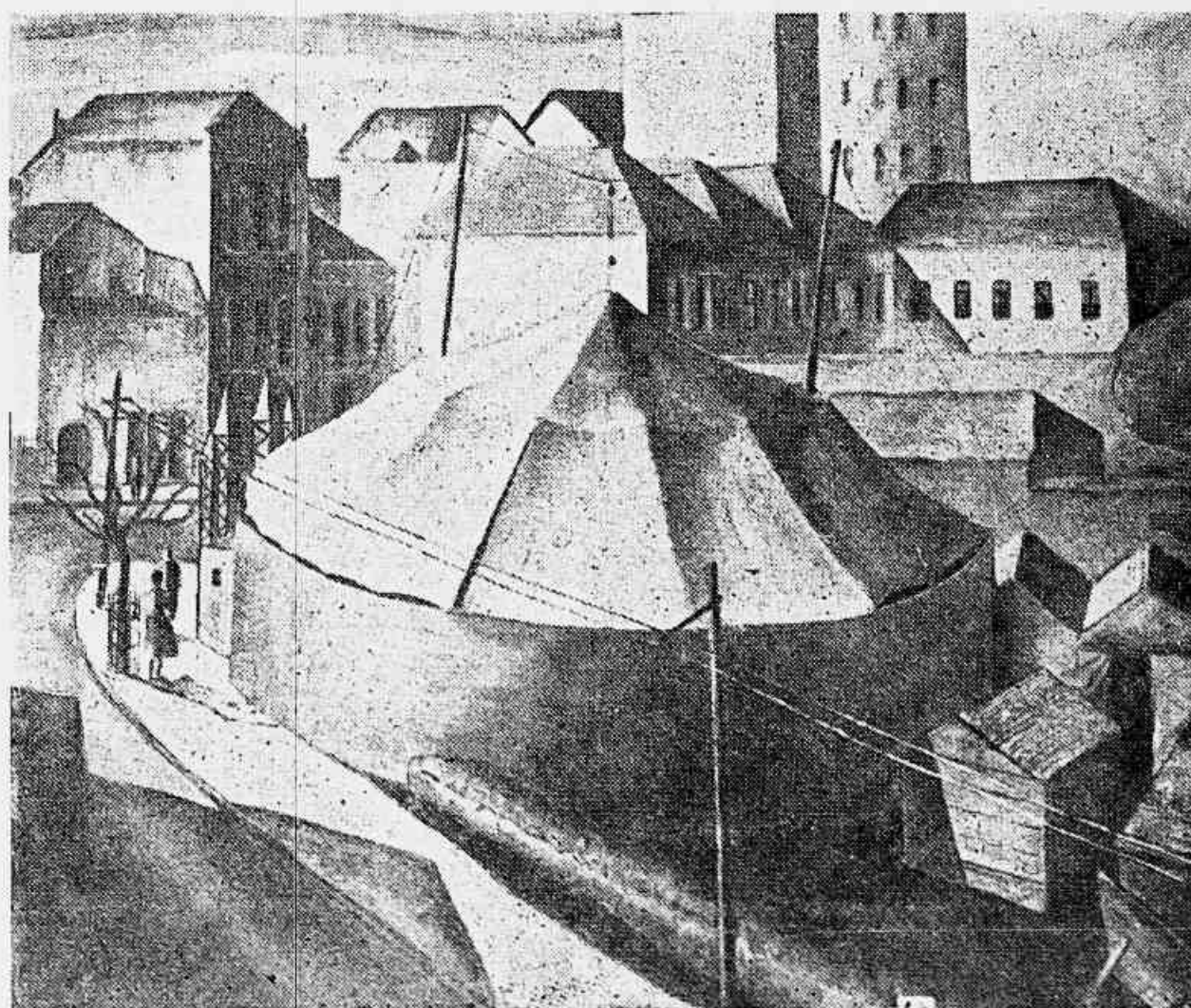
SEIS HOMENS ALCANÇARAM A GLÓRIA

O FREGUÊS DOS BANCOS PÚBLICOS VAI CONHECER PARIS E SUAS OBRAS DE ARTE ★ QUANDO AS TABULETAS AJUDAM A CONQUISTAR UM PRÊMIO DE VIAGEM À EUROPA ★ DOIS PAISAGISTAS VÃO CONHECER ESSE COLOSSO QUE É O BRASIL ★ UM MARI-NEIRO E UM PROFESSOR GANHAM MEDALHAS DE OURO ★ BORGES DA COSTA, O QUE PARTIU

Reportagem de **ARMANDO MIGUEIS**

SEM qualquer preparo publicitário, com sensível atraso e a falta do indispensável catálogo, abriram-se as portas do quinquagésimo terceiro Salão Nacional de Belas Artes. Desta vez, apesar das falhas que apontamos acima, observou-se melhor distribuição de trabalhos e maior critério na escolha dos quadros participantes dessa importante mostra oficial. Parece que acadêmicos e modernistas trabalharam de comum acordo, com o fito de serem evitados os costumeiros estrilos na imprensa... Dêse modo o que no decorrer do ano de quarenta e sete não foi possível realizar, em virtude da discordância existente entre o sr. Osvaldo Teixeira e os demais componentes da família artística do País, fez-se em quarenta e oito. E convém salientar que o próprio Osvaldo Teixeira trabalhou para a concretização desse grande certame de arte, ao qual comparece como simples expositor.

Mas não estamos aqui para falar do conjunto de obras expostas, nem tampouco apreciar as questões originadas nos bastidores do tradicional casarão da avenida Rio Branco. Nossa peregrinação ao Museu Nacional de Belas Artes, onde se abriga o "salon", teve por finalidade a apreciação dos trabalhos premiados, além do entendimento direto com os contemplados. A julgar pelo que nos foi dado ver, o júri não poderia ter sido mais criterioso. Todas as obras contempladas com os prêmios que disputaram revelam méritos indiscutíveis. Tanto na Divisão Geral, onde Flory Gama conquistou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, com a escultura "L'après midi d'un faune", como na Divisão Moderna, em que Clóvis Graciano levantou idêntica láurea, com um estupendo "Auto-Retrato", nota-se a firmeza dos que tiveram o encargo de julgar. Ainda na concessão do Prêmio de Viagem ao Brasil,



As vésperas da abertura do 53.º Salão Nacional de Belas Artes, o pintor Borges da Costa faleceu. Era um dos sérios concorrentes ao prêmio de viagem do país. Como lembrança de sua passagem pelo cenário artístico brasileiro, aí está uma de suas obras



A esquerda — Zaque Pedro, o laureado da divisão moderna, com a "viagem ao país", está representado no "salon", com três quadros: duas paisagens e um auto-retrato. De sua autoria é o trabalho que publicamos. A direita — Os nus, como soe acontecer todos os anos, não poderiam faltar ao salão. Aqui está um assinado por Chembelland

levantado pelo pintor Camargo Freire, com o quadro "Vila Maria", na parte geral, e Zaque Pedro, com uma paisagem, no setor moderno, sente-se o mesmo critério de julgamento. Quanto à concessão das medalhas de ouro, dadas a Pancetti e a Guignard, também não achamos nenhum desacerto. Somente o negar-se a Djanira a medalha de prata, é que estamos com Rubem Braga. O júri foi injusto, compreendendo-se o valor do trabalho exposto pela vitoriosa artista patriciã, que nos Estados Unidos conquistou a crítica e o público. Djanira, indiscutivelmente, é uma das mais expressivas figuras do nosso meio artístico. Negar-lhe a medalha de prata foi menosprezar o seu poderoso talento criador. Ainda bem que esse fato em nada alterará o programa da vitoriosa pintora. Ela continuará pintando, como se nada de anormal existisse.

EMULO DE DEGAS... NA ESCULTURA!

Flory Gama inspirou-se na escola de Degas, modelando no barro bruto os passos coreográficos de nossas primeiras bailarinas. Oito anos seguidos o artista maranhense esculpiu as figuras clássicas do bailado nacional, disputando com esses trabalhos a conquista do Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Porém, só em quarenta e oito conseguiu ver seu nome sufragado por dezessete membros do júri, alcançando, assim, a láurea máxima de sua carreira. Ainda desta vez foi na dança que Flory Gama buscou o motivo para compor sua apreciável obra. Inspirou-se numa página de Debussy, criada por esse grande bailarino que foi Nijinsky. Dêsse modo, nasceu "L'après midi d'un faune", em que a colaboração da graciosa Luz del Fuego foi reclamada pelo escultor.

Flory Gama é artista por vocação. Menino ainda, sentiu-se atraído pela escultura, passando a modelar no barro toda a sorte de calungas. Mais tarde, incentivado por um parente, foi beber nas proveitosas lições do escultor Newton Sá os ensinamentos indispensáveis à nobre arte. E quando o governo maranhense lhe concedeu uma bolsa de estudos, a fim de ampliar seus conhecimentos na Capital da República, o autor de "L'après midi d'un faune" tratou de arrumar sua bagagem e demandar para o Rio. Aqui chegando, esperavam-lhe inúmeras dificuldades. Frequentou os bancos de nossas praças públicas, dormiu nos indefectíveis porões da Escola de Belas Artes, alimentou-se com simples mēdia e pão. Mas nessa luta tremenda, em que colocou acima de sua própria subsistência o ideal artístico, Flory Gama triunfou. Seus trabalhos figuram em

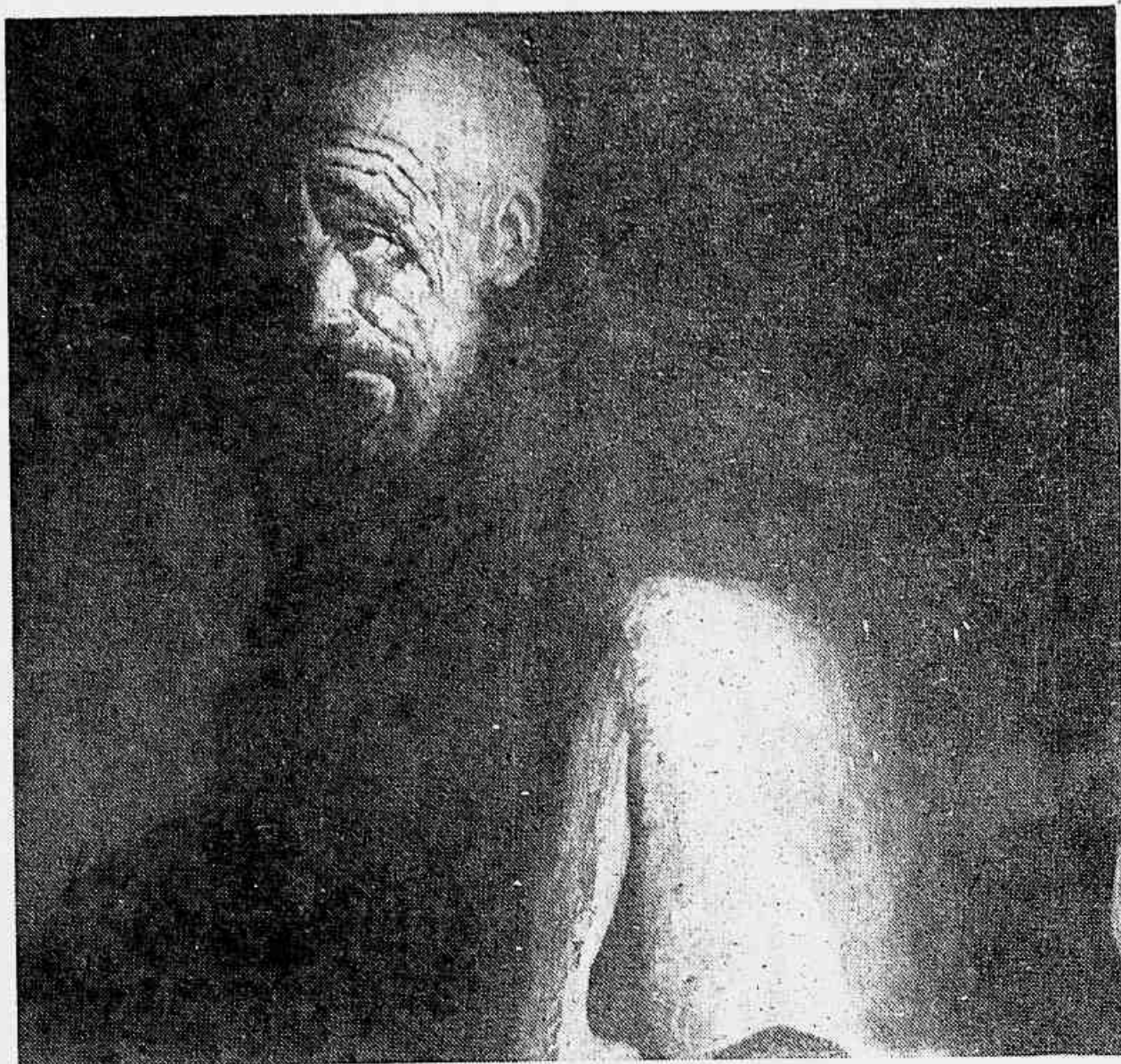
museus norte-americanos, além de se espalharem por diversos centros de arte. No Brasil, o jovem artista enriqueceu coleções particulares, aumentou o acervo do Museu Mariano Procópio e do Museu Nacional de Belas Artes.

Como todo escultor, nosso focalizado possui sua própria coleção. E, por assim dizer, um autêntico e rico museu, em que se acham reunidas para mais de seiscentas peças, inclusive o busto do tio que o estimulou na carreira auspiciosamente seguida. Agora, com a conquista do Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, Flory Gama vê abrirem-se novos horizontes à arte que cultivava. E' seu desejo, conforme palestra mantida conosco, iniciar sua excursão pela França, onde pretende entrar em contacto com os mestres da escultura e tomar conhecimento desse poderoso centro artístico que é Paris. Da terra gaulesa, o artista patricio

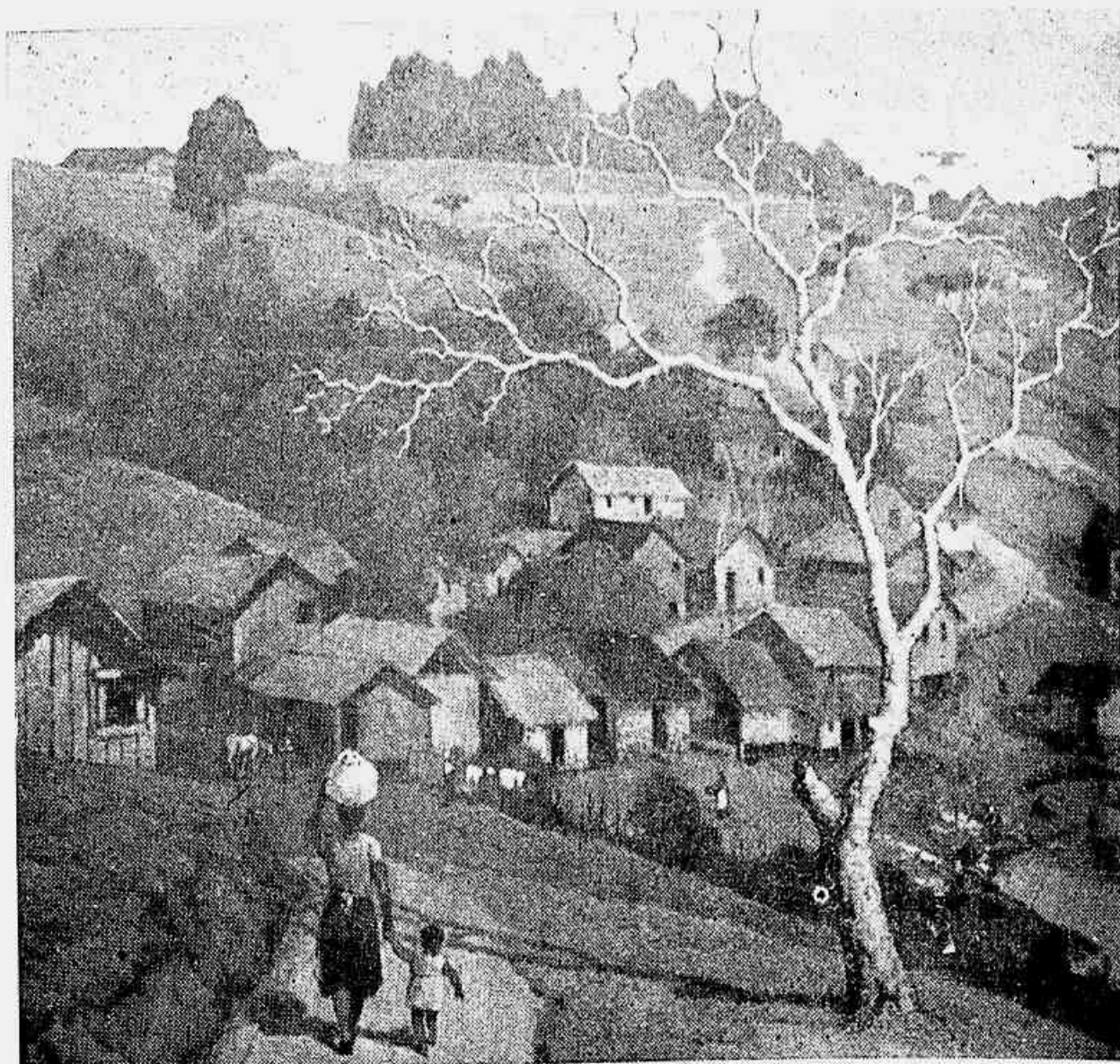


A esquerda — Quadro de Jurandyr Campos que deu ao seu autor o prêmio de medalha de ouro no salão de 1948. A direita — O marinheiro Pancetti conquistou a medalha de ouro com a tela acima. E' mais uma vitória do conhecido artista que na Marinha de Guerra, iniciou seus primeiros passos na arte. Na página ao lado — Depois de dormir nos bancos de jardim e habitar nos porões do Museu Nacional de Belas Artes, Flory Gama conquistou o "prêmio de viagem ao estrangeiro", com o trabalho "L'après midi d'un faune". Para esta composição posou a bailarina Luz del Fuego





A direita — Camargo Freire, na divisão geral, concorreu ao "prêmio de viagem ao país". E, com a paisagem acima, ele foi contemplado pelo júri, devendo viajar por todo o Brasil. A esquerda — Guignard também conquistou a medalha de ouro com o expressivo desenho que encima estas linhas. E' um trabalho que revela a firmeza de traços do popular e consagrado artista.



irá à Itália, a fim de melhor conhecer os grandes trabalhos dos mestres italianos. E' possível, ainda, que outros centros sejam por ele percorridos, tudo dependendo dos meios e do tempo. Sua partida para o Velho Mundo deverá ocorrer nos primeiros dias de março, logo depois do Carnaval. E' que o escultor de bailarinas não deseja perder a festa máxima do carioca. Principalmente depois de ter conquistado a láurea máxima de sua carreira.

DE PINTOR DE CARROÇAS A LAUREADO DO "SALON"

Clóvis Graciano é o que se pode chamar artista da força de vontade. Enfrentando a realidade da vida, quando a maioria vive entregue aos brinquedos e aos carinhos maternos, ele teve sua atenção voltada para as tintas. E quando, na oficina de ferro em que trabalhava, surgiu a oportunidade de pintar carroças, aquele garoto de pouco mais de dez anos ofereceu-se para a tarefa. Era de ver-se com que alegria fazia deslizar o pincel na madeira bruta dos carros de bois. Mais tarde, ainda como pintor de tabuletas, vamos encontrá-lo na Estrada de Ferro Sorocabana. Desenvolvendo a vocação para a pintura, Clóvis Graciano vê chegar o ano de 1932. Eis quando estala o movimento revolucionário de São Paulo. Desta vez ele abandona o pincel para empunhar o fuzil, marchando resolutamente para as linhas de frente. Porém, logo foi feito prisioneiro, vindo a conhecer as galerias da Casa de Detenção. Dêse presidio é levado para a Ilha Grande. E quando lhe concedem liberdade rumo para a terra bandeirante, onde se torna discípulo de Valdemar Costa. Aí cresce o seu interesse pela arte, passando a desenvolvê-la com maior intensidade. Toma parte em algumas mostras, expõe individualmente no Centro Paranaense e vai ao "salon" disputar duas medalhas. Conquista a de ouro, com um trabalho de pintura. Levanta a de prata, com um desenho. Seu nome passa a ser comentado nos meios artísticos. Graciano é chamado para ilustrar livros. Finalmente, vem o quinquagésimo terceiro Salão Nacional de Belas Artes. O artista paulista, encorajado com os resultados obtidos, enfileira-se entre os candidatos ao Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. O júri concede-lhe a láurea. Foram vinte e um votos a favor.

Clóvis Graciano pretende viajar dentro de três meses. Seguirá diretamente para Paris, por achar ser o centro tradicional da cultura artística e nele residirem os maiores nomes da pintura moderna. Dessa cidade estenderá a sua peregrinação artística pela Itália, Holanda e possivelmente à Bélgica, a fim de observar as diversas escolas européias. Tal como seu colega Flory Gama, Clóvis possui trabalhos espalhados pelos diversos centros artísticos do mundo, uma vez que já expôs na Ar-

gentina, no Chile, em Londres, na França e em diversas cidades norte-americanas. Aliás, na Exposição de Arte Moderna realizada em Londres, no decorrer de 1943, seus quadros alcançaram invulgar interesse.

O triunfo indiscutível desse artista mereceu do cronista Rubem Braga as seguintes palavras: "Depois do prêmio de viagem ao marinheiro Pancetti, esse prêmio de viagem ao ferroviário Graciano é uma coisa reconfortante neste país de tanta injustiça".

A PAISAGEM PREDOMINANDO

Camargo Freire e Zaque Pedro conquistaram o Prêmio de Viagem ao País. Ambos se dedicaram à paisagem, focalizando aspectos de nossa terra. Como seus companheiros acima, buscaram na arte a razão de ser da própria existência. Foi na paleta e nos pincéis que eles descobriram algo criador, daí se interessaram pela pintura. O primeiro, seguindo o academicismo. Zaque Pedro, espírito mais jovem, deixou-se empolgar pela escola moderna. Aliás,

os trabalhos que expôs nessa mostra revelam-nos um artista liberto de quaisquer convencionalismos. Pintura objetiva, muito ele poderá realizar, caso não se deixe cair no comercialismo barato, erro em que têm incidido algumas expressivas figuras de nossos meios plásticos.

A respeito do marinheiro Pancetti, que vem de conquistar a medalha de ouro, nada mais nos resta dizer. Artista consagrado pela crítica nacional e estrangeira, sua presença no "Salon" deste ano vem confirmar seus méritos anteriores. E' o mesmo artista que conquistou galhardamente o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro. Sua pintura não sofreu retrocesso. Ao contrário, achamo-lo mais firme no desenho.

Também de Guignard pouquíssimo temos a dizer. Conhecido em todos os meios culturais do País, através de uma obra sadia, foi justíssima a concessão que lhe fez o júri, premiando-o com a medalha de ouro.

O DOLOROSO DO CERTAME

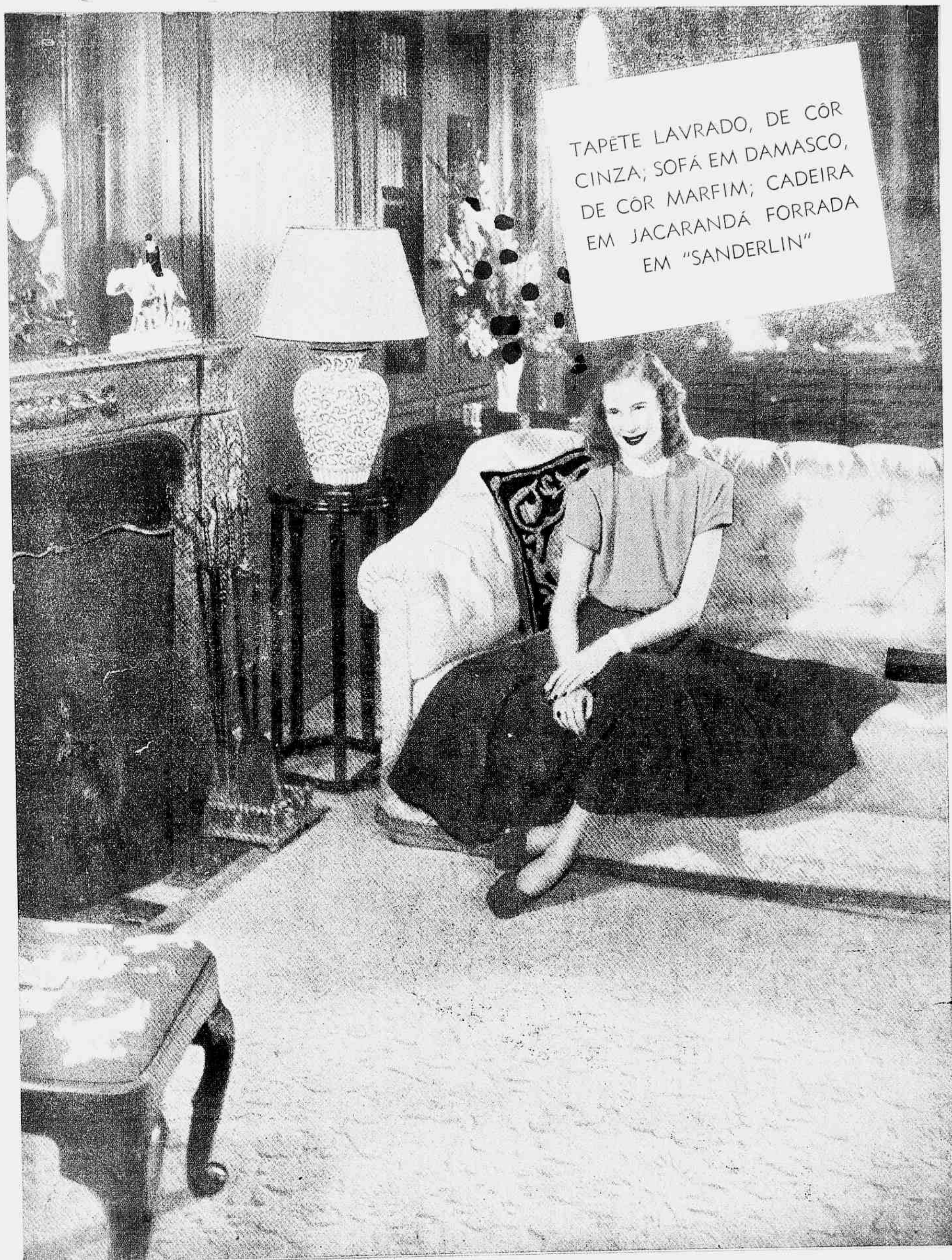
A empanar o maior brilhantismo desse certame oficial, tivemos a morte inesperada de Borges da Costa. Sério concorrente ao Prêmio de Viagem ao País, cerrou para sempre os olhos no dia em que se realizava o "vernissage". Foi uma morte brusca a desse futuro artista. Saído do Núcleo Bernardelli, onde tanto pugnou pelo ideal artístico daquela plêiade de jovens que todas as noites se reunia para pintar, Borges da Costa cresceu na admiração de seus companheiros através de sua palavra de confiança e fé no futuro das artes plásticas no Brasil.

Desenhista de uma empresa canadense, via-se forçado a dividir o tempo da melhor maneira possível, sacrificando muitas vezes o estômago, para trabalhar em algum quadro. Quando alcançou a medalha de prata, não mais descansou para a conquista do Prêmio de Viagem ao Brasil. Empenhou-se na aquisição de seleta e cuidada biblioteca, reunindo o que de mais interessante se publicou sobre os mestres da pintura. Estudou com verdadeiro carinho a combinação de cores e não mais perdeu uma mostra de arte. Ao Salão compareceu com três trabalhos, confiante na decisão do júri. Porém a morte não quis satisfazer-lhe o desejo. Arrebatou-o, justamente, quando se preparava a abertura da grande exposição.

Conquanto isolado do convívio da família artística brasileira, Borges da Costa está presente no quinquagésimo terceiro Salão Nacional de Belas Artes. E se o júri não lhe concedeu o prêmio que tanto ambicionava, nem por isso ele deixou de viajar. Foi conhecer as regiões celestiais, onde Deus, o verdadeiro artista, fez seu atelier de trabalho.



Djanira, apesar de merecedora da medalha de prata, não a conseguiu. Mas a querida artista nem por isso desanimou. Neste quarenta e nove ela voltará a disputar cobiçado prêmio.



Mobiliários e Decorações

orçamentos e sugestões por decoradores especializados

UM MUNDO DE TAPETES

persas, indianos, francêses, inglêses, portuguêses e nacionais... a preços do outro mundo!



FUNDADA EM 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO



Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um
cigarro que as senhoras aceitam sem-
pre com satisfação. Mistura das mais
felizes, HOLLYWOOD é um distintivo
de bom gosto e paladar apurado.

CIGARROS

Hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS Souza Cruz